
INDICADORES IBGE

volume 7
número 7
julho de 1988
publicação mensal

SUMÁRIO

3 LEITURA RÁPIDA

5 ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR – INPC,
ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLO –
IPCA E ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR – IPC

7 Tabelas (variação geral; principais contribuições na variação
mensal; números índices e variações; pesos, variação mensal
dos grupos, subgrupos e itens).

15 PESQUISA MENSAL DE EMPREGO – PME

22 Tabelas (taxa de desemprego, ocupados, conta própria e rendi-
mento médio).

37 INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA

52 Tabelas (produção física – Brasil e produção física por re-
giões).

63 SISTEMA NACIONAL DE PESQUISA DE CUSTOS E ÍNDICES DA CONSTRUÇÃO CIVIL – SINAPI

66 Tabelas (custo médio, número índice e variações percentuais;
custos de projetos; salários-hora das categorias – maio-88).

79 ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

81 Tabelas (área, produção e rendimento médio – um confronto
de safras com estimativas; confronto entre estimativas; ce-
reais e leguminosas, e oleaginosas – confronto de safras com
estimativas; abate de animais, produção de leite e ovos).

85 SUPLEMENTO I – A MORTALIDADE INFANTIL NO BRASIL NOS ANOS 80

CONVENÇÃO

– Quando, pela natureza do fenômeno, não puder existir o dado.

COLABORADORES:

Bruno Marcus Rangel Pessanha

Carlos Alberto C. da Fonseca

Heloisa de V. Medina

Ivan Gelabert Barbosa

Jairo Augusto Silva

José Leonídio M. Souza Santos

Luiz Antonio Pinto de Oliveira

Luiz Fernando de Oliveira Fonseca

Nadja Loureiro Pernes da Silva

Nilo Lopes de Macedo

Paulo Gonzaga M. de Carvalho

Paulo Roberto Tahan da Fonseca

Reginaldo de Bethencourt Carvalho

Rogério Studart

Silvio Sales de Oliveira Silva

Tereza Cristina Machado Mendes

Programação visual

Pedro Paulo Machado

Produção Gráfica, Distribuição e Vendas

Centro de Documentação e Disseminação de Informações

Av. Beira Mar, 436 — 6º andar — Rio de Janeiro — RJ

CEP 20 021 — Tel.: (021) 533-3094

Números atrasados, Cz\$ 75,00

LEITURA RÁPIDA

Este número de *Indicadores IBGE* traz como suplemento um estudo que busca avaliar os reflexos da crise econômica do início da década sobre a mortalidade infantil.

As variações dos índices de preços calculados pelo IBGE (cuja coleta é feita dentro do mês de referência) romperam, em junho, a barreira dos 20%, situando-se em 22,28% (INPC) e 22,00% (IPCA). Os principais responsáveis por estas altas foram: o pão francês, os ônibus urbanos (principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo), o arroz e os automóveis (no caso do IPCA). O IPC, que é o indicador oficial da economia e cuja coleta de preços compreende metade do mês de referência e metade do mês anterior, variou 19,53% apresentando, também, como destaques o ônibus urbano, o pão francês e o arroz.

A taxa de desemprego aberto situou-se em 4,04% em maio deste ano, apresentando um crescimento de 1,76% em relação a maio-87, mas permanecendo ainda, abaixo das taxas registradas em maio-86 (4,08%) e maio-85 (5,93%). A taxa de desemprego disfarçado (que compreende tanto os desempregados quanto os ocupados que recebem, mensalmente, menos de um piso salarial) situou-se em 18,63%, superior em 6,03% ao desemprego observado em maio-87, mas, ainda, bastante inferior às taxas registradas em maio-86 (23,04%) e maio-85 (24,59%). O rendimento real médio das pessoas ocupadas vem mantendo um comportamento

relativamente estável, desde janeiro deste ano.

A produção industrial apresentou um decréscimo de 1,7% de abril para maio, segundo o indicador mensal sazonalmente ajustado. O principal destaque coube à indústria extrativa mineral (-6,9%), embora quase todos os gêneros industriais, exceto produtos alimentares (+2,0%) e química (+0,7%), tenham apresentado declínio na produção.

Comparando-se a produção do período janeiro a maio deste ano com a de igual período do ano passado constata-se um declínio de 6,1%. Desagregando-se a indústria em complexos, verifica-se que dois deles, têxtil e agroindústria (que apresentou melhor desempenho em 1987), foram os principais responsáveis por esse resultado com quedas de 8,7% e de 11,2%, respectivamente; desagregando-se por regiões geográficas, verifica-se que apenas em Minas Gerais ocorreu aumento da produção industrial (3,0%), sendo que no Nordeste a retração chegou a 10,3%.

O custo médio do metro quadrado da construção civil alcançou, em maio, o valor de Cz\$ 27.310,00, do qual Cz\$ 20.884,12 refere-se ao custo de materiais e Cz\$ 6.426,08 à mão-de-obra. Em relação a abril, o aumento foi de 18,84%, sendo que os preços dos materiais variaram 15,65% e os salários pagos na construção 30,54%.

A partir da última previsão das safras feita em junho, estima-se que a produção

de grãos neste ano superará em 2,15 milhões de toneladas (3,32%) à produção do ano anterior, destacando-se o feijão (57,51%), o algodão (37,66%), o arroz (14,00%), a soja (7,11%), milho (-6,34%) e o trigo (-6,56%).

No período janeiro a maio a produção de leite cresceu 13,20% quando comparada com o mesmo período do ano anterior. No caso dos abates, o crescimento deveu-se aos bovinos (14,00%) e suínos (7,10%), enquanto o abate de aves apresentou um decréscimo de 3,4% no período.

ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR, ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLIO E ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR

RESULTADOS DO INPC E DO IPCA

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor — INPC — apresentou, no mês de junho, variação de 22,28% e o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo — IPCA — variou 22,00%.

Os resultados acumulados encontram-se na tabela abaixo:

O grupo Transporte e Comunicação apresentou a maior variação no INPC do mês de junho, em decorrência, principalmente, dos aumentos concedidos nas passagens dos ônibus urbanos, além das tarifas de táxi e dos automóveis usados; em Alimentação as maiores pressões foram exercidas pelo pão francês, arroz, carnes, açúcar, leite pasteurizado, café moído, refeição em restaurante, farinhas, féculas e massas; no grupo Habitação, os destaques foram os artigos de limpeza, aluguel residencial, energia elétrica

VARIAÇÕES DO INPC E DO IPCA, COM ÍNDICES ACUMULADOS

ÍNDICES	VARIAÇÃO (%)			NÚMERO ÍNDICE (março/86 = 100)
	Acumulado em três meses	Acumulado no ano	Acumulado em doze meses	
INPC sem empréstimo compulsório	71,09	178,36	401,00	1.640,83
INPC com empréstimo compulsório	71,09	178,36	400,45	1.642,37
IPCA sem empréstimo compulsório	70,88	176,43	403,11	1.702,56
IPCA com empréstimo compulsório	70,88	176,43	398,54	1.704,01

ca, taxa de água e esgoto; dentre os Artigos de Residência destacaram-se os utensílios e enfeites e os eletrodomésticos; as roupas masculinas exerceram forte pressão no grupo Vestuário; os aumentos nos preços dos cigarros e das mensalidades das associações esportivas foram os responsáveis pelo resultado do grupo Despesas Pessoais; em Saúde e Cuidados Pessoais os destaques foram os artigos de higiene e os produtos farmacêuticos.

A Região Metropolitana de Brasília apresentou a maior variação do INPC do mês de junho (24,03%), observando-se os maiores crescimentos de preços nos grupos Transporte e Comunicação (32,84%), e Alimentação (26,21%). A menor variação ficou com a Região Metropolitana de Belém (18,81%).

NOTA EXPLICATIVA DO IPC

O Índice de Preços ao Consumidor — IPC — é o indexador oficial da economia brasileira, criado através do Decreto-Lei n.º 2.284 de

10 de março de 1986. De 28 de fevereiro de 1986 até outubro do mesmo ano, o IPC foi calculado pela metodologia do IPCA, de novembro de 1986 em diante, passou a ser calculado pela metodologia do INPC.

O número índice de fevereiro refere-se à data de 28-02-86.

A variação de março de 1986 corresponde ao movimento de preços observados entre o dia 28 de fevereiro de 1986 e a base, definida pelos preços coletados em março de 1986.

Até maio de 1987, o IPC foi calculado com base nos preços coletados no mês civil. O IPC de junho de 1987 foi obtido comparando-se a média dos preços vigentes, no período de 16 a 22 de junho, com a média dos preços constatados no mês de maio, conforme determinação do Decreto-Lei n.º 2.335 de 12 de junho de 1987 e a Portaria n.º 186 de 18 junho de 1987. A partir de junho, também em cumprimento ao Decreto-Lei n.º 2.335, o IPC passou a ser calculado, com base na média dos preços apurados, entre o início da segunda quinzena do mês anterior e o término da primeira quinzena do mês de referência.

1 - VARIÇÃO GERAL E POR GRUPOS DE PRODUTOS,
SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS
INPC - Junho de 1988

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tação	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	18,81	16,14	25,61	19,64	22,39	21,09	19,32	20,03
Fortaleza.....	21,31	23,87	22,18	16,47	23,37	8,69	19,66	18,58
Recife.....	20,10	21,43	19,09	17,63	19,14	21,18	18,06	16,41
Salvador.....	20,21	20,94	19,63	19,59	22,92	22,35	17,18	16,83
Belo Horizonte.....	20,45	22,22	18,03	18,12	21,77	20,39	18,08	18,20
Rio de Janeiro.....	22,57	22,37	22,30	22,56	21,74	32,96	18,51	17,70
São Paulo.....	23,28	25,33	25,16	21,97	18,28	23,74	18,42	20,22
Curitiba.....	22,30	26,77	18,07	23,01	19,55	18,50	19,63	19,26
Porto Alegre.....	22,89	26,85	16,81	24,13	17,38	26,82	18,01	18,39
Brasília, DF.....	24,03	26,21	22,64	20,79	18,98	32,84	18,31	17,84
INPC.....	22,28	23,54	22,63	21,37	20,05	25,26	18,43	18,63

IPCA - Junho de 1988

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tação	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	20,00	16,82	23,87	18,53	22,19	22,74	19,08	20,53
Fortaleza.....	20,97	23,56	21,39	16,36	23,37	19,31	18,37	17,69
Recife.....	19,44	21,25	20,06	17,05	19,20	20,84	17,75	14,80
Salvador.....	19,55	20,95	19,76	21,44	23,35	20,65	17,18	14,97
Belo Horizonte.....	20,32	22,66	18,62	19,15	21,73	20,77	18,27	17,22
Rio de Janeiro.....	22,33	21,77	24,12	25,71	21,42	28,15	19,47	16,74
São Paulo.....	22,85	24,49	26,26	23,38	17,59	22,52	18,07	20,47
Curitiba.....	20,93	25,53	20,11	22,63	19,79	19,08	19,94	17,79
Porto Alegre.....	21,27	26,29	18,18	24,80	16,40	22,30	17,80	16,94
Brasília, DF.....	22,33	24,99	21,46	22,24	20,55	26,73	17,44	16,00
IPCA.....	22,00	23,10	23,83	23,32	19,65	23,66	18,50	17,97

IPC - Junho de 1988

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tação	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	16,12	11,14	18,28	23,10	22,60	37,28	18,27	17,48
Fortaleza.....	19,28	19,98	18,08	15,11	23,54	17,85	16,32	19,17
Recife.....	18,33	18,15	19,65	20,27	14,93	21,70	16,75	17,30
Salvador.....	17,85	17,42	18,88	17,28	22,19	16,04	14,91	19,16
Belo Horizonte.....	17,69	16,99	17,43	18,34	16,66	19,77	16,92	18,96
Rio de Janeiro.....	20,52	18,54	22,55	18,55	20,37	34,66	16,70	17,32
São Paulo.....	20,01	19,28	20,97	19,15	17,61	28,61	14,22	17,54
Curitiba.....	18,80	21,72	15,35	19,91	16,52	18,38	14,77	17,27
Porto Alegre.....	19,66	21,07	15,54	18,50	15,31	30,96	12,94	16,98
Brasília, DF.....	19,45	18,35	19,49	18,51	16,77	30,30	16,22	17,55
IPC.....	19,53	18,64	20,20	18,84	18,47	28,03	15,32	17,65

2 - PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES NA VARIAÇÃO MENSAL INPC - Junho de 1988

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO (%)
Pão francês	31,42	2,01
Ônibus urbano	24,87	1,64
Arroz	29,17	1,20
Cigarro	19,76	0,96
Carnes	23,73	0,92
Aluguel	21,10	0,80
Artigos de limpeza	21,24	0,67
Açúcar	35,35	0,66
Artigos de higiene pessoal	19,11	0,63
Farinhas, féculas e massas	21,26	0,63
Refeição em restaurante	17,30	0,63
Leite pasteurizado	21,46	0,53
Roupas masculinas	21,92	0,49
Produtos farmacêuticos	17,69	0,48
Taxa de água e esgoto	66,27	0,48
Associações esportivas	16,49	0,35
Energia elétrica	23,91	0,35
Táxi	45,87	0,35
Automóveis usados	18,02	0,34
Café moído	22,29	0,33
Somatório	-	14,45

IPCA - Junho de 1988

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO (%)
Automóveis novos	22,46	1,44
Pão francês	31,22	1,09
Ônibus urbano	26,13	0,95
Automóveis usados	18,00	0,92
Refeição em restaurante	17,90	0,75
Carnes	23,96	0,72
Aluguel	26,53	0,72
Associações esportivas	15,69	0,67
Cigarro	19,76	0,64
Taxa de água e esgoto	75,23	0,61
Táxi	48,31	0,60
Arroz	27,91	0,57
Artigos de higiene pessoal	18,78	0,51
Roupas masculinas	21,57	0,49
Artigos de limpeza	21,41	0,47
Leite pasteurizado	21,28	0,45
Produtos farmacêuticos	17,58	0,34
Energia elétrica	23,94	0,33
Cursos formais	21,18	0,31
Açúcar	35,05	0,31
Somatório	-	12,89

IPC - Junho de 1988

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO (%)
Ônibus urbano	31,46	1,95
Pão francês	27,76	1,67
Arroz	27,34	1,08
Cigarro	20,07	0,96
Aluguel	21,11	0,87
Farinhas, féculas e massas	23,01	0,66
Artigos de higiene pessoal	17,49	0,58
Refeição em restaurante	15,04	0,57
Açúcar	32,00	0,57
Leite pasteurizado	21,64	0,52
Roupas masculinas	19,53	0,44
Sabão em pó e em pedra	22,81	0,41
Artigos de reparos	15,96	0,38
Automóveis usados	18,32	0,36
Taxa de água e esgoto	42,09	0,30
Gás de bueiro	19,44	0,29
Café	17,88	0,26
Associações esportivas	12,08	0,25
Táxi	33,12	0,25
Energia elétrica	14,46	0,22
Somatório	-	12,59

3 - NÚMEROS ÍNDICES E VARIAÇÕES - 1986/88
INPC

(continua)

MESES	NÚMERO ÍNDICE (março 86 = 100)	VARIAÇÃO (%)			
		No mês	Acumulada em três meses	Acumulada no ano	Acumulada em doze meses
1986					
Fevereiro	101,33				
Março	100,00	- 1,31			
Abril	100,43	0,43			
Maió	101,51	1,08	0,18		
Junho	102,49	0,97	2,49		
Julho	103,42	0,91	2,98		
Agosto	104,90	1,43	3,34		
Setembro	106,15	1,19	3,57		
Outubro	107,67	1,43	4,11		
Novembro	111,21	3,29	6,02		
Dezembro	119,29	7,27	12,38		
1987					
Janeiro	139,35	16,82	29,42	16,82	
Fevereiro	158,78	13,94	42,77	33,10	56,70
Março	181,64	14,40	52,27	52,27	81,64
Abril	219,71	20,98	57,67	84,19	118,77
Maió	270,55	23,14	70,39	126,80	166,53
Junho	328,18	21,30	80,68	175,11	220,21
Julho	380,77	9,93	84,20	202,43	248,84
Agosto	379,13	5,09	40,13	217,82	261,42
Setembro	406,24	7,15	23,79	240,55	282,70
Outubro	450,44	10,88	24,86	277,60	318,35
Novembro	517,69	14,93	36,55	333,98	365,51
Dezembro	590,01	13,97	45,24	394,60	394,60
1988					
Janeiro	701,93	18,97	55,83	18,97	403,72
Fevereiro	812,91	15,81	57,03	37,78	411,97
Março	959,97	18,09	62,70	62,70	428,50
Abril	1 135,93	18,33	81,83	92,53	417,01
Maió	1 343,12	18,24	65,22	127,64	396,44
Junho	1 642,37	22,28	71,09	178,36	400,45

3 - NÚMEROS ÍNDICES E VARIAÇÕES. - 1986/88
IPCA

(conclusão)

MESES	NÚMERO ÍNDICE (março 86 = 100)	VARIAÇÃO (%)			
		No mês	Acumulada em três meses	Acumulada no ano	Acumulada em doze meses
1986					
Fevereiro	100,11				
Março	100,00	-0,11			
Abril	100,78	0,78			
Maio	102,19	1,40	2,08		
Junho	103,49	1,27	3,49		
Julho	105,26	1,71	4,45		
Agosto	109,00	3,55	6,66		
Setembro	110,87	1,72	7,13		
Outubro	112,98	1,90	7,33		
Novembro	119,14	5,45	9,30		
Dezembro	133,02	11,65	19,98		
1987					
Janeiro	150,59	13,21	33,29	13,21	
Fevereiro	169,62	12,64	42,37	27,51	69,43
Março	197,39	16,37	48,39	48,39	97,39
Abril	235,09	19,10	56,11	76,73	133,27
Maio	285,52	21,45	68,33	114,64	179,40
Junho	341,80	19,71	73,16	156,95	230,27
Julho	373,28	9,21	58,78	180,62	254,63
Agosto	391,46	4,87	37,10	194,29	259,14
Setembro	421,92	7,78	23,44	217,19	280,55
Outubro	469,26	11,22	25,71	252,77	315,35
Novembro	540,02	15,08	37,95	305,97	353,27
Dezembro	616,43	14,15	46,10	363,41	363,41
1988					
Janeiro	732,87	18,89	56,18	18,89	386,67
Fevereiro	847,93	15,70	57,02	37,55	399,90
Março	997,17	17,60	61,76	61,76	405,18
Abril	1 189,52	19,29	62,31	92,97	405,98
Maio	1 396,73	17,42	64,72	126,58	389,19
Junho	1 704,01	22,00	70,88	176,43	398,54

IPC

MESES	NÚMERO ÍNDICE (março 86 = 100)	VARIAÇÃO (%)			
		No mês	Acumulada em três meses	Acumulada no ano	Acumulada em doze meses
1986					
Fevereiro	100,11				
Março	100,00	-0,11			
Abril	100,78	0,78			
Maio	102,19	1,40	2,08		
Junho	103,49	1,27	3,49		
Julho	104,72	1,19	3,91		
Agosto	106,48	1,68	4,20		
Setembro	108,31	1,72	4,66		
Outubro	110,37	1,90	5,40		
Novembro	114,00	3,29	7,06		
Dezembro	122,29	7,27	12,91	22,16	
1987					
Janeiro	142,86	16,82	29,44	16,82	
Fevereiro	162,77	13,94	42,78	33,10	62,59
Março	186,21	14,40	52,27	52,27	86,21
Abril	225,24	20,96	57,66	84,19	123,50
Maio	277,52	23,21	70,50	126,94	171,57
Junho	349,84	26,08	87,87	186,07	238,04
Julho	360,51	3,05	60,06	194,80	244,26
Agosto	383,44	6,36	38,17	213,55	260,11
Setembro	405,22	5,68	15,83	231,36	274,13
Outubro	442,42	9,18	22,72	261,78	300,85
Novembro	499,23	12,84	30,20	308,23	337,92
Dezembro	569,82	14,14	40,62	365,96	365,96
1988					
Janeiro	663,90	16,51	50,06	16,51	364,72
Fevereiro	783,14	17,96	56,87	37,44	381,13
Março	908,52	16,01	59,44	59,44	387,90
Abril	1 083,68	19,28	63,23	90,18	381,12
Maio	1 276,36	17,78	62,98	123,99	359,82
Junho	1 525,63	19,53	67,92	167,74	336,09

4 - VARIÇÃO MENSAL IPC - Junho de 1988

GRUPOS	PONDERAÇÃO (%)	VARIÇÃO (%)
Geral	100,00	19,53
Alimentação	42,79	18,64
Habituação	14,64	20,20
Artigos de residência	5,45	18,84
Vestuário	7,66	18,47
Transporte e comunicação	10,74	28,03
Saúde e cuidados pessoais	6,98	15,32
Despesas pessoais	11,74	17,65

5 - PESOS, VARIÇÃO MENSAL DOS GRUPOS, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS, SEGUNDO A IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS Junho de 1988

(continua)

IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)	VARIÇÃO (%)	IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)	VARIÇÃO (%)
.INPC			APARELHOS ELÉTRICOS	2,6338	20,48
INPC	100,0000	22,28	Eletrrodomésticos e equipamentos ..	1,5470	20,55
			Tv e som	1,0868	20,38
ALIMENTAÇÃO	42,9809	23,54	VESTUÁRIO	7,4949	20,05
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO	37,5524	24,30	ROUPAS	4,5631	19,87
Cereais, leguminosas e oleaginosas	5,8647	26,85	Roupas de homem	2,2436	21,92
Farinhas, féculas e massas	2,9691	21,26	Roupas de mulher	1,4332	17,55
Tubérculos, raízes e legumes	0,5290	33,77	Roupas de criança	0,8863	18,44
Açúcares e derivados	2,1926	32,88	CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	1,6176	22,06
Hortaliças e verduras	0,3828	46,15	Calçados e outros apetrechos	1,6176	22,06
Frutas	0,1820	13,83	JÓIAS E BIJUTERIAS	0,5350	19,20
Carnes frescas e vísceras	3,8734	23,73	Jóias e bijuterias	0,5350	19,20
Pescados	0,8864	11,87	TECIDOS E ARMARINHO	0,7793	17,47
Carnes e peixes industrializados	1,7667	15,06	Tecidos e armarinho	0,7793	17,47
Aves e ovos	2,5596	14,09	TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO	10,9391	25,26
Leite e derivados	4,5147	21,83	TRANSPORTE	10,8648	25,35
Panificados	7,5051	30,47	Transporte público	7,8694	27,43
Óleos e gorduras	1,4792	23,89	Veículo próprio	2,9955	19,88
Bebidas não-alcoólicas e infusões	1,8539	21,32	COMUNICAÇÕES	0,0743	12,58
Enlatados e conservas	0,3281	14,58	Comunicações	0,0743	12,58
Sal e condimentos	0,6650	14,88	SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS	6,9515	18,43
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	5,4285	18,25	PRODUTOS FARMACÊUTICOS E APARELHOS DE TRATAMENTO	2,8704	17,72
Alimentação fora do domicílio	5,4285	18,25	Produtos farmacêuticos	2,6957	17,69
HABITAÇÃO	14,4020	22,63	Óculos e lentes	0,1747	18,19
ENCARGOS E MANUTENÇÃO	10,3007	23,11	ATENDIMENTOS E SERVIÇOS	0,7657	18,11
Habituação	4,7221	27,94	Atendimentos	0,4135	20,98
Reparos	2,4349	16,16	Serviços médicos	0,3521	14,75
Artigos de limpeza	3,1437	21,24			
OPERAÇÃO	4,1013	21,43			
Combustíveis	1,1080	22,06			
Serviços públicos	2,9933	21,20			
ARTIGOS DE RESIDÊNCIA	5,5039	21,37			
MÓVEIS E UTENSÍLIOS	2,8701	22,20			
Mobiliário	1,2339	18,82			
Utensílios e enfeites	0,7382	33,69			
Cama, mesa e banho	0,8980	17,39			

5 – PESOS, VARIAÇÃO MENSAL DOS GRUPOS, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS,
SEGUNDO A IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS
Junho de 1988

			(conclusão)		
IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)	VARIAÇÃO (%)	IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)	VARIAÇÃO (%)
RECREAÇÃO, FUMO E ÁLCOOL.....	8,4837	17,3E	VESTUÁRIO	7,6573	18,47
Recreação	4,7495	15,63	ROUPAS	4,6951	17,84
Fumo e álcool.....	3,7342	19,54	Roupas de homem	2,2603	19,53
EDUCAÇÃO E LEITURA	4,0761	19,43	Roupas de mulher	1,5142	17,04
Educação	3,4195	19,95	Roupas de criança.....	0,9208	15,01
Leitura e papeleria.....	0,6566	16,75	CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	1,6234	20,46
IPC			Calçados e outros apetrechos	1,6234	20,46
IPC.....	100,0000	19,53	JÓIAS E BIJUTERIAS	0,5306	21,49
ALIMENTAÇÃO.....	42,7899	18,64	Jóias e bijuterias.....	0,5306	21,49
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO	37,2109	19,06	TECIDOS E ARMARINHO	0,8082	16,18
Cereais, leguminosas e oleaginosas	5,7301	23,68	Tecidos e armarinho.....	0,8082	16,16
Farinhas, féculas e massas	2,8639	23,01	TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO	10,7413	28,03
Tubérculos, raízes e legumes	0,5118	28,09	TRANSPORTE.....	10,6672	28,11
Açúcares e derivados	2,1055	30,16	Transporte público	7,5112	31,28
Hortaliças e verduras	0,3752	41,22	Veículo próprio.....	3,1560	20,56
Frutas	0,1858	9,11	COMUNICAÇÕES.....	0,0741	16,20
Carnes frescas e vísceras	4,1877	4,22	Comunicações	0,0741	16,20
Pescados	0,9415	8,27	SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS	6,9845	15,32
Carnes e peixes industrializados	1,8396	11,45	PRODUTOS FARMACÊUTICOS E		
Aves e ovos	2,6098	8,04	APARELHOS DE TRATAMENTO	2,9178	12,58
Leite e derivados.....	4,4278	19,34	Produtos farmacêuticos	2,7432	12,06
Panificados.....	7,0890	27,13	Óculos e lentes.....	0,1746	20,79
Óleos e gorduras.....	1,4998	13,38	ATENDIMENTOS E SERVIÇOS.....	0,7691	16,40
Bebidas não-alcoólicas e infusões...	1,8420	17,72	Atendimentos	0,4278	17,85
Enlatados e conservas.....	0,3302	13,47	Serviços médicos.....	0,3415	14,59
Sal e condimentos.....	0,6714	14,74	CUIDADOS PESSOAIS	3,2976	17,49
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	5,5791	15,84	Higiene pessoal	3,2976	17,49
Alimentação fora do domicílio	5,5791	15,84	DESPESAS PESSOAIS.....	11,7384	17,65
HABITAÇÃO.....	14,6419	20,20	SERVIÇOS.....	1,5417	16,59
ENCARGOS E MANUTENÇÃO	10,5454	20,89	Serviços pessoais	1,5417	16,59
Habitação.....	5,0334	24,05	RECREAÇÃO, FUMO E ÁLCOOL.....	8,0107	17,44
Reparos	2,4060	15,96	Recreação	2,5197	12,36
Artigos de limpeza	3,1060	19,57	Fumo e álcool.....	5,4910	19,77
OPERAÇÃO	4,0965	18,44	EDUCAÇÃO E LEITURA	2,1860	19,18
Combustíveis.....	1,0844	22,61	Educação	1,8812	19,17
Serviços públicos.....	3,0121	16,95	Leitura e papeleria.....	0,3047	19,23
ARTIGOS DE RESIDÊNCIA	5,4466	18,84			
MÓVEIS E UTENSÍLIOS	2,8065	19,47			
Mobiliário	1,1463	17,77			
Utensílios e enfeites	0,7300	26,93			
Cama, mesa e banho	0,9302	15,71			
APARELHOS ELÉTRICOS.....	2,6401	18,17			
Eletrodomésticos e equipamentos ..	1,5184	19,36			
Tv e som	1,1217	16,56			

PESQUISA MENSAL DE EMPREGO

A taxa média de desemprego nas seis regiões metropolitanas pesquisadas foi de 4,04% no mês de maio de 1988.

Nas seis Regiões Metropolitanas, a taxa de desemprego aberto apresentou os seguintes valores: Recife 5,06%; Salvador 4,82%; Belo Horizonte 4,64%; Rio de Janeiro 3,19%; São Paulo 4,35% e Porto Alegre 3,66%.

Em relação ao mês de abril de 1988, a taxa média de desemprego aberto permanece praticamente inalterada, verificando-se variações pouco expressivas nas taxas das regiões metropolitanas, quando observadas isoladamente. Recife apesar de continuar registrando, ainda, o nível mais alto da taxa de desemprego, é a única Região Metropolitana que apresenta uma tendência significativa de queda, que vem se delineando ao longo dos últimos meses.

Conforme mencionado anteriormente, as regiões metropolitanas apresentam pequenas flutuações nas taxas de desemprego, que não chegam a ilustrar um comportamento definido, embora Belo Horizonte venha apresentando uma tendência de cresci-

mento verificada nos últimos dois meses. As Regiões de Recife, Rio de Janeiro e Porto Alegre revelam os mesmos indícios de queda verificados no mês anterior.

A possível tendência de crescimento no desemprego de Belo Horizonte, bem como, o leve indício de variação positiva apresentada este mês, em São Paulo, pode ser justificado por uma elevação no número de pessoas procurando trabalho, em contrapartida com as demais regiões, onde esse contingente declinou.

Quando se analisa, no conjunto das regiões metropolitanas, a oferta de mão-de-obra, percebe-se uma intensificação no crescimento da população economicamente ativa (+ 97,8 mil pessoas), basicamente devido ao surgimento de 99 mil novos postos de trabalho. O desempenho do Setor Serviços, com a criação de 110 mil ocupações, determinou esse crescimento do volume total de pessoal ocupado.

O comportamento do nível da ocupação, segundo as regiões metropolitanas, apresenta características específicas. Assim, em São Paulo percebe-se uma tendência de-

clinante no Setor Industrial (- 50 mil pessoas ocupadas), compensada pelo crescimento do Setor Serviços (+ 53 mil pessoas), comportamentos estes que se verificam desde o mês anterior. O Setor Comércio também apresenta uma recuperação em relação à tendência observada no mês anterior, com uma criação de 24 000 postos de trabalho.

Já no Rio de Janeiro, o Setor Serviços também demonstra crescimento (+ 23 mil pessoas), havendo uma pequena variação positiva na Indústria (+ 10 mil pessoas). Por outro lado, distintamente de São Paulo, o nível de ocupação no Comércio evidencia ligeiro declínio.

Analisando-se, agora, a Região Metropolitana de Belo Horizonte, pode-se observar que mesmo com o surgimento de novos postos de trabalho distribuídos pelos diversos setores da economia, à exceção dos Serviços, estes não absorveram a totalidade da procura de trabalho, que foi mais intensa nesse período.

A Região Metropolitana de Porto Alegre é a que revela o maior crescimento no nível da ocupação (cerca de + 31 mil pessoas), concentrado, igualmente, nos Setores da Indústria e Serviços.

A Região Metropolitana de Salvador mantém estável o seu nível de ocupação, tendo ocorrido uma redução na força de trabalho ocasionada pela diminuição das pessoas procurando trabalho.

Finalmente, Recife se destaca por apresentar um aumento na ocupação em igual intensidade que a redução na procura de trabalho, o que determina uma queda na taxa de desemprego, conforme já citada anteriormente. É importante ressaltar, a exemplo do que já foi enfatizado em outras regiões metropolitanas, como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, o aumento expressivo de postos de trabalhos no Setor Serviços.

Em relação ao mês de maio de 1987, a taxa de desemprego variou de 3,97% para os atuais 4,04%, o que demonstra uma similitude evidente entre as duas taxas. É interessante destacar que até o mês anterior de 1988, as comparações com as taxas dos

respectivos meses de 1987, vinham revelando valores mais elevados nas taxas de 1988 que variavam entre 20% e 31% a mais.

TAXA DE DESEMPREGO POR SETOR DE ATIVIDADE

Em relação ao mês anterior podemos destacar um ligeiro declínio na taxa média de desemprego no Setor Serviços que passou de 3,21% para 2,97% e, em menor escala, no Setor Comércio, que foi de 4,80% para 4,66%. Estes resultados são compatíveis com o aumento na totalidade da população ocupada nestes setores da economia, cerca de 110 mil e 20 mil pessoas, respectivamente.

Entre as seis regiões metropolitanas, Recife é a que apresenta o maior declínio nos Serviços, com uma redução na sua taxa de desemprego de 18% (4,68% em abril para 3,86% em maio). Este declínio é coerente com o aumento no volume de ocupações, neste Setor de Atividade, cerca de 21 mil pessoas, embora a Região Metropolitana de São Paulo seja a responsável por quase a metade do total da criação de postos de trabalho neste setor (+ 52 mil).

Com relação ao Setor Comércio, podemos ressaltar que apesar da maior queda ter sido verificada em Salvador (7,14% para 4,67%), é novamente a Região Metropolitana de São Paulo que contribuiu para o maior aumento da ocupação nesse período (+ 24 mil pessoas).

Quanto à Indústria de Transformação, a mesma começa a apresentar uma tendência de elevação na taxa de desemprego, aparentemente relacionada com a redução verificada nos últimos 2 meses do número de postos de trabalho na Indústria de São Paulo (- 50 mil pessoas no mês de maio e - 27 mil pessoas no mês de abril).

Em relação ao mês de maio de 1987, a taxa média de desemprego na Indústria de Transformação continua apresentando crescimento, embora em ritmo menos intenso que o apresentado para o mês anterior. Este fato é condizente com a queda no

número de postos de trabalho neste setor nos doze últimos meses (- 155 mil), sendo São Paulo o grande responsável por essa diminuição no nível de ocupação da Indústria (- 162 mil).

DISTRIBUIÇÃO DAS PESSOAS OCUPADAS POR SETORES DE ATIVIDADE

Em termos de distribuição relativa das pessoas pelos Setores de Atividade, as modificações de curto prazo não são, em geral, muito expressivas. Desse modo, o Setor de Serviços absorve a maior proporção de pessoas, invariavelmente, em todas as regiões, chegando em torno da metade da população ocupada no conjunto. A menor proporção é encontrada em São Paulo (43,02%), devido ao peso que o Setor Industrial tem nessa região (33% do total de pessoal ocupado).

Contudo, a partir da redução de pessoal na Indústria que vem sendo observada em São Paulo nos últimos dois meses e do crescimento, em paralelo, no Setor Serviços, a magnitude da diferença entre os dois vem se ampliando, de tal forma que, no mês de maio, o nível da ocupação nos Serviços de São Paulo corresponde a 720 000 pessoas a mais do que na Indústria, enquanto que no mês de maio do ano anterior essa diferença era de somente 400 000 pessoas. Nesse sentido, a continuidade da tendência atual de crescimento da ocupação nos Serviços poderá vir a produzir modificações mais significativas na distribuição estrutural da população ocupada pelos setores de atividade econômica.

EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA

Em relação ao mês anterior, a proporção de empregados com carteira assinada, mantém estável, com uma taxa média de 57,63%. A Região Metropolitana de Recife com os atuais 49,00%, apresenta um ligeiro aumento na proporção de empregados com carteira assinada, embora São Paulo

continue apresentando a maior proporção (61,48%). Em Salvador, registra-se um leve declínio, na proporção de empregados com carteira de trabalho assinada (de 52,68% para 51,91%).

Em relação ao mês de maio de 1987, as Regiões Metropolitanas de Salvador e em menor escala Porto Alegre, apresentam uma redução significativa nas proporções de empregados com carteira assinada.

PROPORÇÃO DE PESSOAS DESOCUPADAS E PESSOAS OCUPADAS QUE NÃO RECEBERAM REMUNERAÇÃO OU AUFERIRAM MENOS QUE O PISO NACIONAL DE SALÁRIOS

Em relação ao mês de abril de 1988, a proporção de pessoas desocupadas e pessoas ocupadas que não receberam remuneração ou auferiram menos que o Piso Nacional de Salários, no conjunto das seis regiões metropolitanas, apresentou um declínio, passando de 20,24% para 18,63% do total de pessoas economicamente ativas, comportamento este similar em todas as regiões metropolitanas.

Recife, apesar de ainda deter o nível mais elevado dessa proporção, é a região que apresenta a maior redução nesta taxa, passando de 34,35% para 29,11%. Entretanto, São Paulo é a única região que se mantém inalterada, embora seu nível continue sendo o mais baixo (15,30%).

Em relação ao mês de maio de 1987, registramos ainda uma tendência de crescimento na maioria das regiões metropolitanas, sendo Belo Horizonte a que apresentou a maior variação positiva (22,60% para 26,35%), enquanto que Recife e, em menor escala, o Rio de Janeiro são as únicas regiões que apresentaram decréscimo nessa proporção.

RENDIMENTO

Em abril de 1988, os rendimentos médios reais do trabalho principal das pessoas ocupadas apresentaram, em relação ao mês de março, pequenas variações negativas em.

Porto Alegre, Recife e Belo Horizonte e uma tendência à estabilidade no Rio de Janeiro e São Paulo.

Os declínios verificados no conjunto das regiões metropolitanas estão associados às variações negativas dos rendimentos dos empregados sem carteira assinada, sobretudo em Porto Alegre (-9,6%), Belo Horizonte (-8,6%) e Salvador (-7,5%).

Recife, ao contrário das demais regiões, apresentou uma variação positiva no rendimento médio real dos conta própria.

Em relação ao mês de abril de 1987, os rendimentos médios reais dos ocupados apresentaram redução significativa em Porto Alegre, Belo Horizonte e Salvador, enquanto o Rio de Janeiro foi a única região que apresentou uma tendência definida de crescimento.

Para o conjunto das regiões, são os conta própria que apresentam a maior perda nos rendimentos, com exceção de Recife, onde se mantêm inalterados.

No Rio de Janeiro, a variação positiva no rendimento dos empregados sem carteira contribuiu para a tendência de crescimento verificada em relação ao ano anterior, enquanto em Salvador, a variação positiva para o rendimento dos empregados sem carteira não compensou a variação negativa apresentada pelos conta própria.

NOTA EXPLICATIVA

As informações da Pesquisa Mensal de Emprego — PME — são obtidas através de uma amostra probabilística de domicílios situados nas Regiões Metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Principais Conceitos

Os principais conceitos utilizados na pesquisa são os seguintes:

Trabalho — Considera-se como trabalho o exercício de:

a) ocupação econômica remunerada em dinheiro, produtos ou outras formas não mo-

netárias, como pode ser o caso dos empregados domésticos; e

b) ocupação econômica sem remuneração, exercida normalmente pelo menos durante 15 horas por semana, ajudando a membro da unidade domiciliar em sua atividade econômica, ou em ajuda a instituições religiosas, beneficente ou de cooperativismo, ou, ainda, como aprendiz ou estagiário.

Pessoas Ocupadas — Consideram-se como ocupadas na semana de referência as pessoas que, nesse período ou em parte dele, trabalharam, ou tinham trabalho, mas não trabalharam, como, por exemplo, pessoas em férias.

Pessoas Desocupadas — Consideram-se como pessoas desocupadas aquelas que não tinham trabalho na semana de referência, mas estavam dispostas a trabalhar e que, para isto, tomaram alguma providência efetiva para conseguir trabalho (na semana de referência ou no período de referência de 30 dias, conforme o período considerado).

Pessoas Economicamente Ativas — PEA — Consideram-se como economicamente ativas as pessoas ocupadas e as desocupadas.

Pessoas Não-economicamente Ativas — Consideram-se como não-economicamente ativas as pessoas que não são classificadas como ocupadas ou desocupadas.

Empregados — Consideram-se como empregados as pessoas que trabalham para empregador, geralmente cumprindo uma jornada de trabalho e recebendo em contrapartida uma remuneração em dinheiro, produtos ou somente em benefícios (moradia, alimentação, vestuário, etc.). Incluem-se entre os empregados as pessoas que prestam serviço militar obrigatório e os clérigos.

Conta Própria — Consideram-se como conta própria as pessoas que exploram uma atividade econômica ou exercem uma profissão ou ofício, não tendo empregados.

VARIAÇÃO ABSOLUTA DAS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS, PESSOAS OCUPADAS E PESSOAS PROCURANDO TRABALHO, SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS E OS MESES DA PESQUISA

REGIÕES METROPOLITANAS E MESES DA PESQUISA	VARIAÇÃO ABSOLUTA		
	Pessoas economicamente ativas	Pessoas ocupadas	Pessoas procurando trabalho
MAIO 88/ MAIO 87			
Recife	13 289	23 084	- 9 795
Salvador.....	48 817	41 678	7 140
Belo Horizonte.....	59 534	53 583	5 952
Rio de Janeiro	102 613	126 745	- 24 133
São Paulo	119 904	73 426	46 478
Porto Alegre.....	47 397	45 813	1 584
Total.....	391 554	364 329	27 226
MAIO 88/ ABRIL 88			
Recife	- 302	8 529	- 8 833
Salvador.....	- 4 111	277	- 4 387
Belo Horizonte.....	21 081	14 321	6 761
Rio de Janeiro	25 427	27 634	- 2 209
São Paulo	26 453	17 088	9 366
Porto Alegre.....	29 207	31 366	- 2 157
Total.....	97 755	99 215	- 1 459

RENDIMENTOS MÉDIOS REAIS DO TRABALHO PRINCIPAL, SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS E A POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO

REGIÕES METROPOLITANAS E POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO	RENDIMENTOS MÉDIOS REAIS DO TRABALHO PRINCIPAL		
	Abril/87	Março/88	Abril/88
Recife			
Ocupados.....	1 722	1 759	1 713
Empregados com carteira	2 027	2 076	2 081
Empregados sem carteira	1 122	1 249	1 187
Conta própria	1 131	1 056	1 138
Salvador			
Ocupados.....	2 237	2 216	2 179
Empregados com carteira	2 579	2 650	2 606
Empregados sem carteira	1 313	1 578	1 459
Conta própria	1 483	1 318	1 293
Belo Horizonte			
Ocupados.....	2 235	2 131	2 098
Empregados com carteira	2 364	2 291	2 306
Empregados sem carteira	1 564	1 552	1 418
Conta própria	1 703	1 508	1 461
Rio de Janeiro			
Ocupados.....	2 353	2 456	2 466
Empregados com carteira	2 475	2 568	2 577
Empregados sem carteira	1 948	2 247	2 190
Conta própria	1 795	1 695	1 690
São Paulo			
Ocupados.....	3 146	3 177	3 186
Empregados com carteira	3 047	3 072	3 110
Empregados sem carteira	2 239	2 445	2 311
Conta própria	2 705	2 504	2 467
Porto Alegre			
Ocupados.....	2 461	2 289	2 227
Empregados com carteira	2 295	2 161	2 142
Empregados sem carteira	2 368	2 395	2 164
Conta própria	2 152	1 729	1 728

VARIAÇÃO DOS RENDIMENTOS MÉDIOS REAIS DO TRABALHO PRINCIPAL,
SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS E A POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO

REGIÕES METROPOLITANAS E POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO	VARIAÇÃO DOS RENDIMENTOS MÉDIOS REAIS DO TRABALHO PRINCIPAL (%)	
	Abril/87 abril/88	Março/88 abril/88
Recife		
Ocupados.....	-0,5	-2,6
Empregados com carteira.....	2,7	0,2
Empregados sem carteira.....	5,8	-5,0
Conta própria.....	0,6	7,8
Salvador		
Ocupados.....	-2,6	-1,7
Empregados com carteira.....	1,0	-1,7
Empregados sem carteira.....	11,1	-7,5
Conta própria.....	-12,8	-1,9
Belo Horizonte		
Ocupados.....	-6,1	-1,5
Empregados com carteira.....	-2,5	0,7
Empregados sem carteira.....	-8,3	-8,6
Conta própria.....	-14,2	-3,1
Rio de Janeiro		
Ocupados.....	4,8	0,4
Empregados com carteira.....	4,1	0,4
Empregados sem carteira.....	12,4	-2,5
Conta própria.....	-5,8	-0,3
São Paulo		
Ocupados.....	1,3	0,3
Empregados com carteira.....	2,1	1,2
Empregados sem carteira.....	3,2	-5,5
Conta própria.....	-8,8	-1,5
Porto Alegre		
Ocupados.....	-9,5	-2,7
Empregados com carteira.....	-6,7	-0,9
Empregados sem carteira.....	-8,6	-9,6
Conta própria.....	-19,7	-0,1

Empregadores — Consideram-se como empregadores as pessoas que exploram uma atividade econômica ou exercem uma profissão ou ofício, com auxílio de um ou mais empregados.

Não Remunerados — Consideram-se como não remunerados as pessoas que exercem ocupação econômica, sem remuneração, pelo menos 15 horas por semana, ajudando a membro da unidade domiciliar em sua atividade econômica, ou em ajuda a instituições religiosas, beneficente ou de cooperativismo, ou, ainda, como aprendiz ou estagiário.

Rendimento de Trabalho — Para os empregados, considera-se a remuneração efetivamente recebida no mês de referência. Assim sendo, inclui-se as parcelas referentes ao 13.º salário (14.º, 15.º, etc.) e à participação nos lucros paga pela empresa que tiver sido recebida no mês de referência. Para os empregadores e trabalhadores por conta própria, considera-se a retirada feita ou ganho líquido (rendimento bruto menos as despesas efetuadas com o negócio ou profissão — salário de empregados, matéria-prima, energia elétrica, telefone, etc.) recebido, efetivamente, no mês de referência.

Para a pessoa que recebe, pelo seu trabalho, em produtos ou mercadorias, considera-se o valor de mercado, efetivamente recebido no mês de referência.

Para a pessoa que estiver licenciada por instituto de previdência, considera-se o rendimento bruto do benefício (auxílio-doença, auxílio por acidente de trabalho, etc.), efetivamente recebido no mês de referência.

Semana de Referência — É aquela que antecede à semana fixada para a entrevista.

Período de Referência de 30 dias — São os 30 dias que antecedem à semana fixada para a entrevista.

Mês de Referência — É aquele que antecede ao mês de realização da pesquisa.

ESTIMATIVAS DE VALORES ABSOLUTOS

As estimativas dos valores absolutos apresentadas foram obtidas através de um estimador de razão. De uma forma simplificada, este estimador pode ser descrito como o produto de uma estimativa independente da população residente pela relação entre o valor da variável considerada e o total de pessoas residentes, ambos estimados através da amostra.

$$\hat{X} = P \frac{\hat{X}^*}{\hat{Y}^*}, \text{ onde:}$$

P — população residente obtida por estimativa independente;

\hat{X}^* — valor da variável estimado através da amostra; e

\hat{Y}^* — total de pessoas residentes estimado através da amostra.

A metodologia adotada para a revisão da estimativa da população residente considerou que a participação relativa das regiões metropolitanas, em relação à população total das respectivas Unidades da Federação, obedecia, no tempo, a um comportamento logístico.

Os limites dessas curvas logísticas foram determinados levando-se em conta a evolução das referidas participações no período 1970-1985, conforme procedimento metodológico proposto por Frias¹. A partir dos valores das participações e das populações das Unidades da Federação, foram obtidas, por multiplicação, as populações residentes nas regiões metropolitanas, no dia 15 de cada mês.

NOTA — Para informações, dirigir-se ao Departamento de Emprego e Rendimento (DEREN), Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 10.º andar, telefone: 284-6539.

¹ FRIAS, Luiz Armando de Medeiros. Determinação do limite superior ou inferior de curvas logísticas em projetos de população com base na tendência passada. Rio de Janeiro, DEPOP/IBGE, 1987 (a ser publicado).

1 — TAXA DE DESEMPREGO ABERTO (SEMANA) — 1987-88

Pessoas desocupadas em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro	3,58	6,23	3,73	4,91	3,52	4,34	2,87	2,78	3,25	3,96	3,15	3,43	3,19	3,80
Fevereiro	4,34	6,04	3,41	4,82	4,00	4,28	3,33	3,42	3,12	4,67	3,60	4,21	3,38	4,33
Março	4,48	6,25	3,94	4,93	3,03	4,13	3,05	3,40	3,12	4,58	4,04	4,30	3,28	4,30
Abril	4,37	5,87	3,85	5,07	3,82	4,35	2,78	3,28	3,46	4,22	3,86	3,91	3,39	4,08
Mai	6,18	5,06	4,07	4,82	4,48	4,64	3,73	3,19	3,78	4,35	3,59	3,66	3,97	4,04
Junho	6,09		4,75		4,88		3,90		4,45		4,28		4,43	
Julho	6,07		4,38		4,70		3,80		4,57		5,02		4,47	
Agosto	5,82		4,12		4,12		3,19		4,63		4,73		4,22	
Setembro	6,18		4,57		4,05		3,48		3,95		4,46		4,03	
Outubro	5,67		4,22		3,54		3,35		4,18		3,95		3,98	
Novembro	5,22		3,90		3,68		3,07		3,78		3,35		3,63	
Dezembro	4,18		4,07		3,27		2,29		2,81		2,98		2,86	

2 — TAXA DE DESEMPREGO ABERTO: PESSOAS QUE BUSCAM TRABALHO PELA PRIMEIRA VEZ — 1987/88

Pessoas desocupadas que nunca trabalharam anteriormente, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro	0,74	1,11	0,53	0,59	0,46	0,52	0,34	0,21	0,23	0,27	0,39	0,38	0,34	0,35
Fevereiro	0,70	1,30	0,50	0,57	0,57	0,59	0,39	0,25	0,20	0,30	0,39	0,39	0,35	0,40
Março	0,90	1,16	0,70	0,55	0,41	0,48	0,22	0,16	0,26	0,29	0,46	0,41	0,33	0,34
Abril	0,77	0,90	0,46	0,63	0,50	0,40	0,31	0,22	0,15	0,22	0,34	0,36	0,29	0,31
Mai	1,14	0,87	0,69	0,69	0,39	0,43	0,36	0,27	0,18	0,25	0,29	0,32	0,33	0,33
Junho	0,90		0,52		0,48		0,38		0,15		0,22		0,32	
Julho	0,86		0,46		0,38		0,30		0,19		0,26		0,30	
Agosto	0,83		0,40		0,38		0,31		0,19		0,33		0,30	
Setembro	0,96		0,49		0,35		0,27		0,13		0,27		0,27	
Outubro	0,82		0,53		0,25		0,19		0,22		0,29		0,27	
Novembro	0,91		0,38		0,30		0,26		0,12		0,33		0,25	
Dezembro	0,75		0,49		0,27		0,21		0,21		0,21		0,26	

3 — TAXA DE DESEMPREGO ABERTO: PESSOAS QUE JÁ TRABALHARAM — 1987/88

Pessoas desocupadas que trabalharam anteriormente, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro	2,84	5,12	3,20	4,32	3,06	3,82	3,53	2,57	3,02	3,69	2,76	3,05	2,85	3,45
Fevereiro	3,64	4,74	2,91	4,25	3,43	3,69	2,94	3,17	2,92	4,37	3,21	3,82	3,03	3,93
Março	3,58	5,09	3,24	4,38	3,62	3,65	2,83	3,24	2,80	4,29	3,58	3,89	2,95	3,96
Abril	3,60	4,97	3,39	4,44	3,32	3,95	2,47	3,04	3,31	4,00	3,52	3,55	3,10	3,77
Mai	5,04	4,19	3,48	4,13	4,09	4,21	3,38	2,92	3,60	4,10	3,30	3,34	3,64	3,71
Junho	5,19		4,23		4,40		3,52		4,30		4,06		4,11	
Julho	5,21		3,92		4,32		3,50		4,38		4,76		4,17	
Agosto	4,99		3,72		3,74		2,88		4,44		4,40		3,92	
Setembro	5,22		4,08		3,70		3,19		3,82		4,19		3,76	
Outubro	4,85		3,69		3,29		3,16		3,96		3,66		3,69	
Novembro	4,31		3,52		3,38		2,81		3,66		3,02		3,38	
Dezembro	3,43		3,58		3,00		2,08		2,60		2,77		2,60	

4 – TAXA DE DESEMPREGO: CHEFES DE DOMICÍLIO – 1987/88

Chefes de unidades domiciliares, desocupados, em relação às pessoas desocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	CHEFES DE UNIDADES DOMICILIARES, DESOCUPADOS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro	20,08	18,33	16,94	27,69	17,84	15,16	19,72	24,28	23,62	25,63	22,64	20,47	21,32	23,33
Fevereiro	22,05	18,42	22,79	27,86	13,60	15,30	15,00	23,43	25,54	21,94	17,15	24,55	20,20	22,30
Março	20,58	23,13	18,47	24,70	13,90	17,33	22,07	25,85	25,36	23,65	21,43	22,85	22,10	23,57
Abril	22,26	20,09	22,35	22,57	19,65	20,25	19,42	22,82	22,34	25,58	24,24	27,02	21,53	23,85
Maió	19,64	22,16	24,47	23,51	19,39	19,96	23,06	26,13	24,77	23,01	22,71	25,61	23,15	23,58
Junho	21,52		26,43		18,77		22,20		28,30		24,36		24,85	
Julho	21,62		27,21		22,50		24,74		26,32		27,22		25,33	
Agosto	17,94		28,92		16,84		24,26		28,31		21,89		25,02	
Setembro	20,66		25,16		21,19		20,87		24,64		23,93		22,99	
Outubro	17,28		22,03		19,64		22,57		26,41		22,61		23,59	
Novembro	14,42		21,74		18,11		20,10		27,65		22,59		23,07	
Dezembro	19,87		25,56		19,66		22,89		25,95		22,34		23,74	

5 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO – 1987/88

Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor da indústria de transformação, em relação às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro	4,30	6,80	3,56	5,41	3,30	4,08	2,97	3,35	4,10	4,97	3,32	3,80	3,76	4,56
Fevereiro	5,09	6,72	4,16	5,99	4,34	5,04	3,55	4,43	3,67	5,72	3,68	4,57	3,75	5,37
Março	5,22	8,70	5,28	5,66	3,10	4,77	3,06	4,38	3,63	5,45	4,15	4,35	3,61	5,22
Abril	4,97	7,47	4,44	6,17	4,74	4,75	3,09	4,07	4,26	5,22	4,70	4,74	4,11	5,03
Maió	7,09	7,83	4,59	5,87	4,79	4,71	5,42	3,94	4,81	5,89	3,97	4,47	4,93	5,34
Junho	6,62		5,70		6,26		5,52		5,70		4,43		5,69	
Julho	7,73		6,23		6,44		6,34		6,39		5,90		6,39	
Agosto	6,42		4,38		5,34		5,55		6,14		6,43		5,95	
Setembro	6,61		6,03		4,62		5,34		5,10		5,64		5,24	
Outubro	7,11		5,97		4,63		5,77		5,25		4,45		5,33	
Novembro	5,13		4,34		4,24		4,50		4,99		3,08		4,68	
Dezembro	4,09		5,82		2,85		3,04		3,28		3,03		3,28	

NOTA – Excluído as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

6 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL – 1987/88

Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor da construção civil, em relação às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro	4,05	9,81	4,98	6,57	3,45	4,97	2,76	2,91	2,94	3,66	4,60	2,53	3,25	4,09
Fevereiro	4,25	8,70	4,23	7,31	4,04	4,05	2,30	3,00	2,88	3,63	3,34	3,54	3,02	4,06
Março	4,66	8,82	4,90	7,86	3,77	5,31	3,47	3,24	2,09	3,44	4,40	2,58	3,23	4,20
Abril	5,83	6,52	6,14	8,33	3,56	4,74	2,84	2,31	2,50	2,41	3,15	3,70	3,23	3,44
Maió	10,69	4,30	4,52	7,21	5,73	4,89	4,14	2,84	3,02	2,91	3,31	3,04	4,29	3,51
Junho	10,85		8,09		6,24		6,76		3,58		5,68		5,87	
Julho	11,39		7,48		6,03		5,37		2,77		8,01		5,18	
Agosto	8,30		8,58		4,19		3,21		4,63		6,52		4,75	
Setembro	8,05		7,25		5,60		4,43		2,39		4,38		4,24	
Outubro	7,38		7,00		4,57		3,44		2,35		3,33		3,68	
Novembro	7,28		6,07		4,95		2,72		3,62		4,73		3,95	
Dezembro	6,10		7,88		5,74		1,65		2,02		2,72		3,08	

NOTA – Excluído as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

7 — TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DO COMÉRCIO — 1987/88
 Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor do comércio, em relação
 às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas,
 segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro	2,77	4,95	4,80	5,30	4,18	4,81	3,50	3,52	2,95	3,53	3,32	3,92	3,33	3,87
Fevereiro	4,76	5,08	4,70	5,47	4,98	5,10	4,52	2,75	2,81	4,27	4,55	6,31	3,86	4,18
Março	4,29	5,61	4,58	5,30	3,65	4,26	4,62	3,67	3,15	4,83	5,22	6,41	3,96	4,66
Abril	4,54	4,32	4,51	7,14	4,68	5,31	3,52	4,10	4,24	5,05	4,35	4,15	4,11	4,80
Maió	5,64	4,51	5,27	4,67	5,93	6,44	4,14	4,40	4,04	4,66	5,09	3,79	4,49	4,66
Junho	5,40		4,74		4,81		4,10		4,19		5,71		4,47	
Julho	5,36		5,61		4,87		4,31		3,99		6,34		4,55	
Agosto	5,88		4,09		4,77		3,92		4,71		6,42		4,69	
Setembro	5,39		4,68		5,05		4,40		3,73		5,74		4,38	
Outubro	4,48		4,07		4,07		3,91		4,17		6,17		4,27	
Novembro	4,38		4,82		4,39		3,40		3,37		4,37		3,71	
Dezembro	3,65		4,09		3,57		2,56		2,86		3,58		3,02	

NOTA — Exclui-se as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

8 — TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DOS SERVIÇOS — 1987/88
 Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor dos serviços, em relação
 às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas,
 segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS %													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro	2,64	4,77	2,71	4,01	2,88	3,47	2,35	2,29	2,20	2,95	2,09	2,69	2,36	2,95
Fevereiro	3,33	4,09	2,38	3,39	2,64	3,02	2,67	3,08	2,52	3,65	2,92	3,00	2,65	3,37
Março	3,16	3,84	2,49	3,79	1,99	2,99	2,47	3,00	2,33	3,50	2,76	3,47	2,43	3,33
Abril	3,21	4,68	2,68	3,30	2,71	3,46	2,18	2,80	2,44	3,25	2,83	3,13	2,46	3,21
Maió	3,95	3,86	2,72	3,46	3,39	3,67	2,75	2,53	2,67	3,00	2,60	2,78	2,83	2,97
Junho	4,55		3,37		3,55		2,52		3,53		3,47		3,25	
Julho	4,12		2,85		3,27		2,41		3,31		3,46		3,04	
Agosto	4,61		3,04		2,94		1,96		3,10		2,77		2,79	
Setembro	4,92		3,33		2,73		2,26		3,14		3,34		2,96	
Outubro	4,85		2,90		2,53		2,44		3,21		2,71		2,95	
Novembro	4,25		2,99		2,77		2,46		2,91		2,54		2,82	
Dezembro	3,25		2,62		2,54		1,91		2,18		2,39		2,23	

NOTA — Exclui-se as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

9 — TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DAS OUTRAS ATIVIDADES — 1987/88
 Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor das outras atividades, em relação
 às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas,
 segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS CUJO ÚLTIMO TRABALHO FOI NO SETOR DAS OUTRAS ATIVIDADES, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS NESTE SETOR (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro	1,06	2,22	1,23	1,93	0,99	2,45	1,13	0,87	1,26	1,21	1,64	1,30	1,19	1,38
Fevereiro	1,56	2,79	0,76	1,74	2,79	1,88	1,36	1,68	0,53	1,73	0,92	1,87	1,21	1,86
Março	2,03	3,59	1,38	1,92	1,99	1,95	1,31	1,64	1,50	2,13	2,62	1,41	1,62	2,02
Abril	1,36	3,32	1,93	1,22	0,95	1,35	1,09	1,53	1,75	1,01	1,89	0,48	1,41	1,46
Maió	3,35	1,02	2,77	2,01	1,68	1,35	1,41	1,32	1,52	0,49	1,71	1,69	1,83	1,18
Junho	3,11		2,76		2,03		1,45		1,58		1,81		1,87	
Julho	3,14		1,63		2,42		1,52		2,07		2,81		2,06	
Agosto	2,05		1,58		2,48		1,20		2,02		1,50		1,67	
Setembro	3,23		1,64		3,12		1,52		2,01		1,57		1,99	
Outubro	1,83		1,82		1,78		0,86		1,84		2,25		1,51	
Novembro	2,13		1,32		1,56		0,60		0,70		1,80		1,07	
Dezembro	1,75		1,25		2,10		0,87		1,23		2,70		1,37	

NOTA — Exclui-se as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

10 – TAXA DE DESEMPREGO (30 DIAS) – 1987/88
 Pessoas desocupadas, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – 30 dias

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro	4,11	6,70	4,05	5,15	4,08	4,82	3,14	3,27	3,48	4,15	3,45	3,78	3,49	4,14
Fevereiro	4,72	6,92	3,54	5,12	4,55	4,93	3,58	3,96	3,33	5,16	3,93	4,62	3,64	4,86
Março	5,02	6,76	4,15	5,25	3,58	4,86	3,42	3,88	3,48	5,00	4,51	4,66	3,67	4,76
Abril	4,80	6,20	4,08	5,46	4,20	4,68	3,03	3,55	3,86	4,43	4,24	4,30	3,74	4,36
Maió	6,86	5,26	4,40	5,00	4,85	5,06	3,97	3,42	4,12	4,63	3,95	4,01	4,31	4,32
Junho	7,14		5,09		5,45		4,13		4,90		4,67		4,86	
Julho	6,74		4,52		5,18		4,16		4,97		5,38		4,86	
Agosto	6,56		4,27		4,79		3,52		4,90		4,96		4,57	
Setembro	7,02		4,97		4,66		3,80		4,23		4,81		4,41	
Outubro	6,23		4,51		4,03		3,55		4,46		4,28		4,26	
Novembro	5,71		4,08		4,08		3,32		4,11		3,82		3,94	
Dezembro	4,69		4,26		3,87		2,53		3,21		3,31		3,22	

11 – TAXA DE ATIVIDADE – 1987/88
 Pessoas economicamente ativas em relação às pessoas de 15 anos ou mais de idade, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro	52,33	54,29	61,18	59,87	62,00	62,35	59,44	57,97	64,03	62,73	62,92	61,58	61,43	60,40
Fevereiro	53,15	55,25	59,66	60,77	62,35	62,07	59,51	58,11	63,44	63,27	62,30	60,20	61,16	60,68
Março	53,15	54,44	58,92	60,55	60,50	61,92	58,41	58,07	62,98	63,77	62,10	61,57	60,45	60,89
Abril	52,40	54,53	59,41	60,29	61,45	62,20	57,99	58,16	62,59	63,27	62,18	61,61	60,23	60,75
Maió	55,68	53,93	59,21	60,22	62,59	63,13	58,75	58,41	63,63	63,59	62,58	63,12	61,21	61,18
Junho	55,92		60,00		63,33		59,11		64,24		62,40		61,67	
Julho	54,29		60,01		63,34		69,44		63,70		62,67		61,45	
Agosto	55,75		60,25		64,01		58,69		63,57		62,53		61,33	
Setembro	55,92		60,24		64,10		58,49		63,99		62,28		61,43	
Outubro	55,50		60,34		63,58		58,56		63,87		63,33		61,42	
Novembro	55,43		60,42		63,75		58,67		63,95		63,26		61,48	
Dezembro	53,13		59,43		62,42		58,74		62,67		62,23		60,57	

12 – TAXA DOS OCUPADOS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO – 1987/88
 Pessoas ocupadas na indústria de transformação, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO, (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro	16,62	14,61	12,98	12,78	21,10	19,55	17,98	17,59	36,88	34,21	27,51	27,16	26,77	25,08
Fevereiro	15,61	14,16	12,13	13,04	20,83	19,59	18,29	17,33	36,96	34,15	27,50	27,46	26,77	25,01
Março	14,78	13,56	12,70	13,00	20,46	20,26	18,06	17,05	36,41	33,93	27,02	26,92	26,49	24,89
Abril	15,08	14,28	12,74	12,06	20,53	19,23	17,96	17,11	36,50	33,65	27,13	25,93	26,47	24,62
Maió	15,03	13,50	13,14	12,57	20,92	19,47	17,43	17,11	35,87	33,07	27,94	27,38	26,17	24,60
Junho	15,20		12,90		20,25		17,58		34,70		27,33		25,52	
Julho	15,07		12,66		20,27		17,94		34,03		26,44		25,25	
Agosto	14,67		12,10		20,49		17,48		34,59		25,94		29,23	
Setembro	15,09		12,22		20,02		17,94		34,80		26,60		25,57	
Outubro	14,24		12,69		20,03		17,75		34,98		26,83		25,58	
Novembro	13,97		12,32		19,28		17,32		34,80		27,59		25,29	
Dezembro	14,77		12,13		19,41		17,39		34,80		27,04		25,25	

13 – TAXA DOS OCUPADOS NA CONSTRUÇÃO CIVIL – 1987/88
Pessoas ocupadas na construção civil, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro	6,49	6,50	9,47	8,13	9,66	9,50	7,83	7,34	5,60	5,65	5,36	5,98	6,93	6,70
Fevereiro	8,63	8,85	9,68	8,75	9,45	9,58	7,66	7,18	5,70	6,09	6,30	6,09	6,91	6,91
Março	6,48	6,75	9,58	8,60	9,73	9,58	7,69	7,16	5,76	6,15	5,80	6,03	6,89	6,91
Abril	6,37	7,26	9,05	8,89	9,48	9,72	7,38	7,28	5,65	6,34	6,12	6,20	6,74	7,10
Maio	6,36	7,09	8,90	8,33	9,13	10,07	7,34	7,37	5,63	6,28	6,02	5,89	6,67	7,06
Junho	6,01		8,51		9,32		6,93		5,19		5,68		6,32	
Julho	6,27		7,99		9,17		7,03		5,77		5,75		6,58	
Agosto	6,33		8,30		9,29		7,37		5,70		5,86		6,70	
Setembro	6,25		8,48		9,26		7,10		5,74		5,98		6,63	
Outubro	6,37		8,53		9,18		7,39		5,55		5,99		6,64	
Novembro	6,68		8,87		9,11		7,89		5,75		5,89		6,89	
Dezembro	7,10		8,95		9,21		7,38		5,71		6,03		6,79	

14 – TAXA DOS OCUPADOS NO COMÉRCIO – 1987/88
Pessoas ocupadas no comércio, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro	16,58	16,75	14,28	14,47	12,45	12,30	13,37	13,46	13,18	13,46	14,66	14,64	13,52	13,70
Fevereiro	15,92	16,47	14,01	14,89	12,35	12,36	13,02	12,97	13,05	13,48	14,19	13,87	13,27	13,51
Março	16,81	16,11	14,41	14,50	12,57	12,49	13,14	13,08	12,80	12,69	14,14	13,51	13,29	13,27
Abril	15,95	16,52	14,47	14,47	12,05	12,85	12,72	13,11	12,39	12,80	14,32	15,43	12,91	13,40
Maio	16,30	15,88	13,52	14,45	12,44	13,20	12,77	12,76	12,86	13,08	14,03	14,82	13,13	13,35
Junho	17,01		14,16		12,65		12,90		13,38		14,74		13,54	
Julho	16,62		14,40		12,41		12,67		12,93		14,17		13,20	
Agosto	16,30		14,40		12,27		12,80		12,84		14,07		13,17	
Setembro	16,97		14,72		12,45		12,68		12,78		13,66		13,15	
Outubro	17,16		14,44		12,13		12,94		12,79		13,66		13,20	
Novembro	17,32		14,80		12,82		13,47		12,79		14,18		13,47	
Dezembro	16,99		15,33		12,85		13,20		13,32		14,26		13,63	

15 – TAXA DOS OCUPADOS NOS SERVIÇOS – 1987/88
Pessoas ocupadas em serviços, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM SERVIÇOS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro	46,11	48,14	50,43	52,49	48,90	51,05	51,48	52,00	40,11	42,13	42,62	43,18	45,37	46,87
Fevereiro	46,98	48,80	51,22	51,78	49,94	50,93	51,49	53,02	39,94	41,78	42,96	42,91	45,49	47,00
Março	46,69	49,06	50,38	51,95	49,44	49,98	51,63	52,93	41,00	42,30	43,93	43,94	45,89	47,15
Abril	47,19	47,59	51,36	52,23	49,62	50,57	52,17	52,49	41,18	42,62	43,25	43,10	46,20	47,07
Maio	47,73	49,58	52,31	52,17	49,64	49,98	52,83	52,86	41,38	43,02	42,53	42,96	46,47	47,36
Junho	47,69		52,80		49,75		53,24		42,57		42,71		47,19	
Julho	47,51		53,21		49,75		52,85		43,01		44,25		47,40	
Agosto	48,71		53,05		50,14		52,98		42,89		44,50		47,51	
Setembro	47,97		52,86		50,75		52,65		42,72		44,50		47,30	
Outubro	47,61		53,07		50,90		52,45		42,73		44,54		47,26	
Novembro	47,90		53,00		51,00		51,80		42,44		43,23		46,91	
Dezembro	46,99		52,27		50,99		52,65		41,79		43,74		46,88	

16 – TAXA DOS OCUPADOS EM OUTRAS ATIVIDADES – 1987/88
 Pessoas ocupadas em outras atividades, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro	14,20	14,00	12,84	12,13	7,88	7,60	9,34	9,61	4,24	4,56	8,86	9,04	7,42	7,64
Fevereiro	14,86	13,92	12,95	11,54	7,63	7,55	9,54	9,50	4,35	4,50	9,06	9,67	7,57	7,57
Março	15,23	14,53	12,93	11,95	7,79	7,72	9,48	9,78	4,03	4,66	9,11	9,60	7,43	7,79
Abril	15,40	14,34	12,38	12,34	8,32	7,62	9,77	10,01	4,28	4,59	9,17	9,36	7,67	7,81
Maió	14,60	13,96	12,13	12,48	7,86	7,28	9,63	9,90	4,26	4,55	9,47	8,96	7,57	7,63
Junho	14,10		11,62		8,03		9,36		4,16		9,54		7,43	
Julho	14,52		11,75		8,41		9,51		4,25		9,39		7,57	
Agosto	13,99		12,15		7,81		9,38		3,99		9,62		7,39	
Setembro	13,72		11,72		7,53		9,62		3,97		9,27		7,34	
Outubro	14,61		11,27		7,75		9,45		3,96		8,98		7,32	
Novembro	14,13		11,01		7,80		9,42		4,22		9,11		7,40	
Dezembro	14,15		11,31		7,55		9,38		4,38		8,92		7,45	

17 – TAXA DOS EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA – 1987/88
 Empregados com carteira de trabalho assinada, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro	50,31	48,61	54,70	54,76	55,60	55,48	54,53	54,26	62,76	61,54	60,05	60,72	58,35	57,61
Fevereiro	48,93	47,67	54,84	54,60	56,00	56,15	55,24	54,54	62,85	60,78	60,80	61,05	58,61	57,38
Março	50,07	47,85	55,07	54,40	56,12	55,30	54,79	54,86	62,96	61,51	61,27	59,77	58,71	57,67
Abril	50,11	47,89	56,10	52,68	55,68	55,33	54,68	54,22	62,58	61,41	60,89	59,26	58,47	57,32
Maió	48,93	49,00	56,59	51,91	55,82	55,41	54,48	54,63	62,60	61,48	61,18	59,80	58,42	57,63
Junho	48,42		56,56		55,48		54,25		61,25		60,67		57,63	
Julho	49,32		55,59		54,40		53,36		61,71		60,08		57,43	
Agosto	48,46		55,84		55,09		53,74		62,25		59,54		57,71	
Setembro	48,78		54,14		55,37		54,70		60,63		60,48		57,36	
Outubro	48,29		53,07		54,76		54,43		61,92		59,85		57,65	
Novembro	48,12		54,03		54,97		54,16		61,52		59,78		57,43	
Dezembro	48,97		53,77		55,34		53,90		62,26		60,88		57,79	

18 – TAXA DOS CONTA PRÓPRIA SEM RENDIMENTOS – 1987/88
 Conta própria que, efetivamente, não receberam rendimento de todos os trabalhos, no mês de referência, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	CONTA PRÓPRIA (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro	1,06	1,00	0,29	0,20	1,30	1,55	0,67	0,57	0,78	0,76	0,93	0,88	0,79	0,76
Fevereiro	1,49	1,55	0,46	0,27	1,45	1,76	0,66	0,69	0,86	0,89	1,09	1,18	0,88	0,94
Março	1,21	1,21	0,38	0,42	0,98	1,40	0,45	0,56	0,98	0,85	1,38	1,32	0,84	0,85
Abril	1,02	1,15	0,35	0,33	1,13	1,58	0,50	0,49	0,74	0,74	0,95	1,02	0,71	0,77
Maió	1,58	0,64	0,42	0,29	1,13	1,20	0,53	0,60	0,75	0,85	0,69	1,13	0,74	0,79
Junho	1,59		0,40		1,44		0,69		1,08		0,81		0,97	
Julho	1,35		0,32		1,60		0,67		0,78		1,01		0,84	
Agosto	1,24		0,26		1,42		0,58		0,78		0,87		0,79	
Setembro	1,22		0,37		1,59		0,58		1,07		0,88		0,93	
Outubro	1,08		0,47		1,44		0,50		0,90		0,88		0,82	
Novembro	1,14		0,48		1,31		0,42		0,72		1,12		0,72	
Dezembro	1,25		0,28		1,22		0,52		0,70		0,85		0,71	

19 – TAXA DOS CONTA PRÓPRIA COM MENOS DE UM PISO NACIONAL DE SALÁRIOS 1987/88

Conta própria que, efetivamente, receberam rendimento de todos os trabalhos, no mês de referência, inferior a um piso nacional de salário, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	CONTA PRÓPRIA (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro	7,96	8,40	7,51	8,43	4,79	5,65	4,35	5,53	1,30	1,65	2,70	3,42	3,31	4,07
Fevereiro	7,82	9,57	6,32	9,00	4,51	6,03	4,60	5,38	1,20	2,16	2,81	4,08	3,27	4,42
Março	6,97	10,17	6,58	8,61	4,26	6,77	4,05	5,14	1,06	2,20	2,49	4,17	2,94	4,44
Abril	8,87	10,15	7,72	8,63	5,68	6,90	5,35	5,77	1,80	2,42	3,63	4,41	4,03	4,75
Maió	8,22	8,67	6,95	8,98	5,65	6,11	4,86	5,08	1,74	2,11	3,39	4,65	3,78	4,25
Junho	9,64		8,21		8,29		5,29		2,12		3,91		4,33	
Julho	9,02		7,69		6,26		5,28		1,74		3,88		4,09	
Agosto	9,09		6,98		5,61		4,78		1,59		3,21		3,75	
Setembro	7,77		6,92		4,76		4,43		1,34		2,86		3,35	
Outubro	9,64		8,40		5,91		5,30		1,71		3,62		4,11	
Novembro	9,39		8,17		6,04		5,34		1,92		3,53		4,20	
Dezembro	7,84		7,44		5,10		4,64		1,55		2,84		3,58	

NOTA — A partir de setembro de 1987 o piso nacional de salários substituiu o salário mínimo.

20 – TAXA DOS DESEMPREGADOS E OCUPADOS COM MENOS DE UM PISO NACIONAL DE SALÁRIOS — 1987/88

Pessoas desocupadas e pessoas ocupadas que, efetivamente, não receberam rendimento ou auferiram remuneração de todos os trabalhos, no mês de referência, inferior a um piso nacional de salários, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESEMPREGADAS E PESSOAS OCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro	25,08	30,78	22,17	24,42	20,00	23,55	16,38	16,86	10,71	12,63	14,71	15,65	14,90	16,85
Fevereiro	30,40	35,21	27,88	25,75	27,90	25,31	21,17	18,94	12,29	15,12	18,12	19,58	18,55	19,29
Março	25,92	35,59	20,50	26,97	19,53	28,27	15,88	19,24	10,48	16,10	16,00	19,72	14,63	20,14
Abril	33,49	34,35	26,26	26,86	26,02	27,96	21,65	20,46	13,50	15,74	19,26	20,05	19,20	20,24
Maió	32,63	29,11	22,80	25,27	22,60	26,35	18,29	18,09	12,88	15,30	16,39	18,70	17,57	18,63
Junho	35,76		27,01		27,23		20,51		15,15		18,98		19,94	
Julho	34,07		25,60		26,35		20,76		14,18		18,97		19,33	
Agosto	32,70		22,48		22,38		17,95		13,03		16,15		17,28	
Setembro	33,62		26,47		26,42		19,79		12,78		16,16		18,30	
Outubro	33,89		25,69		24,53		18,73		14,09		17,02		18,41	
Novembro	34,28		25,69		26,11		19,49		14,38		17,69		19,11	
Dezembro	27,53		22,36		21,13		15,07		10,98		14,78		14,98	

NOTA — A partir de setembro de 1987 o piso nacional de salários substituiu o salário mínimo.

21 — RENDIMENTO MÉDIO DAS PESSOAS OCUPADAS

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, das pessoas ocupadas que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência — 1987/88

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$) (base — março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1987												
Janeiro	2 688	3 265	3 685	3 684	5 385	3 938	1 935	2 352	2 647	2 654	3 879	2 837
Fevereiro	2 820	3 681	3 932	3 940	5 733	4 443	1 783	2 327	2 486	2 491	3 824	2 809
Março	3 168	4 185	4 332	4 484	6 267	4 767	1 750	2 313	2 394	2 478	3 463	2 634
Abril	3 770	4 896	4 893	5 151	6 886	5 366	1 722	2 237	2 235	2 353	3 146	2 461
Maió	4 594	5 808	5 691	6 218	8 192	6 595	1 703	2 154	2 110	2 306	3 038	2 445
Junho	5 407	6 595	6 352	7 062	9 342	7 520	1 651	2 014	1 939	2 156	2 852	2 286
Julho	5 810	7 291	7 080	7 602	10 070	8 225	1 612	2 023	1 964	2 109	2 794	2 282
Agosto	6 452	7 986	7 889	8 267	11 017	9 043	1 703	2 108	2 083	2 183	2 909	2 387
Setembro	6 859	8 676	8 655	9 273	12 273	9 738	1 690	2 138	2 133	2 285	3 024	2 399
Outubro	7 593	10 024	9 392	10 179	13 269	10 861	1 687	2 228	2 087	2 262	2 949	2 411
Novembro	9 093	10 901	11 494	12 044	15 370	12 876	1 758	2 108	2 222	2 329	3 041	2 489
Dezembro	10 905	14 141	14 826	15 902	20 721	15 261	1 860	2 399	2 515	2 698	3 515	2 587
1988												
Janeiro	12 088	15 006	16 236	16 470	21 107	15 328	1 723	2 140	2 173	2 349	3 010	2 186
Fevereiro	13 737	17 740	17 424	20 180	25 361	18 894	1 691	2 184	2 145	2 482	3 123	2 326
Março	16 869	21 252	20 442	23 557	30 468	21 952	1 759	2 218	2 131	2 458	3 177	2 288
Abril	19 442	24 728	23 813	27 982	36 153	25 271	1 713	2 179	2 098	2 466	3 186	2 227

NOTA — Os rendimentos médios das pessoas ocupadas são calculados incluindo-se os rendimentos auferidos pelos empregadores.
(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído a partir de julho de 1986).

22 — RENDIMENTO MÉDIO DOS EMPREGADOS COM CARTEIRA

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos empregados com carteira de trabalho assinada que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência — 1987/88

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$) (base — março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1987												
Janeiro	2 982	3 688	3 564	3 751	4 816	3 380	2 148	2 656	2 567	2 702	3 489	2 435
Fevereiro	3 243	4 175	3 932	4 053	5 288	3 950	2 050	2 639	2 486	2 582	3 343	2 497
Março	3 634	4 608	4 470	4 614	5 755	4 325	2 008	2 546	2 470	2 550	3 180	2 350
Abril	4 437	5 645	5 175	5 418	6 670	5 023	2 027	2 579	2 364	2 476	3 047	2 295
Maió	5 388	6 823	6 116	6 717	8 008	6 240	1 998	2 530	2 268	2 491	2 969	2 317
Junho	6 214	7 929	6 967	7 839	9 139	7 103	1 897	2 421	2 127	2 394	2 790	2 189
Julho	7 014	8 522	7 783	8 273	8 882	7 624	1 946	2 364	2 159	2 295	2 742	2 115
Agosto	7 648	9 352	8 451	8 868	10 782	8 186	2 019	2 469	2 231	2 341	2 841	2 161
Setembro	7 754	9 875	9 139	9 943	12 012	9 042	1 911	2 433	2 252	2 450	2 980	2 228
Outubro	9 156	11 416	10 115	10 954	13 030	10 091	2 035	2 537	2 248	2 434	2 895	2 242
Novembro	10 341	12 894	12 170	12 956	15 696	11 912	1 999	2 451	2 353	2 505	3 015	2 303
Dezembro	12 806	17 013	16 362	18 074	21 157	15 200	2 173	2 886	2 776	3 066	3 589	2 579
1988												
Janeiro	13 905	17 808	16 134	17 476	20 934	14 536	1 983	2 539	2 301	2 492	2 985	2 073
Fevereiro	16 380	20 334	18 384	20 975	25 229	17 847	2 017	2 504	2 264	2 583	3 106	2 198
Março	19 913	25 415	21 976	24 628	29 458	20 726	2 076	2 650	2 291	2 568	3 072	2 161
Abril	23 815	29 573	26 170	29 248	35 297	24 312	2 081	2 608	2 306	2 577	3 110	2 142

(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído a partir de julho de 1986).

23 – RENDIMENTO MÉDIO DOS EMPREGADOS SEM CARTEIRA

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos empregados sem carteira de trabalho assinada que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência – 1987/88

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$) (base – março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1987												
Janeiro	1 850	2 222	2 817	2 990	4 029	3 987	1 333	1 601	2 029	2 154	2 902	3 872
Fevereiro	1 822	2 487	2 928	3 275	4 539	4 215	1 152	1 572	1 851	2 070	2 870	2 665
Março	2 092	2 851	3 010	3 739	4 836	4 787	1 158	1 575	1 863	2 066	2 672	2 645
Abril	2 457	2 874	3 424	4 263	4 900	5 183	1 122	1 313	1 564	1 948	2 239	2 368
Maió	2 981	3 429	3 757	4 893	5 726	6 054	1 105	1 271	1 393	1 814	2 123	2 245
Junho	3 924	4 134	4 258	5 711	6 983	7 417	1 198	1 262	1 300	1 744	2 132	2 265
Julho	3 759	4 899	4 436	6 227	7 334	8 343	1 043	1 359	1 231	1 728	2 035	2 315
Agosto	4 122	5 533	5 365	6 668	8 493	9 746	1 088	1 461	1 416	1 760	2 240	2 573
Setembro	4 589	6 048	5 889	7 259	8 583	9 951	1 131	1 490	1 451	1 789	2 115	2 452
Outubro	5 003	6 981	6 481	8 257	9 405	10 728	1 112	1 551	1 440	1 835	2 090	2 384
Novembro	6 297	6 769	8 271	9 578	11 328	12 515	1 218	1 309	1 599	1 852	2 190	2 420
Dezembro	8 107	10 050	10 715	12 349	14 319	13 896	1 375	1 705	1 818	2 095	2 429	2 357
1988												
Janeiro	8 231	10 745	12 073	14 023	14 978	15 812	1 174	1 532	1 722	2 000	2 136	2 255
Fevereiro	9 946	13 235	13 276	17 942	18 449	19 985	1 225	1 630	1 635	2 209	2 272	2 461
Março	11 974	15 136	14 886	21 549	23 453	22 966	1 249	1 578	1 552	2 247	2 445	2 395
Abril	13 473	16 560	16 091	24 859	26 222	24 558	1 187	1 459	1 418	2 190	2 311	2 164

(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído a partir de julho de 1986).

24 – RENDIMENTO MÉDIO DOS CONTA PRÓPRIA

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos conta própria que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência 1987/88

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$) (base – março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1987												
Janeiro	1 926	2 404	3 228	3 136	5 130	3 812	1 387	1 732	2 325	2 259	3 695	2 746
Fevereiro	2 120	2 601	3 477	3 102	5 571	3 952	1 340	1 644	2 198	1 961	3 522	2 498
Março	2 329	2 025	3 726	3 527	5 775	4 344	1 287	1 672	2 059	1 949	3 191	2 401
Abril	2 475	3 246	3 728	3 928	5 922	4 711	1 131	1 483	1 703	1 795	2 705	2 152
Maió	2 978	3 471	4 159	4 606	6 613	5 211	1 104	1 267	1 542	1 708	2 452	1 932
Junho	3 376	3 957	4 280	4 617	7 658	5 908	1 031	1 208	1 307	1 410	2 338	1 804
Julho	3 337	4 675	4 843	5 114	8 544	6 190	926	1 297	1 344	1 419	2 371	1 717
Agosto	4 019	5 087	5 532	5 747	9 698	7 078	1 061	1 343	1 461	1 517	2 560	1 869
Setembro	4 864	6 444	6 273	6 425	10 397	8 025	1 198	1 588	1 546	1 583	2 562	1 977
Outubro	4 718	6 386	6 820	7 046	11 743	9 144	1 048	1 419	1 516	1 566	2 809	2 032
Novembro	6 376	6 990	7 876	8 823	13 283	10 530	1 233	1 352	1 523	1 706	2 568	2 036
Dezembro	8 617	8 056	9 193	9 483	16 898	11 672	1 123	1 367	1 580	1 609	2 867	1 980
1988												
Janeiro	7 396	8 767	10 279	12 009	18 235	12 393	1 055	1 250	1 466	1 712	2 600	1 767
Fevereiro	8 746	10 252	12 397	14 094	20 308	14 124	1 077	1 262	1 526	1 735	2 501	1 739
Março	10 129	12 640	14 465	16 255	24 015	16 578	1 056	1 318	1 508	1 695	2 504	1 729
Abril	12 910	14 671	16 580	19 180	27 998	19 615	1 138	1 293	1 461	1 690	2 467	1 728

(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído a partir de julho de 1986).

25 – PESSOAS DESOCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1987/88

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1987						
Abril.....	41 072	31 250	50 644	123 172	235 590	45 505
Maio.....	61 880	33 136	61 585	165 373	261 851	43 028
Junho.....	62 113	39 402	68 305	174 941	313 120	51 422
Julho.....	60 318	36 898	65 644	172 463	322 550	61 641
Agosto.....	58 772	34 775	58 327	142 472	325 335	56 761
Setembro.....	63 330	39 131	56 984	156 198	281 668	53 815
Outubro.....	58 355	35 427	50 067	151 527	298 357	49 544
Novembro.....	54 301	33 052	52 507	139 952	269 180	41 348
Dezembro.....	40 910	34 172	45 591	104 695	199 386	37 338
1988						
Janeiro.....	62 925	40 944	61 802	126 902	282 700	42 603
Fevereiro.....	62 688	41 236	60 588	151 354	333 246	49 613
Março.....	63 748	44 188	58 230	151 217	322 453	51 441
Abril.....	60 918	44 663	60 776	143 449	298 963	46 769
Maio.....	52 085	40 276	67 537	141 240	308 329	44 612

26 – PESSOAS DESOCUPADAS QUE NUNCA TRABALHARAM ANTERIORMENTE, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1987/88

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS QUE NUNCA TRABALHARAM ANTERIORMENTE					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1987						
Abril.....	7 233	3 731	6 380	13 916	9 969	4 071
Maio.....	11 328	4 773	5 416	15 423	12 108	3 656
Junho.....	9 177	4 572	6 643	16 984	10 973	2 636
Julho.....	8 441	3 894	5 338	13 777	13 456	3 290
Agosto.....	8 273	3 364	5 351	13 878	13 822	4 017
Setembro.....	9 839	4 194	4 965	12 403	8 997	3 145
Outubro.....	8 510	4 298	3 517	8 542	15 153	3 568
Novembro.....	9 455	3 207	4 269	11 747	8 247	4 415
Dezembro.....	7 276	4 222	3 898	9 394	14 824	2 790
1988						
Janeiro.....	11 389	4 832	7 537	9 096	19 655	4 600
Fevereiro.....	13 711	5 094	8 092	10 827	21 967	4 891
Março.....	12 067	4 430	6 576	6 906	20 560	5 066
Abril.....	9 637	5 246	5 448	9 378	14 818	4 212
Maio.....	8 276	5 883	6 459	12 249	17 758	4 113

**27 — PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS,
SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA — 1987/88**

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1987						
Abril.....	964 338	825 203	1 350 117	4 399 067	6 876 403	1 188 073
Maio.....	1 014 279	821 561	1 371 424	4 456 353	7 038 366	1 202 003
Junho.....	1 023 631	843 990	1 395 431	4 504 214	7 125 851	1 202 778
Julho.....	995 284	848 636	1 400 561	4 553 077	7 077 161	1 217 693
Agosto.....	1 014 726	850 395	1 412 618	4 513 814	7 048 777	1 218 579
Setembro.....	1 031 425	854 151	1 416 095	4 507 582	7 101 375	1 221 390
Outubro.....	1 034 596	849 179	1 414 911	4 527 352	7 108 067	1 244 191
Novembro.....	1 042 072	860 193	1 423 412	4 554 336	7 159 118	1 237 420
Dezembro.....	1 001 008	852 580	1 415 419	4 569 890	7 085 749	1 215 937
1988						
Janeiro.....	1 031 555	864 865	1 419 554	4 536 078	7 083 838	1 210 931
Fevereiro.....	1 044 764	889 582	1 412 386	4 522 622	7 138 108	1 186 582
Março.....	1 025 690	878 456	1 400 495	4 513 670	7 169 389	1 214 584
Abril.....	1 027 870	874 489	1 409 877	4 533 539	7 131 817	1 220 193
Maio.....	1 027 568	870 378	1 430 958	4 558 966	7 158 270	1 249 400

**28 — PESSOAS OCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES
DA PESQUISA — 1987/88**

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1987						
Abril.....	923 266	793 953	1 299 474	4 275 895	6 640 813	1 142 567
Maio.....	952 398	788 424	1 309 838	4 290 980	6 776 515	1 158 975
Junho.....	961 518	804 587	1 327 125	4 329 272	6 812 731	1 151 355
Julho.....	934 967	811 737	1 334 917	4 380 615	6 754 609	1 156 052
Agosto.....	955 953	815 619	1 354 290	4 371 340	6 723 442	1 161 818
Setembro.....	968 095	815 020	1 359 110	4 351 382	6 819 707	1 167 574
Outubro.....	976 241	813 752	1 364 844	4 375 823	6 809 711	1 194 645
Novembro.....	987 771	827 140	1 370 904	4 414 384	6 889 938	1 196 071
Dezembro.....	960 096	818 408	1 369 827	4 485 194	6 886 363	1 178 599
1988						
Janeiro.....	968 629	823 921	1 357 751	4 409 176	6 801 134	1 168 327
Fevereiro.....	982 075	828 346	1 351 797	4 371 268	6 804 862	1 136 969
Março.....	961 942	834 267	1 342 265	4 362 454	6 846 936	1 163 143
Abril.....	966 953	829 825	1 349 100	4 390 091	6 832 853	1 173 422
Maio.....	975 482	830 102	1 363 421	4 417 725	6 849 941	1 204 788

29 – PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1987/88

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1987						
Abril.....	140 456	101 112	263 793	767 470	2 404 485	300 603
Maió.....	143 837	104 167	272 544	747 867	2 416 674	314 835
Junho.....	146 673	104 159	268 443	758 792	2 344 457	304 748
Julho.....	140 321	103 073	269 894	784 351	2 292 404	296 364
Agosto.....	140 121	99 672	277 065	763 023	2 320 796	294 107
Setembro.....	145 805	100 591	271 364	778 846	2 368 261	301 633
Outubro.....	139 340	103 886	271 685	773 639	2 375 707	311 537
Novembro.....	138 090	102 815	262 350	763 088	2 394 848	319 891
Dezembro.....	140 543	100 283	265 807	777 170	2 402 853	307 009
1988						
Janeiro.....	139 604	105 269	264 046	788 882	2 331 933	304 464
Fevereiro.....	138 653	107 438	264 753	762 204	2 325 951	294 765
Março.....	129 561	108 768	271 573	752 152	2 331 540	300 478
Abril.....	139 955	99 778	258 370	760 028	2 304 677	298 570
Maió.....	132 680	102 915	268 493	769 970	2 254 723	315 743

30 – PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1987/88

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1987						
Abril.....	58 086	70 482	121 323	312 189	369 480	70 349
Maió.....	60 223	69 154	118 651	311 817	372 778	70 031
Junho.....	57 335	67 244	122 233	297 492	348 494	65 407
Julho.....	58 645	63 780	120 716	304 681	385 511	65 814
Agosto.....	59 696	66 636	125 201	319 017	376 687	66 906
Setembro.....	59 800	69 144	124 892	304 850	388 414	69 102
Outubro.....	61 808	68 583	124 140	318 724	373 676	71 072
Novembro.....	65 313	73 221	123 422	345 139	391 199	69 771
Dezembro.....	67 979	73 003	124 466	324 541	387 740	69 724
1988						
Janeiro.....	62 141	65 684	128 261	321 743	383 479	66 811
Fevereiro.....	64 301	71 297	126 302	310 195	411 526	66 984
Março.....	62 633	69 945	125 209	311 608	413 379	68 655
Abril.....	67 609	73 041	126 075	322 638	422 204	70 574
Maió.....	64 918	67 651	134 213	328 278	412 801	68 729

**31 – PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO, POR REGIÕES METROPOLITANAS,
SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1987/88**

Idade mínima – 15 anos Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1987						
Abril.....	145 507	114 944	155 840	545 950	823 757	165 762
Maio.....	155 119	106 274	163 343	548 284	875 597	163 076
Junho.....	162 925	113 691	168 227	559 059	909 996	170 886
Julho.....	153 889	116 220	164 761	554 956	872 942	165 879
Agosto.....	155 582	117 034	165 210	560 549	862 924	165 682
Setembro.....	164 051	119 212	168 479	551 243	871 230	161 391
Outubro.....	167 170	116 010	165 478	567 743	871 060	165 109
Novembro.....	170 887	121 321	176 003	595 675	883 253	170 481
Dezembro.....	163 742	124 904	176 404	587 340	913 947	168 568
1988						
Janeiro.....	161 945	118 707	166 787	595 174	914 309	172 164
Fevereiro.....	161 570	122 824	167 339	563 310	912 085	157 289
Março.....	156 486	119 440	167 791	562 580	880 969	156 215
Abril.....	157 940	117 987	173 169	568 378	868 246	180 465
Maio.....	155 689	121 365	178 707	559 222	892 103	179 003

**32 – PESSOAS OCUPADAS EM SERVIÇOS, POR REGIÕES METROPOLITANAS,
SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1987/88**

Idade mínima – 15 anos Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM SERVIÇOS					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1987						
Abril.....	437 625	409 155	649 787	2 233 924	2 758 458	499 302
Maio.....	454 508	412 981	652 406	2 270 957	2 821 406	499 071
Junho.....	459 766	425 938	662 484	2 311 115	2 924 310	498 773
Julho.....	446 432	432 549	667 962	2 322 664	2 918 230	517 193
Agosto.....	466 811	432 810	681 428	2 321 158	2 895 075	520 976
Setembro.....	465 678	429 886	692 219	2 299 349	2 918 716	524 863
Outubro.....	466 880	432 615	698 017	2 302 838	2 916 638	536 676
Novembro.....	474 678	438 352	702 533	2 296 402	2 926 079	523 959
Dezembro.....	453 865	428 469	699 892	2 357 084	2 874 775	526 182
1988						
Janeiro.....	469 576	435 828	695 028	2 284 240	2 864 789	519 693
Fevereiro.....	481 443	429 641	691 383	2 322 286	2 845 695	507 393
Março.....	472 531	436 441	671 853	2 314 567	2 900 819	523 479
Abril.....	462 320	442 109	686 483	2 306 945	2 922 150	514 457
Maio.....	483 945	439 965	683 543	2 330 265	2 974 844	531 743

33 – PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1987/88

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1987						
Abril.....	141 589	98 257	108 727	416 360	284 633	106 550
Maio.....	138 708	95 846	102 891	412 052	290 056	111 959
Junho.....	134 815	93 553	105 736	402 812	285 473	111 539
Julho.....	135 677	96 114	111 583	413 959	285 518	110 800
Agosto.....	133 741	99 465	105 385	407 592	267 957	114 144
Setembro.....	132 756	96 185	102 155	417 092	273 086	110 581
Outubro.....	141 039	92 654	105 522	412 876	272 626	110 250
Novembro.....	138 801	91 429	106 596	414 076	294 556	111 968
Dezembro.....	133 962	91 747	103 256	419 057	307 046	107 113
1988						
Janeiro.....	135 360	98 431	103 626	419 136	306 622	105 193
Fevereiro.....	136 106	97 143	102 019	413 269	309 601	110 535
Março.....	140 730	99 670	105 836	421 543	320 226	114 312
Abril.....	139 125	96 907	105 001	432 098	315 573	109 354
Maio.....	138 237	98 203	98 464	429 987	315 466	109 568

34 – EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1987/88

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1987						
Abril.....	464 603	445 178	723 598	2 345 317	4 150 792	687 569
Maio.....	468 250	446 239	731 892	2 342 936	4 233 638	704 723
Junho.....	468 070	456 217	737 027	2 357 356	4 161 162	693 157
Julho.....	461 571	452 226	727 170	2 346 881	4 163 658	689 794
Agosto.....	465 124	454 983	746 126	2 355 290	4 174 742	688 829
Setembro.....	473 071	440 820	752 564	2 385 667	4 124 618	702 151
Outubro.....	473 599	432 560	746 975	2 389 129	4 206 217	710 397
Novembro.....	477 934	447 732	753 664	2 399 185	4 233 503	709 372
Dezembro.....	471 082	442 816	757 994	2 416 490	4 281 289	711 295
1988						
Janeiro.....	472 408	452 987	751 754	2 404 311	4 191 129	704 363
Fevereiro.....	470 765	453 474	760 522	2 394 164	4 134 232	688 720
Março.....	464 289	452 440	744 379	2 408 282	4 211 947	688 401
Abril.....	468 795	439 354	746 330	2 404 031	4 193 977	689 687
Maio.....	462 637	438 910	757 743	2 429 227	4 201 630	713 339

35 – POPULAÇÃO RESIDENTE, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1987/88

ANOS E MESES DA PESQUISA	POPULAÇÃO RESIDENTE					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1987						
Abril.....	2 805 022	2 220 869	3 280 936	10 617 734	16 025 808	2 751 989
Maió.....	2 810 928	2 226 856	3 291 586	10 637 775	16 063 606	2 759 369
Junho.....	2 816 847	2 232 852	3 302 267	10 657 840	16 101 448	2 786 749
Julho.....	2 822 765	2 238 857	3 312 964	10 677 905	16 139 303	2 774 147
Agosto.....	2 828 689	2 244 871	3 323 694	10 697 980	16 177 171	2 781 547
Setembro.....	2 834 619	2 250 882	3 334 426	10 718 082	16 215 083	2 788 965
Outubro.....	2 840 547	2 256 902	3 345 174	10 738 181	16 253 038	2 796 385
Novembro.....	2 846 489	2 262 931	3 355 939	10 758 293	16 291 006	2 803 823
Dezembro.....	2 852 429	2 268 969	3 367 737	10 778 416	16 328 988	2 811 262
1988						
Janeiro.....	2 858 411	2 275 033	3 377 577	10 798 688	16 367 222	2 818 745
Fevereiro.....	2 864 354	2 281 076	3 388 406	10 818 828	16 405 247	2 826 202
Março.....	2 870 308	2 287 125	3 399 249	10 838 957	16 443 303	2 833 666
Abril.....	2 876 259	2 293 182	3 410 091	10 859 104	16 481 360	2 841 138
Maió.....	2 882 213	2 299 246	3 420 963	10 879 241	16 519 417	2 848 610

INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA

ÍNDICE DA PRODUÇÃO FÍSICA — BRASIL

Os resultados da produção física do mês de maio mantêm, de modo geral, o panorama dos primeiros quatro meses do ano, vale dizer, os resultados comparativos a 1987 situam-se num patamar negativo que supera 5,0% (mensal: -5,8% e acumulado: -6,1%), sendo que na comparação maio/abril, segundo o indicador ajustado sazonalmente, registra-se uma queda de -1,7%. No entanto, mesmo tendo sofrido uma redução, o nível da atividade produtiva ainda está muito próximo da média dos últimos nove meses, o que confirma o quadro de estabilização da produção industrial.

Embora a queda de -1,7% assinalada este mês seja inferior à de abril (-2,7%), o nível deste indicador (Índice Base Fixa Sazonalmente Ajustado) em maio último (118,8%) é bastante próximo à média do primeiro quadrimestre do ano (120,1%). Em maio todos os gêneros industriais, à ex-

ceção de alimentares (2,0%) — que está crescendo desde março — e química (0,7%), recuaram em relação a abril. O principal destaque cabe à indústria extrativa mineral (-6,9%), com a maior contração desde abril de 1984, que está associada à diminuição da produção de petróleo devido ao acidente ocorrido na plataforma de Enchova.

A comparação contra igual mês do ano anterior registra uma retração de -5,8%, contra -7,8% em abril. Em quatorze dos dezessete gêneros, ocorrem decréscimos na produção, no entanto, com exceção da mecânica, perfumaria e não-metálicos, todos assinalam quedas menores que as verificadas no mês precedente. A indústria extrativa tem sua maior variação negativa (-2,6%) dos últimos onze meses. Esse resultado deve-se como já foi mencionado, à extração de petróleo e gás natural, que atinge a taxa de -6,9% em maio, contra 2,7% em abril.

Os gêneros que cresceram, segundo o indicador mensal foram: borracha (4,5%),

material de transporte (3,2%) e produtos alimentares (1,5%), sendo que os dois últimos haviam revelado decréscimo no mês anterior de -1,5% e -7,2% respectivamente. No caso de material de transporte esse resultado foi ocasionado, principalmente, pelo incremento da produção de automóveis e camionetas (6,6%), devido, em boa medida, à formação de novos consórcios e aos descontos oferecidos pelas concessionárias de veículos. O bom desempenho de produtos alimentares foi decorrente não só da estabilização da produção das usinas de açúcar, que haviam registrado quedas expressivas nos meses anteriores, como também da expansão dos segmentos mais voltados para o mercado externo, tais como café solúvel (70,1%), e abate e preparo de carnes (18,7%) e de aves (2,5%). A performance do setor borracha é explicada pelo crescimento da automobilística, com a produção de pneumáticos, seu principal produto, crescendo 5,9%.

O indicador acumulado registra uma contração de -6,1%, similar à de abril (-6,2%). Na indústria de transformação três gêneros mantêm taxas positivas: material de transporte (4,5%), borracha (2,4%) e fumo (1,0%) e fumo (1,0%). Os que mais contribuíram para o resultado global negativo foram: material elétrico e de comunicações (-11,8%), mecânica (-8,3%), metalúrgica (-5,4%) e química (-4,7%), sendo que nos dois primeiros, os produtos que mais influenciaram são da categoria dos bens de consumo duráveis — aparelhos de TV em cores, refrigeradores domésticos, respectivamente — cuja produção está voltada basicamente para o mercado interno, sofrendo com isso os efeitos da contração do poder de compra da massa salarial e das altas taxas do crédito ao consumidor.

O desempenho das categorias de uso no indicador acumulado de 12 meses, apresenta resultados diferenciados. Os maiores decréscimos verificam-se no setor vinculado à performance dos investimentos — bens de capital com -6,4% — por motivos já assinalados em notas anteriores, nos bens de consumo duráveis (-8,2%), devido a sua maior elasticidade-preço. Por outro lado, os bens intermediários (-3,6%) com maior abertura para o exterior — e os bens não-duráveis (-5,4%) com menor elasticidade, dado à sua essencialidade, estão próximos da média geral da indústria (-4,9%).

Complexos industriais e a evolução recente da indústria¹

O período 1986/88 apresenta características bastante diferenciadas quanto ao desempenho dos complexos industriais. O ano de 1986 foi marcado pela aceleração do crescimento da indústria provocada pelo Plano Cruzado. À exceção da agroindústria (-3,3%), todos os complexos tiveram expansão acima de 10% (Tabela A): construção 16,6%, metal-mecânica 16,1%, química 11,8%, têxtil 11,0%, outros (papel e papelão) 10,5%. O incremento na metal-mecânica, o complexo mais desenvolvido, integrado e historicamente o mais dinâmico da economia brasileira, foi tão expressivo que chega a ser responsável por mais da metade do incremento da indústria. Esta performance foi *puxada* por máquinas e equipamentos (22,3%), destacando-se aí os tratores agrícolas. Vale assinalar também o desempenho da produção de TV em cores (45,6%) que isoladamente responde do acréscimo do microcomplexo eletrônico. A agroindústria que foi prejudicada pelos problemas decorrentes do controle de preços, atingindo principalmente carne de bovino

¹ Um complexo industrial é constituído por um conjunto de indústrias que se articulam, de forma direta ou mediada, a partir de relações significativas de compra e venda de mercadorias a serem posteriormente reincorporadas e transformadas no processo de produção. Adota-se neste trabalho a divisão da economia brasileira em seis complexos industriais: agroindústria, construção, metal-mecânica, química, têxtil e outros, tendo como base a monografia de Lia Haguener, José Tavares de Araújo Jr., Victor Prochnik e Eduardo Augusto Guimarães. *Os complexos industriais da economia brasileira* — texto para discussão n.º 62, IEI/UFRRJ, 1984.

Vale ressaltar que esta análise do período 1986/88 é uma primeira tentativa de utilizar a tipologia de complexos industriais a partir de estatísticas mensais de produção física, contendo portanto limitações resultantes basicamente dos objetivos originais da pesquisa, o que afeta principalmente a agroindústria. É importante assinalar ainda que a metodologia definida no texto citado teve que sofrer adaptações ao ser compatibilizada com o painel de produtos da PIM-PF. Isto representou a exclusão de setores que não fazem parte da indústria (ex.: agropecuária, caça e pesca) e de segmentos industriais não abrangidos pela pesquisa mensal (ex.: madeira, mobiliário, editorial e gráfica, e couros e peles). Em decorrência o complexo *outros* restringe-se ao segmento de papel e papelão.

A — DESEMPENHO DA INDÚSTRIA, SEGUNDO COMPLEXOS INDUSTRIAIS — 1986/88

COMPLEXOS INDUSTRIAIS	ESTRUTURA DE PONDE-RAÇÃO 1985 (%)	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
		1986		1987		1988 (jan. - maio)	
Agroindústria.....	16,9	96,7	-0,57	107,3	1,09	91,3	-1,18
Pecuária e derivados	3,9	99,0	-0,04	108,0	0,28	105,7	0,21
Trigo e soja.....	1,9	96,2	-0,07	99,6	-0,01	93,3	-0,13
Café.....	0,5	98,2	-0,01	102,8	0,01	132,2	0,11
Cana-de-açúcar.....	5,9	91,1	-0,53	112,1	0,58	69,1	-0,85
Outros.....	4,7	101,8	0,08	105,2	0,23	89,0	-0,52
Construção	6,0	116,6	0,98	103,4	0,22	95,9	-0,26
Metal-mecânica.....	39,0	116,1	6,28	98,5	-0,62	94,8	-2,13
Produtos metalúrgicos.....	5,7	116,6	0,95	100,7	0,04	83,3	-1,10
Metalurgia dos não-ferrosos	1,5	110,2	0,16	100,2	0,00	91,3	-0,14
Siderurgia	7,4	107,3	0,54	97,5	-0,18	108,4	0,54
Máquinas e equipamentos.....	8,4	122,3	1,88	101,8	0,17	90,6	-0,91
Material e aparelhos elétricos.....	3,0	122,4	0,67	109,1	0,29	89,4	-0,37
Eletrônico.....	3,5	129,6	0,94	97,8	-0,09	87,4	-0,52
Automotriz.....	7,7	112,4	0,96	90,6	-0,73	108,6	0,47
Outros materiais de transporte.....	1,8	110,0	0,18	92,9	-0,12	94,8	-0,10
Química.....	23,0	111,8	2,62	102,4	0,56	95,5	-1,07
Produtos químicos finais.....	9,9	117,7	1,76	102,8	0,30	90,1	-1,05
Elementos químicos.....	1,2	108,8	0,01	97,8	-0,02	110,1	0,10
Petroquímica.....	11,9	107,1	0,85	102,5	0,28	99,0	-0,12
Têxtil.....	11,3	111,0	1,23	95,7	-0,48	88,8	-1,24
Têxtil e vestuário.....	9,4	110,8	1,00	96,8	-0,30	88,6	-1,08
Calçados.....	1,9	112,3	0,23	90,4	-0,18	89,9	-0,16
Outros.....	3,8	110,5	0,39	103,7	0,14	93,8	-0,24
Indústria geral.....	100,0	110,9	10,93	100,9	0,91	93,9	-6,12

industrializada (-21,1%), teve também em 1986, por problemas de safra, um resultado negativo para cana-de-açúcar (-8,9%). Bastaria que a produção dos derivados da cana mantivesse o nível do ano anterior, para praticamente anular o decréscimo na agroindústria.

No ano seguinte (1987), por outro lado, a indústria alcançou um resultado positivo (0,9%), principalmente devido ao desempenho da agroindústria (7,3%). A safra de cana foi bem melhor, e com isso cresceu o microcomplexo cana-de-açúcar (12,1%). Com o fim do tabelamento, a pecuária e seus derivados puderam expandir-se (8,0%). A metal-mecânica assinalou queda de -1,5%, fortemente influenciada pela compressão da massa salarial, que refletiu na produção do setor automotriz (-9,4%), em especial na de automóveis (-16,5%). Os demais complexos atingiram as seguintes taxas: outros (3,7%), construção (3,4%) química (2,4%) e têxtil (-4,3%). Vale assinalar que essa análise do desempenho da indústria em 1987 com base nos complexos industriais realça a importância da agroindústria, indo contra uma interpretação corrente que afirma que o crescimen-

to deste ano foi devido, essencialmente, à reposição dos estoques da indústria nos primeiros meses do ano, quando a base de comparação-período anterior ao Plano Cruzado estava deprimida.

Em 1988 — período janeiro-maio — a queda na indústria é generalizada. Tanto a metal-mecânica que liderou o crescimento em 1986, como a agroindústria que fez o mesmo em 1987, registram decréscimo de -5,2% e -8,7% respectivamente. A construção civil, que tem pouco peso na indústria, é a que apresenta a menor retração (-4,1%). Vale ressaltar que este complexo é o que acumula maior expansão (15,6%) no período 1986/88.

O desempenho positivo das exportações tem contribuído para atenuar a queda da produção industrial. Dos quarenta e nove setores-matriz pesquisados, vinte e sete registram performance acima da média global da indústria, segundo o indicador acumulado. Destes, quinze vêm tendo sua dinâmica fortemente influenciada pela produção destinada ao mercado externo (Tabela B). Esse impacto positivo das vendas externas também se faz sentir em alguns microcomplexos (Tabela A) tais como: café

(32,2%),² automotriz (6,6%), siderurgia (8,4%), pecuária e derivados (5,7%). Mesmo assim os segmentos de calçados e papel e papelão, que têm boa abertura para o exterior, assinalam reduções de -10,1% e -6,2%, respectivamente.

Alguns segmentos vinculados à agricultura também têm assinalado este ano variações positivas, tais como refino de óleos e gorduras para alimentação (10,2%) e laticínios (6,7%). É possível que a contração no complexo agroindustrial se reverta, pelo menos parcialmente, até o final do ano, com a comercialização da soja e dos demais produtos da safra de verão, e com o fim do impacto negativo da quebra da produção dos derivados de cana no Nordeste. No entanto, as quedas nos cinco primeiros meses do ano foram significativas, o que dificulta a obtenção até dezembro de uma taxa positiva em comparação com o ano anterior. Nota-se que em 1987, quando este complexo atingiu um incremento expressivo, chegando a compensar as quedas havidas em

outros, no período janeiro-maio daquele ano, o desempenho do gênero produtos alimentares, seu segmento mais importante, foi positivo (9,2%), diferentemente do verificado nos cinco primeiros meses do corrente ano (-6,4%). A principal ligação externa ao complexo da agroindústria se dá através da demanda por adubos e fertilizantes da química. Cabe chamar atenção para o fato deste segmento em 1987 ter se expandido em 11,8% no acumulado janeiro-maio, contra apenas 1,2% em 1988 no mesmo período de comparação.

A Tabela B evidencia as contribuições positivas do mercado externo e, secundariamente, da agricultura ao desempenho industrial recente, fatores que embora suficientes para evitar uma retração mais aguda no setor, não são, no entanto, o bastante para sustentar o processo de retomada do crescimento industrial sem o concomitante reaquecimento do mercado interno. Este, por sua vez, acha-se bastante retraído em face da perda do poder de compra dos

B – SETORES, COM RESULTADOS ACIMA DA MÉDIA GLOBAL DA INDÚSTRIA, AGRUPADOS SEGUNDO OS FATORES PREDOMINANTES DO SEU DESEMPENHO
(Base: igual período do ano anterior = 100)
Janeiro/Maio – 1988

SETORES	TAXA DE CRESCIMENTO (%)
Vinculados às exportações	
Exatção de minerais metálicos	9,8
Exatção de carvão mineral	11,8
Gusa	13,0
Aço, ferroligas em formas primárias	17,2
Laminados de aço	3,6
Fundidos e forjados de aço	0,6
Material elétrico para veículos	0,9
Automóveis e camionetas	12,2
Caminhões e ônibus	4,4
Motores e autopeças	0,9
Celulose e pasta mecânica	7,7
Pneumáticos	3,7
Petroquímica	5,9
Abate e preparação de carnes	22,7
Abate e preparação de aves	1,7
Vinculados ao mercado interno	
Exatção de petróleo e gás natural	1,4
Tijolos e artefatos de barro	5,5
Indústria naval	11,9
Cerveja, chope e malte	4,7
Cimento	-2,1
Tratores e máquinas rodoviárias	-3,3
Condutores elétricos	-3,7
Papel e papelão	-3,3
Refino de petróleo	-0,4
Vinculados à agricultura	
Adubos e fertilizantes	1,2
Laticínios	6,7
Refino de óleos e gorduras para alimentação	10,2
Indústria geral	-6,1

² Os resultados do microcomplexo café estão possivelmente superestimados, dado que o painel da PIM-PF só pesquisa o produto café solúvel.

COMPOSIÇÃO DA TAXA DE CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA GERAL⁽¹⁾(Indicador Acumulado, segundo os Gêneros da Indústria)
Janeiro/Maio — 1988

GÊNEROS	COMPOSIÇÃO DA TAXA	PRODUTOS RESPONSÁVEIS ⁽²⁾
Extrativa mineral.....	0,16	Petróleo em bruto — Minério de ferro
Minerais não-metálicos.....	-0,32	Chapas ou telhas, lisas ou corrugadas de fibrocimento — Copos de vidro
Metalúrgica.....	-0,74	Parafusos de ferro e aço — Fogões e fornos não-elétricos
Mecânica.....	-0,90	Refrigeradores domésticos, elétricos — Tratores agrícolas de 55 a menos de 100 H.P.
Material elétrico e de comunicações.....	-0,93	Aparelhos receptores de televisão em cores — Máquinas de calcular, eletrônicas
Material de transporte.....	0,33	Automóveis para passageiros — Navios de grande porte
Papel e papelão.....	-0,25	Caixas de papelão corrugado — Papel de acabamento especial (impregnado ou revestido)
Borracha.....	0,04	Pneumáticos para caminhões e ônibus — Mangueiras, canos e tubos de borracha
Química.....	-0,72	Álcool hidratado — Álcool anidro
Farmacêutica.....	-0,27	Antibióticos — inclusive trimetoprim — Vitaminas e seus sais não dosados
Perfumaria, sabões e velas.....	-0,06	Sabões e cremes para lavar e enxaguar cabelos — Velas (cera, estearina, sebo, etc.)
Produtos de matérias plásticas.....	-0,63	Sacos e sacolas de material plástico — Artigos de material plástico para mesa, copa e outros usos domésticos
Têxtil.....	-0,66	Tecidos acabados ou beneficiados, de algodão — Tecidos acabados ou beneficiados, artificiais ou sintéticos
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos.....	-0,58	Calças compridas de tecidos — inclusive tecidos de malha — Blusas, blusões e camisas esportes de tecidos — inclusive tecidos de malha
Produtos alimentares.....	-0,57	Suco e concentrado de laranja — Açúcar cristal
Bebidas.....	-0,03	Refrigerantes — Aguardente de cana-de-açúcar (produzida diretamente da cana-de-açúcar)
Fumo.....	0,01	Fumo em folha beneficiado (seco ou defumado)
Indústria geral.....	-6,12	

(1) $C = (I_G - 100) \cdot K$, onde:

C = Participação do gênero na formação do total da taxa de crescimento;

 I_G = Indicador do gênero; e

K = Peso do gênero no total da indústria geral.

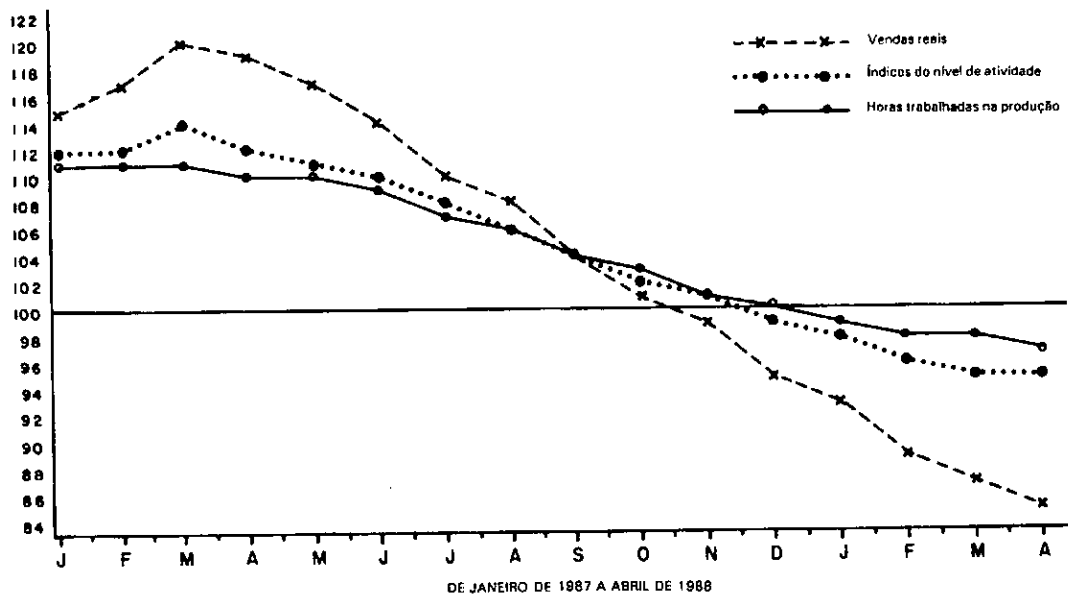
(2) Foram destacados, em cada gênero, os dois principais produtos responsáveis pelo indicador.

salários e da redução nos níveis de investimento produtivo, o que vem refletindo no declínio dos índices de venda do comércio em geral.

Ao bom desempenho das exportações de manufaturados e da agricultura soma-se outro fator que vem contribuindo, ultimamente, no sentido de evitar o agravamento da contração da produção e do emprego industriais, qual seja, a formação de estoques de produtos finais nas fábricas. Este fato parece encontrar sua lógica na especificidade da atual conjuntura que contempla, entre outros fatores, custos crescentes de produção, taxa real de juros relativamente baixa e um quadro econômico ainda indefinido. O Gráfico 1 revela que já a partir do ano passado o ritmo de produção em bases anuais da Indústria paulista (representado pela

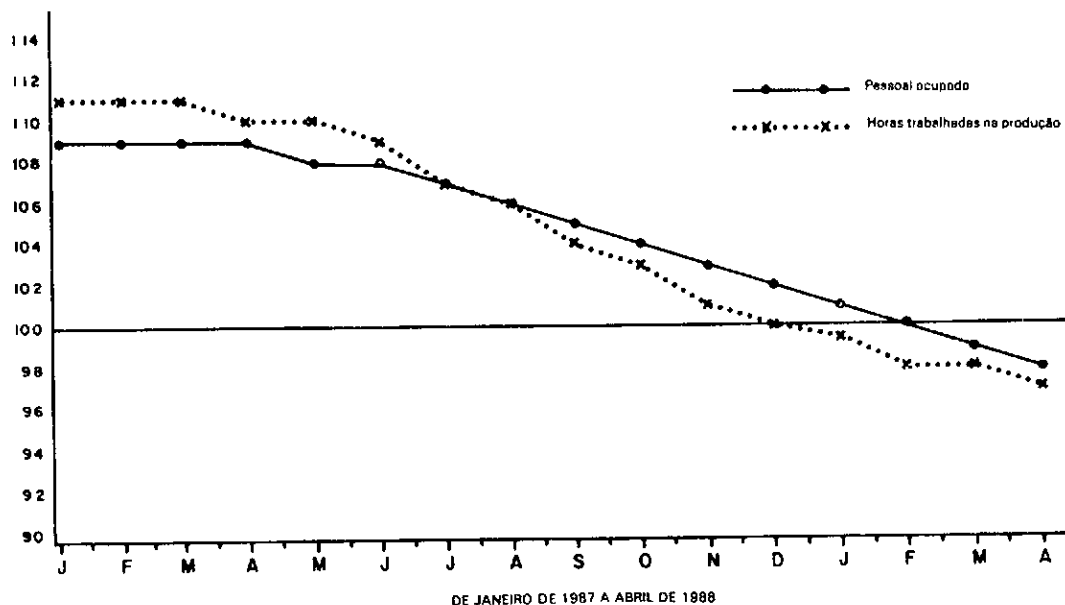
evolução do Índice do Nível de Atividade — INA, da FIESP) vem caindo bem menos que o de vendas reais do próprio setor, fato que se acentua em 1988, sugerindo, assim, que esteja sendo implementada uma política de produção para estoques por parte das empresas. É importante observar, ainda, a evolução das variáveis Pessoal Ocupado e Horas Trabalhadas na Produção (Gráfico 2) com a primeira caindo menos que a última, o que sugere, também, que as indústrias estejam optando pela redução da jornada de trabalho à demissão, na espera de uma melhor definição da situação econômica, mesmo que isto venha representar momentaneamente uma diminuição dos ganhos de produtividade, como parece indicar o confronto entre as evoluções do INA e a de Ho-

GRÁFICO 1
 SÃO PAULO — INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL.
 ÍNDICE ACUMULADO DOS ÚLTIMOS 12 MESES
 (BASE: 12 MESES IMEDIATAMENTE ANTERIOR = 100)



FONTE — FIESP

GRÁFICO 2
 SÃO PAULO — INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL.
 ÍNDICE ACUMULADO DOS ÚLTIMOS 12 MESES
 (BASE: 12 MESES IMEDIATAMENTE ANTERIOR = 100)



FONTE — FIESP

ras Trabalhadas na Produção, no Gráfico 1. Entende-se, porém, que esse comportamento quanto ao emprego, que amortece a queda da massa salarial, e a política de produção para estoques são medidas de curto-prazo, que certamente deixarão de atuar na medida em que comecem a diminuir as incertezas quanto ao cenário econômico.

ÍNDICES DA PRODUÇÃO FÍSICA POR REGIÕES

Os resultados regionalizados da produção industrial em maio último mantêm praticamente inalterados os traços dominantes observados ao final do primeiro quadrimestre: os índices contra igual período de 1987 mostram queda na atividade industrial, com exceção da Bahia (em maio último) e Minas Gerais, onde ao longo do ano a influência das exportações industriais tem sido marcante.

A Tabela C procura medir o impacto do desempenho de cada região na formação da taxa de crescimento obtida no País³. Verifica-se, então, que a maior influência negativa para o desempenho nacional vem de São Paulo, que ao registrar queda de -6,9% no acumulado janeiro-maio provoca impacto de -3,7 pontos percentuais. Também a performance do Nordeste tem

contribuição significativa (-1,0 ponto percentual), mais pela intensidade de sua retração (-10,3%) que pela importância em termos de ponderação. No caso de São Paulo, local cujo setor industrial é mais diversificado, predominam as retrações em segmentos ligados a Bens de Consumo, enquanto que acima da média da indústria situa-se a categoria de Bens de Capital, graças ao desempenho das exportações e da safra agrícola. A indústria nordestina, por sua vez, reflete basicamente o comportamento do setor álcool-açucareiro, cuja produção em 1987 rompeu o padrão sazonal, levando a uma queda acentuada nos primeiros meses deste ano. Para o segundo semestre este fator será com certeza amortecido, e os melhores resultados obtidos até aqui na indústria da Bahia (-1,4% no acumulado janeiro-maio contra -21,1% para Pernambuco) terão maior influência no resultado global da região.

O desempenho de Minas Gerais (3,0% de crescimento e impacto de 0,3%) confirma a forte presença das vendas externas como fator de impulso à atividade industrial em 1988. O melhor exemplo é o avanço de 12,0% na produção siderúrgica mineira contra -0,3% deste ramo na média nacional. No Rio de Janeiro, considerando-se a predominância de segmentos de Bens de Consumo, o resultado final para janeiro-maio (-2,4%) foi até certo ponto favorável, isto porque alguns setores de Bens de Capital (construção naval e telecomunicações) revelaram bom desempenho.

Finalmente, na indústria da Região Sul (-3,9%), verifica-se que os resultados favoráveis de segmentos articulados à agroindústria, e de alguns subsetores da química (fertilizantes) não têm sido suficientes para compensar as quedas observadas em indústrias tipicamente produtoras de Bens de Consumo.

Pernambuco

A indústria pernambucana apresenta em maio, para todos os indicadores, novamente o pior desempenho dentre as regiões pes-

C - DESEMPENHO INDUSTRIAL, SEGUNDO OS LOCAIS

(Base: igual período do ano anterior = 100)
Janeiro/Maio - 1988

LOCAIS	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Nordeste.....	89,7	-1,0
Minas Gerais.....	103,0	0,3
Rio de Janeiro....	97,6	-0,3
São Paulo.....	93,1	-3,7
Sul.....	96,1	-0,7
Subtotal	-	-5,4
Outros locais.....	-	-0,7
Total.....	93,9	-6,1

³ Cabe lembrar que a decomposição regional do crescimento registrado para o Brasil contém duas limitações: primeiro porque o corte regional não esgota todos os locais que participam da amostra para o País, e em segundo lugar, porque o método de cálculo adotado leva a que o índice para o Brasil não seja obtido dos resultados das amostras regionais. Estes dois fatores acabam por relativizar a contribuição dos outros locais na Tabela C.

quisadas. No entanto, os resultados da comparação mensal (-19,8%) e acumulada (-21,1%) já indicam sinais de desaceleração do ritmo de queda, em função principalmente da estabilização da produção, num patamar muito baixo, dos derivados da cana-de-açúcar, que assinalavam contrações acentuadas nos meses anteriores.

O indicador anualizado (-10,0%) mantém o seu movimento descendente ao registrar taxas negativas em todos os setores industriais do Estado, no qual destacam-se os seguintes gêneros e produtos, todos com quedas superiores a 20,0%: metalúrgica (fio-máquina de aço), produtos de matérias plásticas (placas ou chapas de matéria plástica) e material elétrico e de comunicações (pilhas secas).

Os segmentos com maior participação na estrutura industrial de Pernambuco apresentaram desempenho acima da média global — produtos alimentares (-1,2%) e química (-5,5%) — contribuindo para atenuar o quadro contracionista.

A diferença verificada entre os indicadores mensais de maio (-19,8%) e abril (-25,8%), de seis pontos percentuais, foi a maior do ano. Neste movimento, destacam-se na região a química (-15,1%) e produtos alimentares (-21,1%), que em abril assinalaram decréscimos de -33,0% e -28,7%, respectivamente. Esta diminuição na intensidade da queda atingiu todos os setores da indústria, com exceção de minerais não-metálicos (-10,4%) e material elétrico e de comunicações (-59,4%).

O indicador acumulado, conseqüentemente, apresenta redução da queda na produção industrial do Estado, o que pode ser creditado à estabilização das taxas dos derivados de cana-de-açúcar, tais como açúcar demerara (-59,5%) e álcool anidro e hidratado (-58,5%) devido à coincidência em maio do período de entressafra, que levou esses produtos a terem crescimento nulo no indicador mensal. As maiores taxas negativas no acumulado foram registradas nos gêneros material elétrico e de comunicações (-33,1%) e metalúrgica (-29,0%) destacando-se novamente pilhas secas e fio-máquina de aço, respectivamente.

D — DESEMPENHO DA INDÚSTRIA, EM PERNAMBUCO, SEGUNDO OS COMPLEXOS INDUSTRIAIS

(Base: igual período do ano anterior = 100)
Janeiro-Maio — 1988

COMPLEXOS INDUSTRIAIS	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Agroindústria	66,8	-12,3
Cana-de-açúcar	57,1	-18,2
Outros	80,4	-2,1
Têxtil	85,3	-1,4
Demais complexos	86,2	-7,4
Indústria geral	78,9	-21,1

Analisando-se o resultado no ano, em termos de complexos industriais⁴, nota-se que o decréscimo é generalizado (Tabela D) sendo mais intenso na agroindústria (-33,2%), em especial no micro-complexo cana-de-açúcar (-42,4%). Em têxtil (-14,7%) destaca-se pelo seu impacto no resultado da indústria, o item fios crus de algodão (-16,6%).

Como ainda não há sinais de recuperação da massa salarial e, por conseguinte, do mercado interno, e está se iniciando o período de entressafra da cana-de-açúcar, é provável que esse quadro contracionista seja mantido nos próximos meses.

Bahia

O mês de maio representou para a indústria baiana seu melhor resultado no indicador mensal (6,2%) desde abril do ano passado, excluindo-se agosto-87 (7,1%). Esta evolução não é inesperada, dado que as taxas negativas vinham revelando uma desaceleração da queda a partir de fevereiro do corrente ano; entretanto, comparando-se este crescimento com os obtidos pelas demais regiões, fica claro que a Bahia, conjuntamente com Minas Gerais, é exceção numa situação de queda generalizada da produção industrial. Utilizando-se algumas estatísticas da Confederação Nacional da Indústria, este quadro é reforçado quando se constata que, na mesma base de comparação, o número de horas trabalhadas cresce 3,2%, ou seja, uma das taxas regionais mais elevadas segundo levantamento da CNI.

⁴ Para maiores esclarecimentos acerca da utilização da tipologia de complexos industriais, vide observações feitas nos comentários dos indicadores conjunturais da indústria (Brasil) do mês de maio.

A boa performance da indústria geral na comparação mensal está relacionada ao desempenho positivo de seis segmentos dentre aqueles pesquisados, cabendo a material elétrico e de comunicações (47,7%), borracha (30,3%) e produtos alimentares (13,5%) as maiores taxas verificadas no mês. Para o primeiro gênero, vale ressaltar que o crescimento significativo de fios e cabos de alumínio nus (205,3%) tem a ver com a base de comparação, posto que a ocorrência de greves em abril-87 pode ter ainda prejudicado a produção do mês seguinte; com relação aos dois últimos segmentos, os principais produtos responsáveis pelas elevadas taxas de crescimento foram borracha vegetal e manteiga de cacau, respectivamente.

Ainda no mensal, a indústria extrativa mineral (4,6%) teve um desempenho superior à média dos primeiros quatro meses do ano, em boa medida devido ao aumento da extração de gás natural (15,7%), enquanto que a indústria química (6,8%) foi influenciada pela expansão da produção de óleo diesel (14,3%) e de gasolina (10,1%). Tais fatos podem ser conseqüência dos problemas verificados na plataforma de Enchova no Rio de Janeiro, que possivelmente desviaram parte da produção para o pólo petroquímico da Bahia.

Analisando-se o indicador acumulado até maio, nota-se que o bom resultado deste mês leva o índice para o patamar mais alto deste ano (-1,4%), comparativamente a igual período do ano anterior. Dois segmentos industriais passam a revelar taxas positivas — extrativa mineral (0,8%) e material elétrico e de comunicações (7,2%) —

juntando-se à química (1,6%) e à borracha (17,1%), os únicos setores com crescimento da produção no primeiro quadrimestre do ano.

Pelos dados da Tabela E, fica evidente o impacto da Petroquímica no Complexo Química e deste último na indústria como um todo. Trabalhando-se com o indicador acumulado no ano, o Complexo Química (2,1%) contrabalança de forma significativa a queda verificada nos outros complexos (-11,2%), fazendo com que a contração na indústria baiana seja de apenas -1,4%. Dentro da química, o setor petroquímico (1,7%) é aquele que efetivamente influencia a primeira, dado o forte peso assumido na estrutura industrial do Estado, ou seja, confirmando a análise da nota anterior, os segmentos ligados ao petróleo, em última instância, definem o resultado para a indústria da Bahia.

Minas Gerais

Com resultados positivos em todos os indicadores: mensal (6,9%) acumulado (3,0%) e acumulado 12 meses (1,8%) a indústria mineira vem consolidando sua trajetória de crescimento, sustentada pelo bom desempenho de suas vendas externas.

A expansão da indústria verifica-se a partir de março (Tabela F), passando de uma queda de -1,2% no primeiro bimestre para um crescimento de 5,9% no último trimestre, tendo seu desempenho liderado pelas exportações. No período março-maio praticamente todos os gêneros com significativas vinculações com o exterior melhoraram seu desempenho, destacando-se a metalúrgica (15,4%) e extrativa mineral (15,5%). A exceção ficou por conta de produtos alimentares, apesar do incremento das vendas externas de carne congelada. Por outro lado, os segmentos mais ligados ao mercado interno não tiveram um comportamento homogêneo, alguns melhoraram a sua performance (ex.: material elétrico) e outros intensificaram sua contração (ex.: produtos de matérias plásticas).

A performance de metalúrgica (15,4% no trimestre e 12,0% no acumulado do ano) foi obtida em razão do crescimento das exportações, que vem de forma a compensar a retração do consumo interno. O setor me-

E — DESEMPENHO DA INDÚSTRIA, NA BAHIA, SEGUNDO OS COMPLEXOS INDUSTRIAIS

(Base: igual período do ano anterior = 100)
Janeiro-Maio 1988

COMPLEXOS INDUSTRIAIS	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Química	102,1	1,6
Produtos químicos finais	121,2	0,4
Elementos químicos ..	99,1	0,0
Petroquímica	101,7	1,2
Outros complexos	88,8	-3,0
Indústria geral	98,6	-1,4

F — DESEMPENHO DO SETOR INDUSTRIAL
EM MINAS GERAIS, SEGUNDO OS GÊNEROS
SELECIONADOS — 1988
(Base: igual período do ano anterior = 100)

GÊNEROS SELECIONADOS	TAXAS (%)	
	Janeiro/ Fevereiro	Março/ Maio
Vinculados ao mercado externo		
Extrativa mineral	1,3	15,5
Metalúrgica	7,1	15,4
Material de transporte	-8,8	6,3
Papel e papelão	-1,6	11,9
Produtos alimentares.....	11,8	9,0
Vinculados ao mercado interno		
Minerais não-metálicos	-11,3	0,5
Material elétrico	-9,8	12,6
Química	-9,2	-6,6
Produtos de matérias plásti- cas.....	-23,4	-34,1
Têxtil.....	-4,4	-7,5
Vestuário	-31,3	-13,4
Bebidas.....	2,7	-2,0
Fumo.....	10,3	-7,0
Indústria geral	-1,2	5,9

talúrgico, segundo os dados do IBS (Instituto Brasileiro de Siderurgia), vem destinando atualmente 40,0% da sua produção para o mercado externo, estimada em 8,7 milhões de toneladas. Internamente, essa indústria enfrenta o problema da queda do consumo, que em 1987 perfazia 107 kg/ano per capita, caindo para 85 kg/ano em 1988. Outro fator que pode influir negativamente é a elevação das cotas de produção dos países membros da Comunidade Econômica Européia o que deverá acirrar a competição entre os países exportadores. Em termos de produtos, ferro gusa e ferronióbio em formas primárias, são os responsáveis pelo bom desempenho do setor.

O setor extrativo mineral, com taxa bem próxima à do setor metalúrgico no trimestre em análise (15,5%), vem se beneficiando tanto das exportações primárias, como também do efeito indireto do crescimento da produção siderúrgica, cabendo aí destacar, enquanto fornecedor da matéria-prima, o papel das empresas privadas.

Outros dois setores que apresentaram melhores resultados no trimestre foram material de transporte, que passou de -8,8% no bimestre janeiro-fevereiro para 6,3% no período março-maio e papel e papelão, que atingiu a casa dos dois dígitos (11,9%). Quanto a material de transporte, apesar de

nos meses de abril e maio apresentar números bem mais modestos do que os dois meses precedentes, o resultado acumulado no ano (1,1%) ainda é explicado em boa medida, pelo resultado das exportações de camionetas e utilitários, com 72,2% de expansão neste período. Os automóveis para passageiros, cujo crescimento acumulado em janeiro-maio registra queda de 10,6%, sofre os efeitos da retração da demanda, face aos sucessivos aumentos de preços conjugados com a perda de poder aquisitivo da massa salarial.

A indústria de papel e papelão cresceu 11,9% no trimestre março-maio contra -1,6% no bimestre do ano. O resultado dos últimos três meses pode ser explicado pela elevação do preço da celulose no mercado internacional, contribuindo, deste modo, para acelerar o ritmo da produção. Vale assinalar, entretanto, que a expressiva expansão (43,6%) é motivada, em grande medida, pelo efeito base ocasionado por paralisações para manutenção em importantes empresas do setor no mês de maio do ano passado.

Quanto à indústria alimentar, os resultados nesses cinco meses do ano chegam a ser surpreendentes, pois historicamente esse período é caracterizado como de fraca performance. Isso decorre do bom desempenho de produtos ligados à pecuária, tais como carnes e leite em pó, conforme citado em notas passadas. A elevação na produção de carnes tem sua explicação no grande incremento das vendas externas. Quanto ao leite em pó, os sucessivos aumentos nos preços do produto *in natura* têm estimulado o setor, dada a maior disponibilidade de insumos. Vale acrescentar que outro produto, suco de maracujá, vem tendo grande influência no crescimento do gênero, em razão da maior oferta de matéria-prima decorrente de alterações no processo de conservação da fruta.

Naqueles setores que sofrem os efeitos mais diretos da desaceleração da atividade econômica, na comparação entre o primeiro bimestre do ano com o trimestre março-maio (Tabela F) registram-se pequenas melhoras em: minerais não-metálicos, cuja taxa no último trimestre (0,5%) sugere uma leve recuperação na Construção Civil; material elétrico que passa de -9,8% para

12,6%; química que ameniza a sua queda em relação ao bimestre, assinalando -6,6% contra -9,2% e vestuário que mesmo apresentando índices negativos, atinge taxas mais favoráveis, saindo de uma queda de -31,3% para -13,4%, confirmando assim as estatísticas de comércio da Grande Belo Horizonte.

Por outro lado, a indústria de matérias plásticas continuou a registrar a maior queda, acentuando sua performance negativa, ao passar de -23,4% para -34,1%. Outros dois segmentos que mantinham resultados positivos no primeiro bimestre, bebidas e fumo, passaram para o campo negativo.

Analisando-se a evolução da indústria mineira, por categorias de uso⁵ conforme a Tabela G, nota-se que Bens Intermediários (5,1%), onde se concentram as vendas externas, foi o setor que ocasionou maior impacto positivo na taxa global (2,9 pontos percentuais), seguidos de Bens de Capital com crescimento de 28,0% *puxado* pela produção, em boa medida exportada, de camionetas e utilitários (72,2%). Já a categoria de Bens de Consumo apresentou queda de -3,4%, sendo que a de Bens Não-duráveis, com -1,6%, foi a que gerou a maior contribuição negativa.

Em última análise, no conjunto dos resultados apresentados para a indústria mineira nestes cinco primeiros meses, houve para os segmentos mais dinâmicos da estrutura produtiva uma maior abertura com o merca-

do internacional, sugerindo, assim, em se mantendo o atual dinamismo das exportações, a manutenção dos níveis de crescimento da indústria para os próximos meses. Outro fator que pode vir a contribuir a médio prazo, é a nova política industrial, dado que um de seus objetivos é o aumento da competitividade das exportações brasileiras. Quanto à performance dos segmentos vinculados ao mercado interno, não se vislumbra a curto prazo resultados mais favoráveis, pois no atual cenário econômico não há expectativa no que se refere à recuperação da massa salarial.

Rio de Janeiro

Com queda de -3,4% em maio último, relativamente a igual mês do ano passado, a indústria fluminense reduziu o seu índice de desempenho comparado aos estabelecimentos nos dois meses precedentes (março: 5,6% e abril: -1,5%). Contribuiu basicamente para isto a diminuição do crescimento da metalúrgica (de 13,0% em abril para 4,7% em maio) e de material de transporte (de 29,0% para 21,7%), bem como o decréscimo na extrativa mineral (-16,9%) - seu primeiro resultado negativo este ano - em consequência da paralisação na produção de petróleo em bruto e gás natural no poço de Enchova.

Mesmo assim o desempenho acumulado nos cinco primeiros meses do ano, -2,4% em relação a igual período do ano anterior, coloca o Rio de Janeiro com performance acima da média brasileira (-6,1%). Para isto foi essencial o comportamento favorável da produção de Bens de Capital no Estado, (Tabela H) cuja expansão de 33,4% contrasta com o resultado negativo da categoria no País (-3,5%). O reaquecimento da indústria naval e o grande aumento observado no segmento produtor de equipamentos de telecomunicações, este responsável pelo notável crescimento de material elétrico e de comunicações (41,1%), explicam a boa performance da categoria na região.

O setor de Bens Intermediários, com queda no período em análise de apenas

G - DESEMPENHO DA INDÚSTRIA, EM MINAS GERAIS, SEGUNDO AS CATEGORIAS DE USO
(Base: igual período do ano anterior = 100)
Janeiro-Maio - 1988

CATEGORIAS DE USO	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Bens de capital	128,0	0,4
Bens intermediários	105,1	2,9
Bens de consumo	96,6	-0,3
Consumo duráveis	89,4	0,0
Consumo não-duráveis	98,4	-0,3
Indústria geral	103,0	3,0

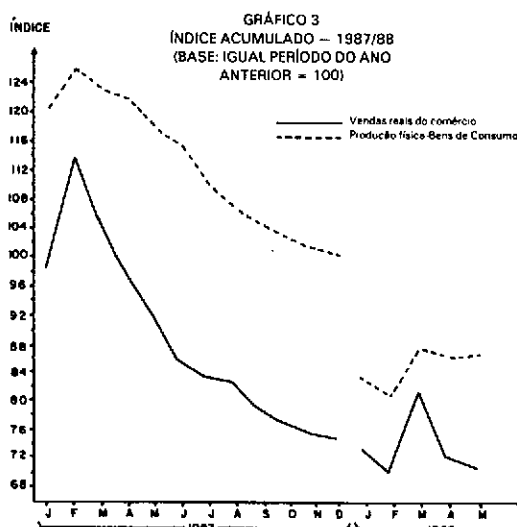
⁵ É importante ressaltar que a amostra da PIM-PF, no seu corte regional, não pretendeu dar conta da tipologia de categorias de uso, havendo portanto, possíveis limitações no que tange à cobertura das referidas categorias em relação à indústria geral.

– 1,7%, quando para o Brasil o mesmo atingiu um decréscimo de – 4,2%, também contribuiu para que o resultado global do Estado se situasse acima da média brasileira. Nesse sentido, foram importantes as contribuições positivas da metalúrgica (5,5%) e da química (1,2%). Vale frisar que a indústria química no Rio de Janeiro tem características que a distinguem da dos outros Estados. Ou seja, aqui têm, relativamente, muito pouca importância os segmentos que processam matéria-prima de origem agrícola, como os de álcool e de óleos vegetais, o que basicamente justifica a performance regionalmente diferenciada do gênero. Uma certa especificidade também ocorre com relação à metalúrgica deste Estado, no que se refere a especialização no processamento de alguns itens da sua linha de produção, cujo maior exemplo é o de folhas-de-flandres, único produtor no País. A propósito, este foi o principal produto responsável pela expansão do gênero no período janeiro-maio.

Já na categoria de Bens de Consumo, a redução de – 12,8% supera a queda verificada para o Brasil, que atingiu – 8,1% com forte participação negativa dos gêneros de vestuário (– 15,3%) e alimentares (– 13,8%). Isto pode sugerir que o Rio de Janeiro esteja sendo relativamente mais afetado que os outros principais centros industriais do País no que se refere aos níveis de contração da massa salarial, principalmente tendo-se em conta que a suspensão da URP para o funcionalismo provavelmente tenha tido maior repercussão neste Estado, em face do significativo peso relativo do setor público no local. Os elevados índices de quedas do comércio carioca nos últimos meses parecem corroborar esta hipótese.

H – DESEMPENHO DA INDÚSTRIA, NO RIO DE JANEIRO, SEGUNDO AS CATEGORIAS DE USO
(Base: igual período do ano anterior = 100)
Janeiro-Maio – 1988

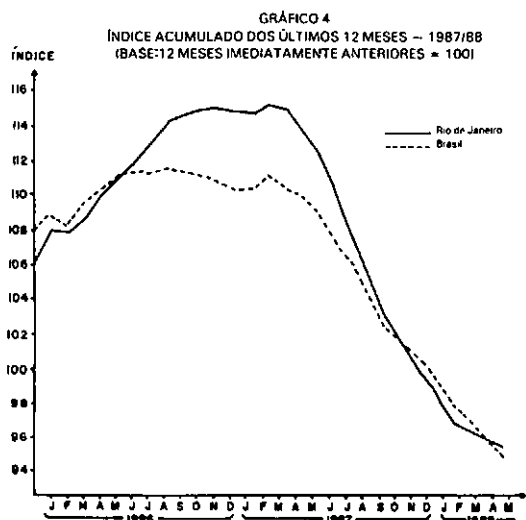
CATEGORIAS DE USO	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Bens de capital	133,4	2,4
Bens intermediários	98,3	– 0,9
Bens de consumo	87,2	– 3,9
Consumo duráveis	90,1	– 0,1
Consumo não-duráveis	87,1	– 3,8
Indústria geral	97,6	– 2,4



Nos cinco primeiros meses do ano as vendas do setor retraíram-se em 28,1%, com relação a igual período do ano anterior, índice que para a Região Metropolitana de São Paulo foi de – 8,4% e para Belo Horizonte – 7,2%, segundo as Federações do Comércio destes locais.

O Gráfico 3 compara a evolução da produção do segmento de Bens de Consumo com a das vendas reais do comércio. Primeiramente, observa-se uma forte queda do nível de produção no início deste ano, provavelmente como consequência das vendas do final do ano passado terem ficado bem abaixo das expectativas, gerando acúmulo de estoques cuja saída se deu basicamente através de promoções, razão principal do significativo aumento das vendas em março. Outro ponto a destacar é que a partir de março, enquanto as vendas ainda continuam retraídas, a produção de Bens de Consumo praticamente se estabiliza, levando a crer que esteja sendo aplicada a estratégia de antecipar a produção como um meio de defesa das margens de lucratividade, numa conjuntura de custos crescentes e contração dos negócios, fato que passa a ser viabilizado no curto-prazo a partir do momento em que a taxa real de juros torna-se relativamente favorável.

Por fim, em termos de tendência, observa-se que a partir de março a indústria fluminense passa a retrair-se de forma mais suave, como indica o Gráfico 4 que mostra as trajetórias da produção anualizada do Rio de Janeiro e do Brasil. E isto, mais uma vez deve ser atribuído ao excelente desempe-



nho do setor de Bens de Capital neste Estado.

São Paulo

Conhecido o resultado do desempenho industrial paulista neste mês de maio, os principais indicadores revelam a continuidade da performance negativa do setor, em relação a 1987: -7,8% no mensal, -6,9% no acumulado e -5,9% no de doze meses.

Com -7,8% o indicador mensal apresentou um avanço de 2,2 pontos percentuais em relação a abril último. No entanto, este resultado manteve-se dentro da média das taxas mensais negativas (-7,3%) observadas a partir de julho de 1987 - com exceção de março (0,7%) - denotando, com isto, a manutenção do ritmo de contração da produção nos últimos meses.

Observe-se que dos dezesseis gêneros pesquisados, apenas material de transporte (3,4%) e borracha (4,5%) vêm mantendo taxas positivas nos últimos meses, excetuando-se o mês de abril no caso do primeiro segmento. O desempenho favorável dos gêneros citados é devido à expansão da produção de automóveis e pneumáticos.

Por outro lado, ainda na comparação mensal, os setores industriais que figuram como os de maior impacto negativo na formação da taxa global são, em ordem de importância, os de química (-11,2%), metalúrgica (-12,1%), mecânica (-8,3%), material elétrico (-7,7%), têxtil (-8,3%) e matérias plásticas (-16,2%), que respondem por mais de 80% do resultado registra-

do no mês. Tendo como produtos responsáveis: gasolina, parafusos de ferro e aço, transportadores mecânicos, bobinas eletrônicas, tecidos de algodão, e pisos de material plástico, respectivamente.

Em termos do indicador acumulado janeiro-maio deste ano, comparado a igual período do ano anterior, o resultado de -6,9% repete praticamente a taxa do mês passado (-6,7%). Com exceção de material de transporte (5,5%), borracha (1,3%) e mecânica com crescimento nulo, os demais gêneros apresentaram queda na produção.

A recuperação das vendas de veículos de passageiros no mercado interno, nestes primeiros cinco meses do ano, é responsável por uma boa parcela do desempenho satisfatório do gênero material de transporte. Esta expansão pode ser creditada basicamente a três fatores:

1 - Campanhas de promoção de vendas oferecendo desconto, parcelamentos sem juros ou sobrevalorização do veículo usado na troca por um novo;

2 - O escoamento de boa parte da produção via consórcios. Estima-se esta participação em torno de 40% das vendas internas; e

3 - A expansão do PIB agrícola em regiões como Centro-Oeste, interior paulista e sul do País, que se beneficiaram com a alta de preços dos produtos agrícolas, gerando assim maior procura por automóveis nestas regiões.

Este último fator, aliado ao incremento das exportações, permitiu também a maior demanda por caminhões de mais de 20 toneladas. Por conseguinte a performance do setor borracha é justificada pelo crescimento da produção de pneumáticos para caminhões e ônibus.

Os gêneros que mais contribuíram com impacto negativo na formação da taxa global do indicador acumulado foram: metalúrgica (-9,4%), material elétrico (-13,0%), química (-5,6%) e têxtil (-11,9%) devido à menor demanda pelos produtos: tubos e canos de aço com costura, fios, cabos e condutores de cobre, gasolina e tecido artificial e sintético, respectivamente.

O desempenho pela ótica das categorias de uso, (Tabela I), apresenta as seguintes

I — DESEMPENHO DA INDÚSTRIA, EM SÃO PAULO, SEGUNDO AS CATEGORIAS DE USO
(Base: igual período do ano anterior = 100)
Janeiro-Maio — 1988

CATEGORIAS DE USO	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Bens de capital	101,2	0,2
Bens intermediários	92,6	-4,0
Bens de consumo	89,9	-3,1
Bens de consumo duráveis	97,1	-0,2
Bens de consumo não-duráveis	87,7	-2,9
Indústria geral	93,1	-6,9

taxas: Bens de Capital 1,2%, Bens Intermediários - 7,4%, Bens de Consumo Duráveis - 2,9% e Consumo Não-duráveis - 12,3%.

Este movimento diferenciado das taxas em relação à média da indústria (-6,9%), foi determinado basicamente por três fatores. As indústrias que se situaram acima da média, Bens de Capital e Consumo Duráveis, têm seu comportamento muito influenciado pela maior demanda de caminhões e automóveis, fato já exposto anteriormente neste comentário.

A queda da produção de suco e concentrado de laranja teve forte impacto negativo na categoria de Bens de Consumo Não-duráveis devido à base de comparação (janeiro-maio de 1987) estar muito elevada em função dos altos estoques de laranja no ano passado. Como último fator cabe destacar a menor demanda por tecidos artificiais e sintéticos, relacionada com a contração da massa salarial.

Quanto à produção acumulada nos últimos doze meses, o resultado de -5,9% situou-se em um patamar inferior ao observado no mês passado (-4,7%), mantendo assim a tendência de retração observada desde maio do ano passado.

Região Sul

A indústria da Região Sul assinala em maio contrações em todos os indicadores: mensal (-4,6%), acumulado (-3,9%) e acumulado de 12 meses (-3,6%). Em todas as comparações os resultados mais favoráveis — extrativa mineral e dos gêneros mais vinculados à agricultura destacando-

-se alimentares, fumo e em menor medida a química — não têm sido suficientes para contrabalançar as quedas nos segmentos voltados para o mercado interno, muito afetados pela contração da massa salarial.

No indicador mensal verificaram-se decréscimos em oito dos quatorze gêneros, destacando-se material elétrico (-17,5%), mecânica (-10,8%) e química (-10,6%), no entanto em seis destes a retração foi menor que a verificada no mês anterior. O fato de o resultado da indústria em maio (-4,6%), estar, mesmo assim, bem próximo ao verificado no mês anterior (-3,9%) deve-se, principalmente ao menor crescimento de produtos alimentares (1,4% em maio contra 6,3% em abril) e a retração na química de -10,6%, que no mês anterior havia registrado um acréscimo de 7,2%. O desempenho deste último segmento foi induzido, basicamente, pelas reduções em fertilizantes (-23,9%) e derivados da soja — farelo e óleo em bruto (-22,5%). A boa safra de soja deste ano ainda não foi em boa medida comercializada, pois muitos produtores estão estocando, na espera de melhores cotações no mercado internacional que está em alta. Quanto aos fertilizantes, sua contração ocorre após três meses consecutivos de crescimento na comparação mensal de 30% em média. O arrefecimento da expansão de produtos alimentares não foi maior devido sobretudo à boa performance de farinha de milho (93,0%) e óleo de soja refinado (11,8%), este último produto, como está no final da cadeia produtiva, ainda está processando a colheita do ano passado.

O indicador acumulado de 12 meses confirma seu movimento de queda (-3,6%) iniciado em janeiro deste ano. Destaca-se esse mês o crescimento da extrativa mineral (2,2%), o primeiro dos últimos dezesseis meses, puxado por calcário (11,5%) e carvão-de-pedra beneficiado (1,6%). Os gêneros que mais influenciaram na contração deste mês foram vestuário (-10,6%) e mecânica (-8,3%) que têm sua produção voltada principalmente para o mercado interno.

Analisando-se o desempenho da indústria segundo complexos industriais, pelo indicador acumulado (Tabela J) verifica-se um desempenho bastante diferenciado: agroindústria (2,5%), química (-1,5%), têxtil

J — DESEMPENHO DA INDÚSTRIA, NA REGIÃO SUL, SEGUNDO OS COMPLEXOS INDUSTRIAIS
(Base: igual período do ano anterior = 100)
Janeiro-Maio — 1988

COMPLEXOS INDUSTRIAIS	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Agroindústria	102,5	0,7
Pecuária e derivados	102,6	0,3
Trigo e soja	100,9	0,0
Café e cana-de-açúcar	104,2	0,1
Outros	102,4	0,3
Química	98,5	-0,2
Produtos químicos finais	97,1	-0,2
Elementos químicos e petroquímica	100,7	0,0
Têxtil	92,9	-1,2
Têxtil e vestuário	91,2	-0,9
Calçados	95,5	-0,3
Demais complexos	92,7	-3,2
Indústria geral	96,1	-3,9

(-7,2%) e demais complexos (-7,3%). Todos os setores da agroindústria registram variações positivas, sendo as maiores taxas as do café e cana-de-açúcar (4,2%), e pecuária e derivados (2,6%), destacando-se os produtos café solúvel (50,9%) e carne de bovino congelada (76,5%), ambos com expressivo volume de exportações neste ano. Na química só há crescimento no grupo de indústria de elementos químicos e petroquímica (0,7%), que produzem Bens Intermediários. Os insumos químicos de maior incremento, no período em questão, foram oxigênio (38,8%) e ácido sulfúrico (120,7%) que são de uso generalizado na indústria. Dentre os produtos finais destacam-se, por sua influência positiva no índice, os itens tintas à base de plástico (78,2%), e adubos e fertilizantes (17,9%). Dos vinte e nove produtos que compõem o complexo têxtil apenas nove assinalavam acréscimos na produção. As maiores contrações verificaram-se em casacos para homens (-54,3) e bolsas de material plástico (-48,7%).

DEFINIÇÃO DOS ÍNDICES DIVULGADOS

Índice base fixa: reflete o desempenho do mês de referência do índice, em relação à produção média mensal do ano-base de comparação (1981).

Índice acumulado de 12 meses: reflete o desempenho da produção acumulada nos últimos 12 meses de referência dos índices, em relação a igual período imediatamente anterior.

Índice acumulado: reflete o desempenho da produção acumulada no ano, de janeiro até o mês de referência dos índices, em relação a igual período do ano anterior.

Índice mensal: reflete o desempenho da produção no mês de referência dos índices, em relação a igual mês do ano anterior.

1 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS
DE INDÚSTRIA — 1988

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Março	Abril	Maio	Até março	Até abril	Até maio
Indústria geral	122,17	111,48	115,23	97,21	95,98	95,13
Extrativa mineral.....	197,30	185,54	178,35	101,03	101,81	101,85
Indústrias de transformação	119,90	109,25	113,32	97,04	95,72	94,82
Minerais não-metálicos	106,98	98,68	99,33	96,51	95,60	94,73
Metalúrgica	134,44	120,45	125,80	97,08	95,68	94,92
Metalúrgica básica	139,23	126,14	127,29	97,32	97,05	97,03
Outros produtos metalúrgicos	126,78	111,36	123,42	96,68	93,45	91,53
Mecânica	121,96	110,48	106,70	98,84	96,94	94,72
Material elétrico e de comunicações.....	138,58	124,24	130,78	91,80	90,19	89,41
Material de transporte.....	128,06	109,14	112,49	93,05	94,01	95,31
Autoveículos.....	143,32	122,11	127,22	94,62	96,29	97,96
Outros produtos de transporte	97,95	83,55	83,41	88,88	88,06	88,45
Papel e papelão	141,22	136,14	136,79	99,26	97,43	96,27
Borracha	142,16	140,51	140,04	101,09	101,28	101,18
Química	112,50	109,02	123,15	102,31	100,78	99,16
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra	124,26	114,43	118,18	101,64	100,46	100,07
Outros produtos químicos	104,78	105,46	126,42	102,69	100,96	98,65
Farmacêutica	134,75	111,99	119,43	96,24	92,81	91,30
Perfumaria, sabões e velas	170,84	160,17	148,01	106,45	101,36	98,36
Produtos de matérias plásticas	125,39	115,26	116,88	85,81	83,03	81,11
Têxtil.....	114,23	103,78	107,63	95,11	93,77	92,62
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos.....	92,86	81,78	83,75	85,07	84,30	83,97
Produtos alimentares.....	91,26	82,05	86,75	102,14	101,09	101,14
Bebidas.....	126,39	120,99	110,74	92,50	91,59	92,40
Fumo.....	230,91	192,60	178,14	101,64	100,19	99,40

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Março	Abril	Maio
Indústria geral	94,33	93,81	93,88	100,06	92,24	94,18
Extrativa mineral.....	105,30	105,22	103,64	107,97	104,94	97,42
Indústrias de transformação	93,82	93,28	93,43	99,69	91,67	94,04
Minerais não-metálicos	93,07	94,11	94,27	100,54	97,39	94,93
Metalúrgica	95,21	94,36	94,60	98,07	91,81	95,58
Metalúrgica básica	100,57	100,09	99,66	103,57	98,62	97,95
Outros produtos metalúrgicos	86,64	85,34	86,67	89,70	81,60	91,91
Mecânica	94,27	93,02	91,73	99,92	89,53	86,83
Material elétrica e de comunicações.....	87,06	87,15	88,25	99,67	87,39	92,49
Material de transporte.....	107,06	104,83	104,50	121,88	98,48	103,19
Autoveículos.....	111,18	108,54	107,66	123,59	101,04	104,32
Outros produtos de transporte	96,46	95,25	96,15	117,19	91,77	99,94
Papel e papelão	94,20	93,70	93,77	95,03	92,23	94,06
Borracha	99,83	101,87	102,40	106,57	108,10	104,47
Química	96,28	95,55	95,30	101,78	93,50	94,44
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra	102,29	100,81	100,60	104,50	96,37	99,78
Outros produtos químicos	91,73	91,68	91,62	99,76	91,56	91,44
Farmacêutica	89,39	86,31	86,67	102,47	77,79	88,12
Perfumaria, sabões e velas	99,69	97,95	95,57	99,54	93,12	86,57
Produtos de matérias plásticas	79,01	79,69	80,49	82,39	81,85	83,82
Têxtil.....	91,04	90,49	90,42	95,31	88,82	90,16
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos.....	84,61	85,04	86,21	96,59	86,37	91,12
Produtos alimentares.....	91,59	91,86	93,56	90,73	92,82	101,45
Bebidas.....	97,57	97,53	97,88	99,63	97,42	99,47
Fumo.....	106,21	102,17	100,96	108,06	92,78	96,48

2 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, COM AJUSTAMENTO SAZONAL,
SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1987-88
Base fixa mensal

CLASSES E GÊNEROS	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO
Indústria geral	118,05	117,23	124,19	120,88	118,77
Extrativa mineral	188,18	197,65	195,41	190,50	177,27
Indústrias de transformação	115,93	114,80	122,04	118,78	117,00
Minerais não-metálicos	101,44	97,16	107,65	105,34	101,74
Metalúrgica	127,32	120,93	129,31	126,38	124,52
Metalúrgica básica	133,09	130,03	134,72	131,36	126,67
Outros produtos metalúrgicos	118,08	106,37	120,64	118,42	121,08
Mecânica	109,76	114,47	118,49	115,04	111,73
Material elétrico e de comunicações	118,51	120,01	137,69	128,75	124,69
Material de transporte	111,68	113,65	123,04	116,08	112,09
Autoveículos	126,23	128,09	134,71	130,18	124,98
Outros produtos de transporte	82,95	85,15	100,00	88,25	86,66
Papel e papelão	133,70	135,49	137,03	140,12	137,08
Borracha	129,55	135,50	146,20	144,02	141,30
Química	125,41	124,78	133,78	129,82	130,75
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra	121,18	120,72	125,29	118,82	119,95
Outros produtos químicos	128,18	127,44	139,36	137,04	137,84
Farmacêutica	123,42	122,32	132,25	124,28	117,96
Perfumaría, sabões e velas	162,48	161,92	165,41	165,06	153,14
Produtos de matérias plásticas	118,14	117,02	120,77	122,70	121,69
Têxtil	108,60	106,83	110,46	108,30	107,43
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	88,17	87,50	95,60	88,38	86,75
Produtos alimentares	107,54	102,33	104,22	105,58	107,66
Bebidas	129,56	122,04	123,95	126,60	117,95
Fumo	130,99	135,25	132,09	124,85	124,53

3 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO CATEGORIAS DE USO — 1988

CATEGORIAS DE USO	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Março	Abril	Maio	Até março	Até abril	Até maio
Bens de capital	115,91	103,75	104,48	95,10	94,45	93,59
Bens intermediários	129,84	120,56	123,61	98,14	97,10	96,36
Bens de consumo	117,39	104,63	110,00	96,13	94,77	94,10
Duráveis	141,92	124,08	128,14	92,05	91,31	91,83
Não-duráveis	112,26	100,56	106,20	97,12	95,60	94,64

CATEGORIAS DE USO	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Março	Abril	Maio
Bens de capital	97,45	96,78	96,51	106,15	94,86	95,47
Bens intermediários	96,26	95,86	95,83	100,22	94,66	95,72
Bens de consumo	92,32	91,58	91,85	99,85	89,39	92,91
Duráveis	91,33	90,96	91,87	107,10	89,92	95,45
Não-duráveis	92,55	91,73	91,85	98,09	89,26	92,30

4 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO OS SETORES DA
MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS – 1988

(continua)

SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Março	Abril	Maio	Até março	Até abril	Até maio
Extração de minerais metálicos	136,41	125,88	127,68	101,54	103,39	104,96
Extração de petróleo e gás natural.....	273,87	260,17	243,47	101,15	101,46	100,87
Extração de carvão mineral	112,22	105,46	107,48	96,02	99,27	101,62
Cimento	92,97	88,22	83,88	94,81	94,96	94,60
Vidro e artefatos de vidro	114,80	111,46	118,87	98,23	95,99	93,34
Artefatos de cimento e concreto.....	119,04	100,38	101,57	91,78	89,22	87,81
Tijolos e artefatos de barro	119,94	115,50	116,91	106,14	105,67	105,23
Gusa.....	186,45	167,31	167,24	106,46	108,07	109,58
Aço, ferroliga — em forma primária	186,52	157,45	161,94	104,82	106,30	108,43
Laminados de aço	132,94	128,40	123,61	99,54	100,33	100,32
Fundidos e forjados de aço	135,64	115,29	118,48	91,06	90,83	91,27
Trefilados	114,92	105,36	104,00	89,89	85,97	83,18
Motores e bombas	132,48	120,45	115,21	92,87	89,17	85,90
Máquinas agrícolas	136,70	83,87	84,71	87,08	84,22	83,32
Tratores e máquinas rodoviárias	111,71	104,76	113,70	94,22	92,61	91,90
Equipamentos para escritórios e uso domiciliar.....	158,66	144,85	134,35	102,43	101,24	99,34
Equipamentos para energia elétrica	129,86	135,32	118,86	85,18	82,96	80,66
Condutores elétricos	116,00	108,85	115,08	89,58	88,07	90,00
Material elétrico — exclusive para veículos.....	143,11	126,03	125,61	102,18	99,08	95,98
Material elétrico para veículos	134,78	126,25	132,88	90,46	91,07	91,57
Motores e aparelhos elétricos.....	135,53	125,47	124,09	99,96	97,31	94,80
Receptores de televisão, rádio e som.....	156,62	135,79	145,83	91,10	89,59	88,61
Automóveis e camionetas	148,07	125,44	133,07	94,49	96,94	99,95
Caminhões e ônibus	131,28	111,45	111,34	93,93	95,04	95,41
Motores e autopeças	147,95	128,21	136,37	93,26	93,99	94,97
Indústria naval.....	62,61	53,11	49,08	91,12	92,93	92,77
Celulose e pasta mecânica.....	140,92	140,03	132,62	105,07	104,88	105,63
Papel e papelão	166,01	160,98	164,67	102,23	100,46	98,66
Artefatos de papel e papelão	122,90	115,57	119,85	93,26	90,04	87,58
Pneumáticos	134,08	134,82	132,75	101,74	102,39	102,83
Refino de petróleo.....	118,86	108,35	111,56	101,12	99,84	99,37
Petroquímica.....	157,73	152,11	159,68	104,51	103,71	103,66
Resinas, fibras e elastômeros	147,43	145,55	152,37	97,95	96,35	95,16
Pigmentos e tintas	130,40	113,27	120,00	100,18	97,58	95,46
Adubos e fertilizantes	113,67	102,99	122,22	104,07	103,09	101,14
Laminados plásticos	132,33	125,69	130,69	86,86	84,55	83,71
Fiação e tecelagem têxteis naturais	111,48	102,02	104,92	97,54	96,41	95,07
Fiação e tecelagem têxteis artificiais	116,24	106,65	111,01	91,48	89,90	89,09
Calçados	107,82	97,16	103,66	88,83	86,89	86,86
Moagem de trigo.....	120,49	107,17	105,93	88,10	86,49	85,35
Abate e preparo de carne.....	106,59	106,66	120,35	117,47	124,12	128,74
Abate e preparo de aves.....	137,03	126,22	136,04	106,19	105,61	105,42
Laticínios.....	126,60	110,30	108,11	110,60	109,98	108,53
Usinas de açúcar	2,76	0,33	0,00	101,83	97,98	97,98
Refino de açúcar	119,71	83,97	87,31	104,31	102,72	101,83
Refino de óleos e gorduras para alimentos	109,55	114,84	112,47	97,20	97,37	97,71
Preparo de alimentos para animais	98,50	93,24	97,57	99,49	97,65	95,82
Cerveja, chope e malte	140,05	126,41	121,63	98,43	98,74	99,21
Refrigerantes	139,54	126,39	106,39	96,57	94,77	93,45

4 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO OS SETORES DA
MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS – 1988

(conclusão)

SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Março	Abril	Maio
Extração de minerais metálicos	109,60	110,25	109,77	121,48	112,22	107,95
Extração de petróleo e gás natural.....	103,79	103,53	101,39	104,85	102,73	93,12
Extração de carvão mineral.....	109,59	111,05	111,79	111,51	115,78	114,82
Cimento.....	96,60	98,96	97,92	113,71	106,66	93,82
Vidro e artefatos de vidro.....	80,24	80,98	81,77	77,57	83,35	84,97
Artefatos de cimento concreto.....	88,14	87,84	88,28	98,31	86,89	90,06
Tijolos e artefatos de barro.....	105,54	105,32	105,45	108,00	104,68	105,92
Gusa.....	113,81	113,99	112,98	122,61	114,57	108,93
Aço, ferroliga – em forma primária.....	120,38	118,92	117,21	126,99	114,14	110,36
Laminados de aço.....	103,11	104,67	103,64	102,02	109,64	99,55
Fundidos e forjados de aço.....	102,08	100,44	100,84	115,98	95,86	101,46
Trefilados.....	74,39	74,44	75,08	76,22	74,60	77,79
Motores e bombas.....	88,38	84,73	82,55	90,97	75,84	74,81
Máquinas agrícolas.....	85,15	80,92	81,06	102,74	66,73	81,81
Tratores e máquinas rodoviárias.....	99,66	96,41	96,88	98,00	87,60	97,74
Equipamentos para escritórios e uso domiciliar.....	93,84	95,08	93,81	105,64	98,63	89,03
Equipamentos para energia elétrica.....	75,73	79,51	79,96	85,78	90,89	81,81
Condutores elétricos.....	91,57	92,23	96,28	93,41	94,22	115,30
Material elétrico – exclusivo para veículos.....	93,08	90,12	88,81	101,51	82,31	83,90
Material elétrico para veículos.....	103,22	101,41	100,86	111,22	96,54	98,89
Motores e aparelhos elétricos.....	87,83	87,60	87,13	87,09	86,91	85,32
Receptores de televisão, rádio e som.....	82,34	83,13	85,10	105,41	85,24	92,32
Automóveis e camionetas.....	118,04	113,71	112,19	134,15	101,93	106,62
Carminhões e ônibus.....	107,19	105,69	104,38	117,37	101,29	99,36
Motores e autopeças.....	102,22	100,59	100,93	111,13	95,78	102,30
Indústria naval.....	119,07	116,39	111,86	175,83	109,21	96,04
Celulose e pasta mecânica.....	108,38	107,45	107,66	107,63	104,75	108,59
Papel e papelão.....	97,40	96,52	96,75	97,17	93,97	97,66
Artefatos de papel e papelão.....	82,75	82,71	83,10	85,40	82,59	84,64
Pneumáticos.....	100,84	103,18	103,72	106,91	110,29	105,85
Refino de petróleo.....	101,52	99,91	99,56	103,94	95,05	98,15
Petroquímica.....	106,53	105,40	105,94	107,21	102,13	108,08
Resinas, fibras e elastômeros.....	93,25	92,82	93,43	90,80	91,54	95,88
Pigmentos e tintas.....	95,11	93,75	93,07	99,97	89,71	90,48
Adubos e fertilizantes.....	105,35	103,69	101,17	158,86	99,63	94,23
Laminados plásticos.....	78,41	80,70	83,30	84,46	88,20	94,76
Fiação e tecelagem têxteis naturais.....	92,18	91,08	90,20	93,96	87,77	86,84
Fiação e tecelagem têxteis artificiais.....	87,31	87,55	88,62	93,50	88,31	92,97
Calçados.....	87,04	88,50	90,44	100,44	93,12	98,45
Moagem de trigo.....	85,96	89,08	88,90	100,57	100,24	88,17
Abate e preparo de carne.....	126,68	123,92	122,70	106,86	116,62	118,71
Abate e preparo de aves.....	103,01	101,46	101,67	107,60	96,88	102,51
Laticínios.....	110,26	108,47	106,71	114,45	102,79	99,42
Usinas de açúcar.....	58,79	52,32	52,32	5,20	1,37	100,00
Refino de açúcar.....	94,62	93,27	93,28	119,75	88,49	93,32
Refino de óleos e gorduras para alimentos.....	114,01	113,15	110,20	122,83	110,98	100,54
Preparo de alimentos para animais.....	84,87	85,35	86,27	93,15	86,87	90,03
Cerveja, chope e malte.....	104,96	105,06	104,70	106,58	105,37	103,16
Refrigerantes.....	95,65	94,03	92,34	89,73	88,68	84,12

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS
DE INDÚSTRIA — 1988

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Março	Abril	Maio	Até março	Até abril	Até maio
REGIÃO NORDESTE						
Indústria geral	109,99	99,90	103,38	97,75	95,91	95,46
Extrativa mineral	147,39	144,86	149,04	102,10	101,97	102,42
Indústrias de transformação	104,81	93,67	97,06	97,04	94,94	94,34
Minerais não-metálicos	100,25	90,54	87,28	91,43	91,54	91,17
Metalúrgica	136,57	124,95	122,72	86,46	85,79	84,56
Material elétrico e de comunicações	152,93	113,05	98,59	93,07	90,20	88,68
Papel e papelão	113,19	105,26	114,78	101,83	97,95	94,72
Borracha	131,83	118,81	140,93	99,59	98,36	99,13
Química	114,44	106,29	115,67	101,98	99,13	99,16
Perfumaria, sabões e velas	142,61	94,63	111,83	109,92	103,67	101,85
Produtos de matérias plásticas	113,38	106,24	99,38	86,75	84,81	83,19
Têxtil	88,62	82,34	88,09	92,54	91,85	91,70
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	124,23	115,06	110,64	97,04	95,36	93,62
Produtos alimentares	72,74	59,06	61,68	100,12	96,82	95,94
Bebidas	104,91	85,24	86,34	89,80	89,12	88,16
Fumo	134,72	107,10	101,51	94,43	93,02	92,85

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Março	Abril	Maio
REGIÃO NORDESTE						
Indústria geral	88,10	88,13	89,72	87,17	88,26	97,33
Extrativa mineral	102,27	102,40	103,01	102,59	102,82	105,43
Indústrias de transformação	85,96	85,80	87,56	84,69	85,67	95,76
Minerais não-metálicos	90,63	93,31	93,51	101,45	102,87	94,40
Metalúrgica	79,25	82,64	83,70	88,46	94,90	88,31
Material elétrico e de comunicações	87,67	82,92	80,57	93,52	69,08	69,86
Papel e papelão	90,34	87,71	87,63	89,87	80,15	87,30
Borracha	103,28	100,92	103,52	104,35	94,18	113,73
Química	87,37	86,69	89,88	80,78	84,33	106,38
Perfumaria, sabões e velas	116,86	105,66	101,78	110,60	74,82	87,38
Produtos de matérias plásticas	83,18	85,74	86,49	91,76	94,44	89,84
Têxtil	88,45	89,49	91,09	103,02	92,81	97,72
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	93,72	92,74	92,19	110,42	90,10	90,04
Produtos alimentares	78,07	77,10	78,57	61,11	72,32	88,81
Bebidas	92,56	91,55	90,44	89,63	87,53	85,10
Fumo	96,14	92,56	91,44	103,48	81,80	86,46

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS
DE INDÚSTRIA – 1988

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Março	Abril	Maio	Até março	Até abril	Até maio
PERNAMBUCO						
Indústria geral	105,66	92,12	90,59	96,15	92,09	89,96
Indústrias de transformação	105,66	92,12	90,59	96,15	92,09	89,96
Minerais não-metálicos	110,06	93,98	88,60	94,07	93,27	92,35
Metalúrgica	118,72	120,76	109,33	80,91	77,04	75,47
Material elétrico e de comunicações	138,48	97,72	64,11	93,77	86,50	79,96
Papel e papelão	109,45	101,78	104,76	91,99	87,48	84,44
Química	158,86	136,56	139,08	102,97	96,37	94,49
Perfumeria, sabões e velas	112,75	73,54	98,57	101,82	95,05	92,69
Produtos de matérias plásticas	110,72	100,51	98,49	79,42	77,78	77,09
Têxtil	91,87	80,66	88,37	92,66	90,32	88,63
Produtos alimentares	67,88	61,83	65,19	105,21	101,18	98,77
Bebidas	88,52	71,07	70,09	88,04	87,17	86,17
Fumo	144,70	116,43	110,03	99,18	98,10	98,63

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Março	Abril	Maio
PERNAMBUCO						
Indústria geral	79,93	78,66	78,92	77,79	74,20	80,21
Indústrias de transformação	79,93	78,66	78,92	77,79	74,20	80,21
Minerais não-metálicos	94,10	94,84	93,86	108,99	97,38	89,61
Metalúrgica	66,84	68,83	71,02	71,19	75,16	82,07
Material elétrico e de comunicações	80,39	73,31	66,85	83,82	54,91	40,61
Papel e papelão	81,79	79,06	78,91	85,28	71,28	78,32
Química	76,35	74,33	75,89	67,94	67,01	84,86
Perfumeria, sabões e velas	105,96	90,47	86,72	86,94	54,35	74,00
Produtos de matérias plásticas	83,87	86,99	89,15	91,62	98,25	99,42
Têxtil	86,16	85,16	85,84	105,67	82,16	88,54
Produtos alimentares	76,51	75,59	78,07	59,53	71,33	78,90
Bebidas	91,40	88,68	86,92	82,49	78,20	78,25
Fumo	102,25	98,20	97,01	110,96	86,38	91,74

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS
DE INDÚSTRIA – 1988

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Março	Abril	Maio	Até março	Até abril	Até maio
BAHIA						
Indústria geral	123,80	113,36	121,97	96,90	96,92	97,06
Extrativa mineral	116,43	111,24	114,31	99,03	99,09	99,61
Indústrias de transformação	125,05	113,72	123,27	96,58	96,60	96,68
Minerais não-metálicos	89,29	81,11	76,81	74,22	71,86	70,41
Metalúrgica	130,82	106,57	111,42	78,42	83,71	85,06
Material elétrico e de comunicações	177,69	164,79	183,01	96,56	98,40	104,14
Borracha	163,89	151,75	195,58	104,43	103,84	106,00
Química	129,21	123,05	134,05	102,50	102,00	101,62
Perfumaria, sabões e velas	164,98	106,94	116,83	102,32	96,27	95,38
Produtos alimentares	97,41	67,38	75,40	85,22	85,15	85,85
Bebidas	151,86	121,58	130,05	93,69	93,48	93,44

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Março	Abril	Maio
BAHIA						
Indústria geral	96,00	96,90	98,65	98,24	98,88	106,16
Extrativa mineral	99,59	99,83	100,77	101,52	100,53	104,55
Indústrias de transformação	95,48	96,46	98,33	97,74	99,77	106,42
Minerais não-metálicos	67,88	70,10	71,53	76,12	77,95	78,51
Metalúrgica	85,35	94,64	96,22	99,94	143,55	103,00
Material elétrico e de comunicações	98,25	99,76	107,15	104,28	104,76	147,73
Borracha	118,07	113,48	117,08	108,85	101,23	130,26
Química	100,71	100,27	101,58	100,78	98,93	106,84
Perfumaria, sabões e velas	102,39	97,02	95,29	111,23	78,23	87,72
Produtos alimentares	83,57	85,28	88,85	84,01	94,59	113,52
Bebidas	97,44	98,69	98,60	100,21	103,99	98,20

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1988

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Março	Abril	Maior	Até março	Até abril	Até maio
MINAS GERAIS						
Indústria geral	128,39	117,77	125,90	100,74	101,12	101,81
Extrativa mineral	124,66	113,73	117,95	98,66	100,99	102,32
Indústrias de transformação	128,70	118,10	126,56	100,90	101,12	101,77
Mineral não-metálicos	111,13	101,21	99,30	96,35	95,88	95,03
Metalúrgica	143,63	133,45	138,81	101,40	102,44	104,07
Material elétrico e de comunicações	157,34	173,34	126,32	93,70	94,82	96,42
Material de transporte	170,93	145,91	159,45	113,58	114,95	115,47
Papel e papelão	156,07	170,92	178,07	98,94	99,58	101,00
Química	131,80	107,59	154,31	96,26	94,93	96,26
Produtos de matérias plásticas	117,60	122,49	109,31	86,50	83,11	80,75
Têxtil	111,22	109,31	113,97	98,49	98,16	97,55
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	80,03	75,60	83,32	82,15	80,55	79,94
Produtos alimentares	85,61	78,04	91,37	110,27	111,55	111,61
Bebidas	139,09	125,96	128,24	100,32	99,46	98,65
Fumo	182,69	139,44	132,82	105,87	103,94	102,38

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro/março	Janeiro/abril	Janeiro/maior	Março	Abril	Maior
MINAS GERAIS						
Indústria geral	101,81	102,00	102,98	107,91	102,62	106,89
Extrativa mineral	109,56	110,51	109,73	127,52	113,44	106,81
Indústrias de transformação	101,25	101,39	102,49	106,58	101,83	106,90
Minerais não-metálicos	95,35	96,14	95,38	109,69	98,61	92,37
Metalúrgica	109,93	110,92	111,96	115,81	114,14	116,30
Material elétrico e de comunicações	97,81	105,81	103,95	111,55	129,56	96,44
Material de transporte	101,89	100,03	100,25	125,17	94,79	101,06
Papel e papelão	98,45	100,73	107,61	92,54	107,73	143,57
Química	89,39	87,71	92,35	86,81	82,14	111,28
Produtos de matérias plásticas	72,08	70,71	69,96	64,12	66,93	66,83
Têxtil	94,47	93,98	93,73	92,23	92,53	92,78
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	74,53	76,05	79,12	87,09	80,75	92,07
Produtos alimentares	109,76	109,04	110,10	106,04	106,82	114,05
Bebidas	101,53	100,55	100,00	99,10	97,24	97,62
Fumo	110,08	103,05	99,61	109,72	83,24	85,48

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS
DE INDÚSTRIA — 1988

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Março	Abril	Maio	Até março	Até abril	Até maio
RIO DE JANEIRO						
Indústria geral	119,15	109,76	108,77	96,73	96,05	95,83
Extrativa mineral.....	575,02	529,09	455,88	101,05	101,59	100,03
Indústrias de transformação	110,21	101,53	101,96	96,31	95,52	95,21
Minerais não-metálicos	96,38	98,13	88,30	93,56	92,48	91,51
Metalúrgica	145,55	137,66	137,51	99,98	101,05	101,87
Material elétrico e de comunicações.....	129,25	135,08	120,69	130,74	1317,6	132,61
Material de transporte.....	58,20	48,21	44,38	87,20	91,24	84,83
Papel e papelão	94,03	81,61	80,14	87,60	86,03	84,23
Química	120,76	111,43	118,73	96,49	95,50	95,71
Farmacêutica	127,42	119,61	126,56	105,09	101,43	100,56
Perfumeria, sabões e velas	162,63	147,38	151,20	105,02	100,86	97,14
Produtos de matérias plásticas	148,97	138,95	134,18	78,53	76,26	75,15
Têxtil.....	85,62	77,65	80,42	91,78	87,89	84,45
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos.....	74,13	64,14	66,65	85,98	84,84	84,20
Produtos alimentares.....	98,65	80,80	86,70	94,89	92,71	90,81
Bebidas.....	124,11	113,85	94,87	90,59	90,19	90,25
Fumo	137,25	102,11	99,12	88,60	86,70	84,71

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Março	Abril	Maio
RIO DE JANEIRO						
Indústria geral	97,62	97,82	97,58	105,57	98,45	96,59
Extrativa mineral.....	105,08	104,15	99,83	105,42	101,30	83,10
Indústrias de transformação	96,88	97,19	97,35	105,59	98,16	97,99
Minerais não-metálicos	88,33	91,57	91,53	103,59	101,27	91,35
Metalúrgica	103,41	105,65	105,45	102,81	113,01	104,66
Material elétrico e de comunicações.....	138,29	140,06	141,14	137,39	145,14	145,57
Material de transporte.....	126,32	126,99	125,95	207,64	128,98	121,72
Papel e papelão	80,16	80,09	79,53	89,03	79,87	77,33
Química	102,05	100,69	101,17	101,67	96,60	103,11
Farmacêutica	92,11	90,70	91,71	107,13	86,78	35,69
Perfumeria, sabões e velas	92,89	93,11	92,05	101,29	93,78	88,09
Produtos de matérias plásticas	71,58	74,65	76,76	84,48	84,57	86,13
Têxtil.....	74,35	72,78	72,46	82,78	68,23	71,21
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos.....	84,32	83,50	84,75	124,57	81,17	88,86
Produtos alimentares.....	88,34	86,89	86,22	93,94	82,09	83,48
Bebidas.....	97,77	98,14	97,41	100,15	99,37	93,81
Fumo	94,19	89,29	86,55	101,99	75,57	75,77

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1988

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Março	Abril	Maior	Até março	Até abril	Até maio
SÃO PAULO						
Indústria geral	116,48	104,72	110,23	96,77	95,30	94,14
Indústrias de transformação	116,48	104,72	110,23	96,77	95,30	94,14
Minerais não-metálicos	113,15	107,65	111,06	98,49	97,42	96,58
Metalúrgica	120,24	105,75	109,27	94,95	92,91	91,32
Mecânica	119,02	107,79	105,73	105,25	103,56	101,68
Material elétrico e de comunicações	113,06	99,47	109,08	91,64	89,57	88,56
Material de transporte	141,42	120,27	125,17	91,84	92,92	94,27
Papel e papelão	145,82	141,57	144,67	98,27	96,13	94,63
Borracha	145,84	143,22	143,89	99,82	100,07	99,78
Química	109,22	100,53	117,90	103,24	101,86	99,15
Farmacêutica	148,99	118,11	130,00	93,79	89,61	87,40
Perfumaria, sabões e velas	185,56	178,17	159,57	108,88	103,34	99,70
Produtos de matérias plásticas	122,34	111,19	114,17	85,32	82,66	80,74
Têxtil	113,35	100,98	106,39	90,71	89,37	88,73
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	82,39	74,73	75,01	76,53	75,74	75,40
Produtos alimentares	75,43	68,56	73,29	101,16	99,37	99,14
Bebidas	115,32	106,32	100,27	96,91	96,15	95,05
Fumo	71,76	59,08	59,29	88,40	87,99	88,74

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro/março	Janeiro/abril	Janeiro/maior	Março	Abril	Maior
SÃO PAULO						
Indústria geral	94,42	93,30	93,08	100,71	90,07	92,22
Indústria de Transformação	94,42	93,30	93,08	100,71	90,07	92,22
Minerais não-metálicos	92,37	93,40	94,37	96,09	96,61	98,34
Metalúrgica	93,72	91,32	90,62	97,00	84,51	87,92
Mecânica	105,10	102,33	100,04	110,44	94,85	91,74
Material elétrico e de comunicações	86,58	85,62	86,98	98,17	82,93	92,26
Material de Transporte	108,48	106,02	105,47	119,76	98,99	103,35
Papel e papelão	92,33	92,03	92,16	92,84	91,14	92,71
Borracha	97,84	100,54	101,34	105,92	108,98	104,50
Química	97,76	96,20	94,43	105,98	91,77	88,85
Farmacêutica	85,10	81,23	81,65	97,44	70,71	83,31
Perfumaria, sabões e velas	98,91	97,53	94,80	98,50	93,77	84,59
Produtos de matérias plásticas	78,48	79,31	80,17	81,34	82,00	83,76
Têxtil	87,05	87,24	88,12	91,96	87,81	91,75
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	77,44	79,23	80,82	89,63	84,66	87,35
Produtos alimentares	84,82	85,33	87,77	85,14	87,06	99,18
Bebidas	97,38	96,88	95,77	97,98	95,28	91,07
Fumo	94,37	92,22	92,93	101,21	85,67	96,13

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1988

(conclusão)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Março	Abril	Maior	Até março	Até abril	Até maio
REGIÃO SUL						
Indústria geral	129,88	120,91	120,30	97,89	97,06	96,37
Extrativa mineral.....	107,16	102,34	103,51	96,09	99,58	102,21
Indústrias de transformação	130,22	121,19	120,54	97,91	97,03	96,30
Minerais não-metálicos	110,88	105,88	104,29	100,23	99,39	99,17
Metalúrgica	143,93	133,93	137,97	94,32	93,18	92,31
Mecânica	161,73	138,62	132,63	96,05	93,55	91,68
Material elétrico e de comunicações	183,28	156,16	141,26	103,41	101,04	98,58
Papel e papelão	149,03	144,42	144,82	101,79	100,03	99,38
Química	87,60	100,95	99,29	102,61	102,65	100,72
Perfumaria, sabões e velas	164,88	140,24	154,27	91,94	90,78	91,82
Produtos de matérias plásticas	122,43	113,97	117,51	90,34	87,61	86,00
Têxtil	137,07	118,64	124,87	99,72	98,31	97,24
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos.....	105,86	92,52	96,80	89,28	89,40	89,41
Produtos alimentares.....	119,97	107,76	111,38	101,46	102,25	102,59
Bebidas.....	142,13	148,22	132,34	83,53	81,67	86,51
Fumo.....	374,15	327,66	293,69	106,39	105,14	104,76
CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Março	Abril	Maior
REGIÃO SUL						
Indústria geral	96,39	96,31	96,12	103,17	96,10	95,36
Extrativa mineral.....	109,69	111,97	113,06	112,88	119,40	117,55
Indústrias de transformação	96,24	96,14	95,93	103,06	95,87	95,13
Minerais não-metálicos	99,02	99,61	99,90	99,79	101,46	101,11
Metalúrgica	90,05	90,68	91,28	95,38	92,54	93,63
Mecânica	86,18	85,22	85,94	92,36	82,36	89,19
Material elétrico e de comunicações	101,07	97,75	94,71	95,89	88,24	82,54
Papel e papelão	97,32	96,67	96,80	98,35	94,78	97,32
Química	99,87	102,18	98,74	116,96	107,33	89,36
Perfumaria, sabões e velas	95,08	95,69	98,23	101,67	97,67	108,73
Produtos de matérias plásticas	89,57	88,53	88,75	90,24	85,52	89,63
Têxtil	98,82	98,49	95,82	101,94	89,70	93,19
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos.....	89,19	90,07	91,39	97,02	92,87	96,91
Produtos alimentares.....	104,41	104,87	104,14	118,79	106,27	101,42
Bebidas.....	97,95	97,76	101,99	107,15	97,29	122,57
Fumo.....	109,85	106,33	105,63	109,29	99,36	103,23

SISTEMA NACIONAL DE PESQUISA DE CUSTOS E ÍNDICES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

RESULTADOS PARA O BRASIL E PARA AS REGIÕES

Para o Brasil, o Sistema Nacional de Pesquisas de Custos e Índices da Construção Civil — SINAPI — apresentou, no mês de maio, o valor de Cz\$ 27.310,00 referente ao custo médio do metro quadrado da construção civil e, a sua variação mensal resultou em 18,84%. A variação acumulada no ano foi de 128,28% e a variação acumulada desde junho/87 alcançou os 305,25%.

A Região Norte se manteve, neste mês de maio, como a de maior custo, igual a Cz\$ 32.039,14, e da mesma forma a Re-

gião Sudeste permaneceu como a de menor custo, ou seja, Cz\$ 24.827,25.

As maiores variações mensal (20,75%) e acumulada no ano (131,59%) passaram a ser apresentadas pela Região Sudeste. A maior variação acumulada desde junho/87 permaneceu com a Região Nordeste, igual a 322,54%. A Região Nordeste registrou a menor variação mensal, igual a 14,87%, e a Região Sul as menores variações acumulada no ano (114,65%) e acumulada desde junho/87 (297,14%).

Na composição do custo médio nacional, a parcela relativa aos materiais de construção foi de Cz\$ 20.884,12, com uma variação mensal igual a 15,65%. A parcela de mão-de-obra registrou o valor de Cz\$ 6.426,08, variando no mês 30,54%, para o Brasil.

PARTICIPAÇÃO DOS INSUMOS NOS CUSTOS Maio de 1988

GRANDES REGIÕES	MATERIAIS		MÃO-DE-OBRA	
	Em (Cz\$)	Variação mensal (%)	Em (Cz\$)	Variação mensal (%)
Norte	26 365,72	17,73	5 673,42	8,65
Nordeste	20 101,82	14,12	4 815,61	18,17
Sudeste.....	20 997,35	16,27	7 171,77	36,12
Sul	20 598,73	14,80	5 925,50	17,90
Centro-Oeste	19 078,82	13,65	5 748,43	43,01

Na Região Norte, a parcela correspondente à participação dos materiais de construção acusou a variação mensal mais acentuada (17,73%), cabendo a menor taxa à Região Centro-Oeste (13,65%). Para mão-de-obra, a maior variação foi registrada na Região Centro-Oeste (43,01%), e a menor para a Região Norte (8,65%).

RESULTADOS PARA AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO

Segundo as regiões, as Unidades da Federação que apresentaram os maiores e os menores custos médios foram, respectivamente: na Região Norte, Roraima (Cz\$ 44.809,58) e, o Acre (Cz\$ 28.467,27); na Região Nordeste, Rio Grande do Norte (Cz\$ 28.598,52) e, Pernambuco (Cz\$ 23.512,73); na Região Sudeste, São Paulo (Cz\$ 30.094,03) e Espírito Santo (Cz\$ 21.776,34); na Região Sul, Rio Grande do Sul (Cz\$ 26.895,51) e Santa Catarina (Cz\$ 25.274,68); na Região Centro-Oeste, Mato Grosso do Sul (Cz\$ 28.213,43) e Goiás (Cz\$ 22.881,87).

A menor variação mensal foi registrada em Roraima (11,11%) e a maior em São Paulo (24,58%), já a maior variação acumulada no ano foi encontrada no Ceará (143,22%) e a menor no Mato Grosso (96,37%). As variações acumuladas desde junho/87 foram: a maior no Rio Grande do Norte (364,07%) e, a menor no Mato Grosso (246,44%).

RESULTADOS DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS DA CONSTRUÇÃO CIVIL PARA O BRASIL E MUNICÍPIOS DAS CAPITALS

Em maio, a categoria sócio-profissional que obteve a maior elevação de seus salários, no Brasil, foi a de carpinteiro de formas com 34,90% (Cz\$ 84,07%) em relação ao mês anterior. Enquanto que a menor elevação no mês, coube à de bombeiro hidráulico com 25,30% (Cz\$ 90,97).

Este é o mês de data-base para as seguintes Unidades da Federação: Macapá, Ma-

ceió, São Paulo, Florianópolis, Goiânia e Brasília. Dos dados coletados em campo, verificamos que apenas algumas poucas categorias nestas Unidades da Federação, não registraram elevações, comumente esperadas, em um mês de data-base. As mais evidentes são: para eletricitista, em Macapá, que resultou em 11,15% (Cz\$ 63,30) de reajuste; já em Florianópolis, temos, ladrilheiro com 18,11% (Cz\$ 76,30) e servente com 22,02% (Cz\$ 54,30); e em Goiânia, a de servente igual a 20,33% (Cz\$ 37,00).

Em relação ainda a essas Unidades da Federação, destacamos os maiores índices alcançados pelas seguintes categorias: em São Paulo, carpinteiro de formas igual a 61,89% (Cz\$ 106,75), armador com 60,62% (Cz\$ 104,40) e pedreiro igual a 58,78% (Cz\$ 104,70); em Goiânia, encontramos todas as seguintes categorias: armador, bombeiro hidráulico, carpinteiro de esquadrias, carpinteiro de formas, eletricitista, ladrilheiro, pedreiro e pintor com 60,57% (Cz\$ 61,00) de elevação em seus salários; em Maceió, verificamos os aumentos de mestre-de-obra igual a 59,61% (Cz\$ 117,97), bombeiro hidráulico e eletricitista iguais a 58,50% (Cz\$ 86,47%).

Em referência aos salários deflacionados, ressaltamos para mestre-de-obra, os seguintes Municípios das Capitais: Macapá, São Luís, Teresina, Fortaleza, Maceió, Aracaju, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Florianópolis, Goiânia e Brasília, que em relação ao mês anterior apontaram ganho real. Porém, apenas Boa Vista, São Luís, Maceió e Salvador registraram ganho real em relação à base, ou seja, janeiro/87.

Para pedreiro, verificamos em Macapá, São Luís, Teresina, Recife, Maceió, Aracaju, São Paulo, Curitiba, Florianópolis, Cuiabá, Goiânia e Brasília, que em relação ao mês anterior apresentou ganho real. E em relação à base, os ganhos reais aconteceram em Macapá, Teresina, Maceió e Brasília.

Em Rio Branco, Manaus, Macapá, São Luís, Teresina, Fortaleza, Maceió, Aracaju, Salvador, São Paulo, Florianópolis, Cuiabá, Goiânia e Brasília, foram registrados ganhos reais para servente, em relação ao mês anterior. E os ganhos reais em relação à base, ocorreram em Macapá, Maceió e Brasília.

NOTAS EXPLICATIVAS

1 — A manutenção da base teórica do SINAPI é hoje uma competência conjunta do IBGE e CEF — Caixa Econômica Federal.

2 — As séries mensais de salários medianos são produzidas a partir dos salários coletados nas empresas construtoras, considerando-se:

a) o salário-hora bruto, ou seja, não é subtraído qualquer desconto de responsabilidade do empregado;

b) o valor contratado com o empregado, ou seja, não é incluído qualquer encargo social de responsabilidade do empregado; e

c) o valor referente à jornada normal de trabalho, ou seja, não são consideradas horas extras.

3 — O SINAPI considera quatro padrões de acabamento: alto, normal, baixo e mínimo.

São apresentados os custos dos projetos residenciais nos padrões normal e mínimo.

Na nomenclatura dos projetos, Rp e Cp significam, respectivamente, projeto residencial e projeto comercial com p pavimentos; nQ indica o n.º de quartos da unidade residencial. Para os projetos comerciais, LA significa lojas e salas autônomas e LC, lojas e andar corrido; P significa que o 1.º pavimento é em pilotis e T, que o 1.º pavimento é térreo. Por último é indicada a área total de construção do projeto.

O custo médio de cada Área Geográfica é a média ponderada dos custos dos 21 projetos residenciais, considerando-se apenas o padrão normal de acabamento.

4 — As séries mensais de custos e índices de custos referem-se ao custo do metro quadrado de uma construção no canteiro de obras. Não se incluem as despesas com projetos em geral, licenças, seguros, instalações provisórias, depreciações dos

equipamentos, compra de terreno, administração, financiamentos, e nem com os equipamentos mecânicos (elevadores, compactadores, exaustores e outros) e não estão envolvidos os lucros da construtora e da incorporadora.

5 — Para o cálculo do Orçamento Final por metro quadrado (OF), deverão ser acrescidos ao Custo SINAPI os custos relativos a alguns itens para os quais o SINAPI, dadas as suas características, não dispõe de informações. Estes itens são os seguintes:

- Fundações Profundas e Especiais;
- Equipamentos (elevadores, compactadores, interfone, etc.);
- Complementos (jardins, decorações, etc.); e
- Máquinas e equipamentos de obra.

O Orçamento Final por metro quadrado (OF), incluindo todos os custos do empreendimento, será calculado adotando-se a seguinte fórmula:

$$OF = C \text{ SINAPI} + \frac{(OFe - OFd) + OE + OC}{S}$$

onde:

OF = Orçamento Final por metro quadrado

C SINAPI = Custo do metro quadrado do projeto, estimado com base nos custos do SINAPI

OFe = Orçamento das Fundações especiais ou profundas

OFd = Orçamento das Fundações diretas (já consideradas nos projetos de casas)

OE = Orçamento de Equipamentos

OC = Orçamento dos Complementos

S = Área de Construção do Projeto em Estudo

Ao Orçamento Final por metro quadrado deverão ser acrescidos os custos financeiros, taxa de administração e lucro da empresa.

**1 - EVOLUÇÃO DO CUSTO MÉDIO, NÚMERO ÍNDICE E VARIAÇÃO MENSAL
DA CONSTRUÇÃO CIVIL
Brasil**

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	CUSTO MÉDIO (Cz\$)	NÚMERO ÍNDICE	VARIAÇÃO MENSAL (%)
1987			
Maio	6 776,12	100,00	
Junho	7 673,32	113,86	13,86
Julho	7 940,64	117,83	3,48
Agosto	8 102,05	120,22	2,02
Setembro	8 690,75	128,96	7,27
Outubro	9 326,23	138,39	7,31
Novembro	10 527,25	156,21	12,87
Dezembro	11 963,18	177,52	13,64
1988			
Janeiro	14 194,98	210,63	18,65
Fevereiro	16 418,07	243,62	15,66
Março	19 746,82	293,02	20,27
Abril	22 980,66	341,00	16,37
Maio	27 310,20	405,25	18,84

**2 - CUSTO MÉDIO, NÚMERO ÍNDICE E VARIAÇÕES PERCENTUAIS DA CONSTRUÇÃO CIVIL,
SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES E AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO**

Mês de referência: maio/88

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	CUSTO MÉDIO (Cz\$/m ²)	NÚMERO ÍNDICE (maio 87 = 100)	VARIAÇÕES PERCENTUAIS		
			Mensal	No ano	Acumulada (1)
REGIÃO NORTE	32 039,14	406,91	16,01	120,65	306,91
Rondônia	31 154,16	383,23	15,00	127,54	283,23
Acre	28 467,27	374,10	14,33	105,69	274,10
Amazonas	33 242,29	419,18	17,43	127,97	319,18
Roraima	44 809,58	419,31	11,11	126,37	319,31
Pará	30 522,72	397,62	14,77	109,90	297,62
Amapá	29 601,36	435,72	21,22	142,28	335,72
REGIÃO NORDESTE	24 917,43	422,54	14,87	130,39	322,54
Maranhão	28 486,50	458,20	15,65	129,92	358,20
Piauí	24 718,65	412,93	15,36	110,70	312,93
Ceará	25 425,12	414,87	13,61	143,22	314,87
Rio Grande do Norte	28 598,52	464,07	15,85	129,17	364,07
Paraíba	26 432,27	425,29	16,95	111,06	325,29
Pernambuco	23 512,73	436,00	15,65	131,86	336,00
Alagoas	24 949,60	457,01	18,62	131,46	357,01
Sergipe	24 686,79	423,70	15,64	132,25	323,70
Bahia	23 594,65	398,54	13,54	129,42	298,54
REGIÃO SUDESTE	28 169,12	400,62	20,75	131,59	300,62
Minas Gerais	21 926,83	398,17	15,01	109,67	298,17
Espírito Santo	21 776,34	401,50	15,90	116,13	301,50
Rio de Janeiro	28 311,70	427,71	14,29	141,99	327,71
São Paulo	30 094,03	392,38	24,58	133,36	292,38
REGIÃO SUL	26 524,23	397,14	15,47	114,65	297,14
Paraná	26 641,72	399,76	14,57	113,33	299,76
Santa Catarina	25 274,68	370,83	22,03	110,56	270,83
Rio Grande do Sul	26 895,51	405,09	14,10	117,54	305,09
REGIÃO CENTRO-OESTE	24 827,25	420,95	19,32	127,19	320,95
Mato Grosso do Sul	28 213,43	386,24	13,81	109,75	286,24
Mato Grosso	24 030,67	346,44	12,40	96,37	246,44
Goiás	22 881,87	431,44	19,66	135,60	331,44
Distrito Federal	25 314,15	441,73	21,71	134,22	341,73

(1) Variação acumulada de junho/87 até o mês de referência.

3 – CUSTOS DE PROJETOS NO PADRÃO NORMAL DE ACABAMENTO, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO – 1988

Mês de referência: maio/88

(continua)

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS				
	R1 – 2Q (46)	R1 – 2Q (40)	R1 – 2Q (62)	R1 – 3Q (104)	R1 – 4Q (122)
Rondônia.....	38 404,77	42 357,45	35 034,82	27 364,94	25 466,61
Acre.....	35 818,68	39 598,54	32 373,36	26 230,93	23 500,42
Amazonas.....	44 542,12	49 128,20	40 680,65	31 511,33	29 452,22
Roraima.....	52 457,36	57 537,49	48 927,07	38 460,20	36 264,10
Pará.....	38 604,43	42 484,12	35 830,75	27 858,35	26 182,31
Amapá.....	40 799,90	44 999,56	37 413,61	29 318,11	27 511,86
Maranhão.....	38 583,59	42 601,89	34 963,17	27 165,11	25 441,55
Piauí.....	33 916,34	37 303,41	31 135,85	24 388,29	22 873,31
Ceará.....	36 354,05	40 117,47	33 253,11	26 107,56	24 474,93
Rio Grande do Norte.....	37 955,79	41 605,70	35 226,13	27 176,34	25 608,74
Paraíba.....	33 242,35	36 483,08	30 846,43	24 212,75	22 877,07
Pernambuco.....	36 197,03	39 807,49	33 369,00	26 103,74	24 633,74
Alagoas.....	34 792,81	38 316,62	32 056,45	25 132,90	23 750,29
Sergipe.....	34 159,58	37 441,41	31 965,62	24 922,92	23 677,96
Bahia.....	33 702,65	36 933,51	31 377,28	24 892,07	23 578,96
Minas Gerais.....	33 332,70	36 662,08	30 538,10	24 079,02	22 745,76
Espírito Santo.....	36 155,08	39 890,55	32 938,05	25 985,56	24 411,06
Rio de Janeiro.....	44 408,82	48 889,53	40 592,29	32 014,51	30 189,23
São Paulo.....	41 712,68	45 821,20	38 567,38	30 396,00	28 786,66
Paraná.....	36 946,38	40 486,55	34 424,79	27 116,50	25 661,91
Santa Catarina.....	35 057,51	38 470,70	32 528,21	25 755,10	24 405,23
Rio Grande do Sul.....	39 180,65	42 993,63	35 818,78	27 939,99	26 321,80
Mato Grosso do Sul.....	30 506,04	33 518,41	28 046,41	22 037,57	20 880,41
Mato Grosso.....	34 593,72	38 043,77	31 771,12	24 928,86	23 502,15
Goiás.....	30 681,58	33 750,11	28 124,40	22 100,49	20 914,61
Distrito Federal.....	34 527,92	37 980,55	31 603,26	25 057,90	23 713,95

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS					
	R1 – 1Q (30)	R2 – 3Q (56)	R2 – 2Q (81)	R5 – 2QT (2 125)	R4 – 2QT (1 433)	R4 – 3QT (2 264)
Rondônia.....	49 341,08	29 838,27	26 713,81	22 122,03	25 458,91	22 031,41
Acre.....	46 300,71	28 018,56	24 840,28	22 130,48	24 820,26	21 587,97
Amazonas.....	57 323,17	35 036,68	31 312,51	25 124,42	29 410,90	25 414,93
Roraima.....	66 177,90	42 267,99	38 157,72	30 801,88	37 301,40	32 291,62
Pará.....	48 538,38	30 807,79	27 337,45	23 063,92	27 418,05	23 499,20
Amapá.....	51 902,46	32 569,11	29 242,89	25 761,66	29 572,77	25 784,29
Maranhão.....	49 439,53	30 492,66	27 137,81	23 566,64	26 399,43	22 919,94
Piauí.....	43 137,60	27 044,28	24 070,26	21 243,85	24 731,37	21 481,42
Ceará.....	46 195,14	28 928,89	26 159,10	22 545,72	25 860,69	22 651,55
Rio Grande do Norte.....	46 837,01	30 331,02	26 845,15	24 214,18	27 700,18	23 735,87
Paraíba.....	41 918,81	26 957,74	23 870,03	22 075,92	25 322,27	22 068,40
Pernambuco.....	45 274,42	28 838,84	25 520,03	22 633,05	26 164,19	22 646,58
Alagoas.....	43 928,69	27 825,01	24 458,42	22 086,34	25 239,63	21 850,69
Sergipe.....	42 863,62	28 136,51	24 554,53	22 340,82	25 851,34	22 037,31
Bahia.....	42 570,50	27 538,58	24 267,98	21 725,63	25 426,60	22 045,83
Minas Gerais.....	42 237,53	26 755,62	23 798,81	21 207,07	24 108,71	20 884,62
Espírito Santo.....	46 068,74	28 736,14	25 867,18	21 507,94	24 760,66	21 657,49
Rio de Janeiro.....	55 437,89	34 218,43	30 478,62	25 351,37	29 040,39	25 395,88
São Paulo.....	52 050,60	33 269,24	29 447,86	26 085,64	30 207,02	26 371,07
Paraná.....	46 122,83	29 964,31	26 475,23	24 398,46	28 449,18	24 722,30
Santa Catarina.....	43 637,66	28 180,14	24 906,41	22 656,90	26 357,56	22 989,68
Rio Grande do Sul.....	48 542,22	30 604,25	27 223,99	24 276,67	27 317,09	23 824,22
Mato Grosso do Sul.....	38 391,02	24 828,76	21 982,88	21 020,09	23 828,78	20 817,64
Mato Grosso.....	43 295,16	27 534,09	24 451,64	22 081,26	25 343,38	22 117,59
Goiás.....	38 577,19	24 897,77	21 962,11	20 085,81	22 906,02	19 978,08
Distrito Federal.....	43 735,99	27 520,94	24 482,92	21 641,24	24 582,94	21 363,20

3 – CUSTOS DE PROJETOS NO PADRÃO NORMAL DE ACABAMENTO, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO – 1988

Mês de referência: maio/88

(conclusão)

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS				
	R4 – 2QP (1 643)	R4 – 3QP (2 520)	R6 – 3QP (7 181)	R8 – 2QP (2 620)	R8 – 4QP (4 266)
Rondônia.....	22 118,33	19 742,25	17 263,04	23 875,82	20 338,35
Acre.....	21 586,26	19 404,01	17 041,33	23 320,03	19 992,68
Amazonas.....	25 702,37	22 843,78	20 153,45	27 672,31	23 501,35
Roraima.....	32 715,90	29 092,43	25 495,86	35 284,87	30 017,18
Pará.....	23 844,53	21 040,09	18 048,64	25 796,60	21 761,95
Amapá.....	25 833,47	23 221,32	20 558,51	27 885,71	23 962,91
Maranhão.....	22 974,54	20 578,94	18 589,95	24 726,99	21 137,90
Piauí.....	21 430,27	19 214,41	16 921,54	23 195,74	19 812,40
Ceará.....	22 613,97	20 351,66	18 035,40	24 349,86	21 028,13
Rio Grande do Norte.....	23 873,34	21 158,92	18 342,30	25 921,33	21 957,56
Paraíba.....	22 135,73	19 822,42	17 707,11	23 882,87	20 487,35
Pernambuco.....	22 734,23	20 289,14	17 785,05	24 550,08	20 955,37
Alagoas.....	21 962,85	19 565,60	17 236,48	23 728,71	20 219,62
Sergipe.....	22 585,08	19 740,07	17 302,54	24 451,28	20 449,23
Bahia.....	22 275,10	19 806,72	17 486,47	24 014,16	20 420,30
Minas Gerais.....	20 925,62	18 680,38	16 692,70	22 605,48	19 237,82
Espírito Santo.....	21 622,61	19 436,30	17 109,41	23 349,89	20 101,08
Rio de Janeiro.....	25 159,17	22 729,66	20 122,77	27 044,09	23 354,82
São Paulo.....	26 424,15	23 749,58	21 084,49	28 385,07	24 402,93
Paraná.....	24 821,69	22 173,54	19 510,69	26 794,75	22 913,75
Santa Catarina.....	23 031,01	20 665,10	18 276,23	24 804,19	21 285,24
Rio Grande do Sul.....	23 528,29	21 235,18	19 084,34	25 427,38	21 924,16
Mato Grosso do Sul.....	20 693,43	18 665,51	16 652,06	22 415,98	19 317,06
Mato Grosso.....	21 961,97	19 825,92	17 513,11	23 716,65	20 448,43
Goiás.....	19 894,51	17 921,57	15 872,36	21 536,11	18 523,92
Distrito Federal.....	21 299,26	19 103,54	17 114,56	23 027,63	19 703,72

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS				
	R8 – 3QP (3 176)	R12 – 2QP (3 597)	R12 – 3QP (6 013)	R12 – 4QP (4 050)	R18 – 4QP (5 870)
Rondônia.....	19 567,47	24 961,78	20 716,87	19 013,47	18 958,49
Acre.....	19 339,44	24 415,02	20 377,29	18 819,32	18 753,27
Amazonas.....	22 563,01	28 894,28	23 922,69	21 942,85	21 908,33
Roraima.....	28 972,43	36 871,10	30 592,32	28 293,35	28 226,41
Pará.....	20 793,14	26 968,08	22 192,35	20 212,55	20 202,36
Amapá.....	23 276,97	29 204,65	24 445,18	22 659,36	22 589,37
Maranhão.....	20 527,32	25 849,51	21 515,58	19 876,53	19 820,86
Piauí.....	19 067,24	24 259,71	20 183,17	18 455,10	18 451,86
Ceará.....	20 508,42	25 477,33	21 456,78	19 739,01	19 652,47
Rio Grande do Norte.....	21 272,29	27 133,63	22 418,08	20 788,15	20 786,72
Paraíba.....	20 006,51	24 999,64	20 906,33	19 381,50	19 349,09
Pernambuco.....	20 368,93	25 681,03	21 369,48	19 814,12	19 774,96
Alagoas.....	19 618,97	24 830,25	20 626,46	19 095,06	19 062,56
Sergipe.....	19 668,99	25 595,94	20 879,29	19 162,99	19 178,65
Bahia.....	19 876,72	25 106,94	20 813,08	19 211,53	19 154,67
Minas Gerais.....	18 678,69	23 642,29	19 594,35	18 073,80	18 048,16
Espírito Santo.....	19 567,20	24 447,69	20 517,97	18 839,26	18 774,07
Rio de Janeiro.....	22 816,07	28 246,73	23 789,55	22 085,28	21 995,38
São Paulo.....	23 800,16	29 646,72	24 837,95	23 037,14	22 948,61
Paraná.....	22 225,63	28 024,98	23 370,27	21 489,23	21 455,11
Santa Catarina.....	20 724,12	25 941,48	21 692,86	20 070,43	20 016,26
Rio Grande do Sul.....	21 591,96	26 591,64	22 343,05	20 938,88	20 918,67
Mato Grosso do Sul.....	18 900,28	23 483,27	19 715,23	18 345,89	18 320,16
Mato Grosso.....	19 953,55	24 805,46	20 837,89	19 351,24	19 305,64
Goiás.....	18 097,96	22 553,03	18 899,71	17 524,60	17 492,93
Distrito Federal.....	19 320,66	24 106,66	20 086,86	18 843,41	18 799,56

4 - CUSTOS DE PROJETOS NO PADRÃO MÍNIMO DE ACABAMENTO, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO - 1988

Mês de referência: maio/88

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS						
	R1 - 2Q (46)	R1 - 2Q (40)	R1 - 2Q (62)	R1 - 1Q (30)	R2 - 3Q (56)	R2 - 2Q (81)	R5 - 2QT (2 125)
Rondônia	19 869,48	20 904,41	19 074,26	24 279,98	15 397,46	14 572,42	14 345,71
Acre	19 528,07	20 723,27	18 555,79	23 946,58	15 380,53	14 455,83	14 746,43
Amazonas	21 980,01	22 991,87	21 291,41	27 076,70	17 409,75	16 416,47	16 389,69
Roraima	27 239,74	28 250,47	26 723,67	33 298,99	21 723,33	20 694,34	20 087,82
Pará	20 553,95	21 347,96	19 927,13	25 090,07	15 964,12	15 027,27	14 890,87
Amapá	22 311,77	23 494,36	21 407,86	27 249,61	17 819,76	16 837,54	17 316,04
Maranhão	19 587,38	20 601,63	18 764,71	23 882,71	15 565,94	14 653,04	15 081,62
Piauí	17 684,32	18 554,85	17 009,28	21 560,43	13 853,08	12 954,44	12 955,73
Ceará	18 702,81	19 638,47	17 940,03	22 709,17	14 853,94	14 116,50	14 616,22
Rio Grande do Norte	20 689,18	21 331,69	20 102,99	24 293,60	16 183,23	14 981,41	15 666,82
Paraíba	18 541,70	19 367,26	17 925,12	22 579,65	14 812,54	13 945,88	14 479,26
Pernambuco	20 641,08	21 595,68	19 797,20	24 907,11	16 075,39	15 002,48	14 960,56
Alagoas	19 692,61	20 675,25	18 920,86	23 987,13	15 414,60	14 382,99	14 398,37
Sergipe	18 994,68	19 680,20	18 467,74	23 504,75	15 128,03	14 111,32	14 214,21
Bahia	18 712,00	19 521,19	18 151,93	23 017,55	14 843,07	13 949,49	13 622,92
Minas Gerais	18 395,16	19 381,46	17 531,95	22 586,70	14 453,90	13 401,39	13 292,14
Espírito Santo	18 102,87	19 014,43	17 399,61	22 604,62	14 330,88	13 581,22	13 762,27
Rio de Janeiro	25 006,78	26 310,92	23 888,36	29 887,19	19 026,96	17 833,16	18 997,28
São Paulo	24 207,87	25 330,85	23 379,33	29 208,75	18 946,17	17 876,89	17 556,30
Paraná	20 874,34	21 738,39	20 250,58	25 281,65	16 498,26	15 550,59	15 780,49
Santa Catarina	20 381,85	21 330,03	19 701,33	24 553,31	15 946,82	15 069,57	14 927,17
Rio Grande do Sul	21 746,33	22 682,92	20 938,03	25 308,37	16 776,42	15 559,79	15 505,86
Mato Grosso do Sul	17 098,17	17 980,28	16 452,70	20 569,01	13 737,79	12 769,18	13 401,30
Mato Grosso	19 129,42	20 006,92	18 464,32	22 649,61	14 958,71	14 053,55	14 203,57
Goiás	16 630,27	17 436,65	16 025,37	19 954,27	13 347,76	12 433,99	12 734,69
Distrito Federal	19 891,74	21 046,24	18 913,95	24 294,51	15 602,28	14 401,32	13 976,88

**5 – VARIAÇÃO MENSAL DOS SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS,
SEGUNDO O BRASIL E OS MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS**

Mês de referência: maio/88

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	VARIAÇÃO MENSAL DOS SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS (%)				
	Armador	Bombeiro hidráulico	Carpinteiro de esquadrias	Carpinteiro de formas	Eletricista
BRASIL	34,21	25,30	29,35	34,90	30,20
Porto Velho	0,00	9,58	3,50	0,00	6,12
Rio Branco	17,89	16,18	20,00	20,00	18,48
Manaus	17,24	17,24	19,60	19,60	13,93
Boa Vista	8,19	0,00	2,04	9,16	4,20
Belém	16,19	16,19	16,21	16,19	16,21
Macapá	46,43	46,43	38,61	46,43	11,15
São Luís	20,67	21,66	22,96	20,67	12,57
Teresina	28,36	26,02	23,04	23,04	31,94
Fortaleza	14,76	16,10	16,02	16,00	16,20
Natal	4,61	7,37	4,61	4,61	7,58
João Pessoa	16,15	16,19	1,95	16,20	16,15
Recife	16,19	16,19	16,19	16,19	12,55
Maceió	55,34	58,40	55,90	55,90	58,40
Aracaju	20,01	20,01	20,01	20,01	20,01
Salvador	16,18	14,29	16,56	16,18	15,16
Belo Horizonte	15,51	20,74	14,80	15,21	20,15
Vitória	16,20	26,43	10,52	16,20	16,14
Rio de Janeiro	16,19	16,21	8,36	16,19	16,19
São Paulo	60,62	29,73	50,35	61,89	41,59
Curitiba	27,27	24,66	15,11	18,79	27,61
Florianópolis	33,48	32,74	43,49	33,79	37,98
Porto Alegre	0,00	18,02	9,09	9,78	21,88
Campo Grande	16,12	12,25	5,77	16,19	16,65
Cuiabá	18,00	34,40	38,03	21,49	25,45
Goiânia	60,57	60,57	60,57	60,57	60,57
Brasília	52,93	47,27	45,11	47,74	48,54

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	VARIAÇÃO MENSAL DOS SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS (%)				
	Ladriheiro	Mestre-de- obras	Pedreiro	Pintor	Servente
BRASIL	27,19	29,35	33,78	33,55	29,74
Porto Velho	7,96	0,00	0,00	5,28	9,41
Rio Branco	20,00	18,16	17,89	17,89	19,99
Manaus	8,98	6,13	17,24	16,71	20,38
Boa Vista	0,66	16,19	0,00	0,00	0,00
Belém	16,21	14,99	16,19	16,19	16,22
Macapá	61,33	37,82	57,61	46,43	46,41
São Luís	16,49	24,64	20,67	20,67	20,00
Teresina	24,98	21,74	23,04	33,91	24,13
Fortaleza	16,00	23,75	16,17	16,02	20,00
Natal	10,00	0,73	16,19	16,19	4,85
João Pessoa	16,19	16,19	16,20	16,17	16,19
Recife	15,02	5,59	19,35	16,19	16,22
Maceió	54,22	59,61	55,34	55,34	29,50
Aracaju	20,01	26,62	20,01	20,01	19,99
Salvador	15,55	18,25	16,18	15,68	20,00
Belo Horizonte	23,95	16,67	15,47	12,23	11,08
Vitória	16,17	16,21	16,20	16,20	16,20
Rio de Janeiro	10,62	25,59	16,19	16,19	16,20
São Paulo	42,97	44,38	58,78	55,43	53,00
Curitiba	16,67	11,52	20,31	27,01	16,25
Florianópolis	18,11	34,91	33,48	45,00	22,02
Porto Alegre	0,00	6,46	3,43	9,54	8,73
Campo Grande	16,67	7,13	16,05	17,50	18,18
Cuiabá	13,35	13,94	23,56	11,38	19,82
Goiânia	60,57	40,27	60,57	60,57	20,33
Brasília	43,76	35,17	51,92	52,93	47,86

**6 – SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS,
SEGUINDO O BRASIL E OS MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS**

Mês de referência: maio/88

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS				
	Armador	Bombeiro hidráulico	Carpinteiro de esquadrias	Carpinteiro de formas	Eletricista
BRASIL	83,05	90,97	84,08	84,07	96,70
Porto Velho	46,80	73,40	77,87	55,75	73,40
Rio Branco	53,77	58,23	49,32	49,32	53,54
Manaus	68,00	68,00	69,37	69,37	69,37
Boa Vista	150,00	150,00	150,00	150,00	150,00
Belém	63,30	63,30	63,31	63,30	63,31
Macapá	83,39	83,39	73,34	83,39	63,30
São Luís	60,83	60,83	62,50	60,83	63,30
Teresina	55,90	52,99	54,58	54,58	57,46
Fortaleza	52,00	52,65	52,57	52,57	52,65
Natal	50,61	49,81	50,61	50,61	65,00
João Pessoa	57,55	60,70	57,55	57,54	57,55
Recife	65,01	65,01	65,01	65,01	65,01
Maceió	60,97	86,47	63,70	63,70	86,47
Aracaju	58,00	58,00	58,00	58,00	58,00
Salvador	78,50	80,00	79,73	78,50	80,53
Belo Horizonte	70,00	83,30	76,95	70,00	81,28
Vitória	67,22	73,15	67,23	67,22	67,20
Rio de Janeiro	89,40	89,41	91,17	89,40	89,40
São Paulo	104,40	120,00	104,81	106,75	130,59
Curitiba	84,00	84,02	77,70	78,40	85,88
Florianópolis	93,50	73,99	97,00	97,00	97,00
Porto Alegre	60,74	78,48	60,00	67,37	109,18
Campo Grande	65,84	67,35	65,84	65,88	73,20
Cuiabá	59,00	70,99	65,91	59,37	69,99
Goiânia	61,00	61,00	61,00	61,00	61,00
Brasília	80,00	86,95	80,00	80,00	88,47

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS				
	Ladrilheiro	Mestre-de- obras	Pedreiro	Pintor	Servente
BRASIL	87,39	225,70	82,96	86,61	51,91
Porto Velho	73,40	110,00	55,75	73,40	36,38
Rio Branco	49,32	118,83	53,77	53,77	38,11
Manaus	63,21	144,93	68,00	69,37	43,00
Boa Vista	150,00	278,85	150,00	150,00	39,00
Belém	63,31	154,00	63,30	63,30	36,76
Macapá	83,39	123,53	83,39	83,39	56,82
São Luís	50,38	131,25	60,83	60,83	36,30
Teresina	54,43	135,62	54,58	57,85	37,55
Fortaleza	52,57	145,05	52,65	52,57	36,30
Natal	49,81	188,40	49,02	49,02	36,30
João Pessoa	65,59	120,84	57,54	57,54	36,75
Recife	65,01	198,58	65,01	65,01	47,64
Maceió	60,47	117,97	60,97	60,97	41,13
Aracaju	58,00	160,71	58,00	58,00	36,79
Salvador	79,73	225,40	78,50	79,47	36,30
Belo Horizonte	85,51	210,00	70,30	70,00	43,50
Vitória	69,32	161,95	67,22	67,22	43,12
Rio de Janeiro	90,85	286,74	89,40	89,40	55,03
São Paulo	112,23	285,43	104,70	113,29	64,87
Curitiba	84,00	145,00	77,00	84,02	51,15
Florianópolis	76,30	205,00	93,50	87,00	54,30
Porto Alegre	66,00	120,00	62,99	66,00	47,33
Campo Grande	70,00	189,62	65,80	65,80	49,35
Cuiabá	62,23	166,25	59,00	66,83	39,96
Goiânia	61,00	171,38	61,00	61,00	37,00
Brasília	80,00	280,14	80,00	80,00	51,50

7 - SALÁRIOS-HORA NOMINAIS E REAIS, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS

Período de referência: janeiro/87 a maio/88

(continua)

ANOS/MESES	SALÁRIOS-HORA NOMINAIS E REAIS (Cz\$)													
	Porto Velho		Rio Branco		Manaus		Boa Vista		Belém		Macapá		São Luís	
	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real

MESTRE-DE-OBRAS

1987

Janeiro	25,00	25,01	22,33	22,34	18,26	18,27	25,00	25,01	17,12	17,13	13,00	13,00	12,70	12,70
Fevereiro	32,50	28,54	25,50	22,39	20,50	18,00	37,50	32,93	18,85	16,55	14,30	12,56	12,53	11,00
Março	40,00	30,69	32,66	25,06	20,83	15,98	50,00	38,37	28,40	21,79	16,91	12,98	16,78	12,88
Abril	40,00	25,37	35,66	22,62	25,83	16,38	56,25	35,68	28,00	17,76	19,41	12,31	18,06	11,45
Maio	32,50	16,74	31,19	16,07	32,86	16,93	65,55	33,77	33,00	17,00	25,13	12,95	23,22	11,96
Junho	45,00	19,11	34,10	14,48	45,77	19,44	62,75	26,65	36,00	15,29	31,17	13,24	27,86	11,83
Julho	45,00	17,38	34,10	13,17	41,84	16,16	62,75	24,24	38,00	14,68	30,09	11,62	27,86	10,76
Agosto	45,00	16,54	41,67	15,32	45,09	16,57	62,75	23,07	39,76	14,62	30,16	11,09	29,83	10,96
Setembro	44,00	15,09	48,38	16,60	52,78	18,11	76,70	26,31	48,05	16,48	30,06	10,31	36,16	12,40
Outubro	50,00	15,47	48,39	14,97	63,80	19,74	81,20	25,12	54,39	16,83	32,61	10,09	39,33	12,17
Novembro	62,50	16,83	61,55	16,57	67,53	18,18	82,95	22,33	59,58	16,04	34,20	9,21	44,39	11,95
Dezembro	58,33	13,78	61,55	14,54	84,84	20,04	88,00	20,78	71,22	16,82	43,83	10,35	53,57	12,65

1988

Janeiro	68,00	13,50	66,96	13,29	79,58	15,80	108,19	21,48	82,51	16,38	46,58	9,25	55,18	10,96
Fevereiro	91,14	15,62	68,75	11,79	92,40	15,84	136,25	23,36	91,52	15,69	53,16	9,11	64,00	10,97
Março	91,66	13,31	80,41	11,67	117,53	17,06	172,50	25,04	106,24	15,42	77,14	11,20	83,34	12,10
Abril	110,00	13,49	100,57	12,34	136,56	16,75	240,00	29,44	133,93	16,43	89,63	11,00	105,39	12,93
Maio	110,00	11,41	118,83	12,33	144,93	15,04	278,85	28,93	154,00	15,98	123,53	12,82	131,25	13,62

ANOS/MESES	SALÁRIOS-HORA NOMINAIS E REAIS (Cz\$)													
	Teresina		Fortaleza		Natal		João Pessoa		Recife		Maceió		Aracaju	
	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real

MESTRE-DE-OBRAS

1987

Janeiro	16,43	16,44	18,75	18,76	23,50	23,51	15,60	15,61	27,24	27,25	11,13	11,13	17,55	17,56
Fevereiro	18,50	16,24	19,42	17,05	23,50	20,83	16,87	14,81	29,29	25,72	11,80	10,36	17,86	15,68
Março	20,67	15,86	25,00	19,18	23,75	18,22	22,47	17,24	35,71	27,40	12,55	9,63	22,92	17,59
Abril	21,43	13,59	28,14	17,85	35,00	22,20	22,47	14,25	36,00	22,83	16,53	10,48	23,54	14,93
Maio	25,72	13,25	28,13	14,49	41,00	21,12	22,46	11,57	42,37	21,83	18,00	9,27	29,17	15,03
Junho	30,86	13,11	45,00	19,11	50,40	21,41	26,96	11,45	50,00	21,24	30,17	12,81	34,00	14,44
Julho	30,86	11,92	45,00	17,38	60,00	23,18	26,96	10,42	51,78	20,00	30,17	11,66	36,01	13,91
Agosto	35,69	13,12	47,00	17,28	60,00	22,05	26,96	9,91	53,57	19,69	30,00	11,03	34,50	12,68
Setembro	45,41	15,58	52,06	17,86	61,02	20,93	36,30	12,45	66,86	22,94	30,89	10,60	40,98	14,06
Outubro	49,05	15,18	52,64	16,29	80,00	24,75	72,60	22,46	81,15	25,11	34,20	10,58	45,21	13,99
Novembro	53,38	14,37	50,00	13,46	83,21	22,40	72,60	19,55	85,00	22,88	34,97	9,41	53,84	14,49
Dezembro	59,38	14,02	54,31	12,83	86,72	20,48	72,00	17,01	78,17	18,46	38,04	8,98	70,71	16,70

1988

Janeiro	68,07	13,51	55,50	11,02	122,32	24,28	72,00	14,29	110,26	21,89	45,00	8,93	77,50	15,39
Fevereiro	77,85	13,35	62,60	10,73	129,33	22,17	73,36	12,58	132,57	22,73	54,74	9,38	85,00	14,57
Março	95,72	13,90	75,00	10,89	144,78	21,02	85,24	12,37	144,73	21,01	63,75	9,25	100,00	14,52
Abril	111,40	13,67	117,21	14,38	187,04	22,95	104,00	12,76	188,07	23,07	73,91	9,07	126,92	15,57
Maio	135,62	14,07	145,05	15,05	188,40	19,55	120,84	12,54	198,58	20,60	117,97	12,24	160,71	16,67

7 - SALÁRIOS-HORA NOMINAIS E REAIS, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS

Período de referência: janeiro/87 a maio/88

(continua)

ANOS/MESES	SALÁRIOS-HORA NOMINAIS E REAIS (Cz\$)													
	Salvador		Belo Horizonte		Vitória		Rio de Janeiro		São Paulo		Curitiba		Florianópolis	
	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real

MESTRE-DE-OBRAS

1987

Janeiro	21,50	21,51	31,66	31,67	25,00	25,01	32,81	32,82	39,57	39,58	20,23	20,24	37,50	37,51
Fevereiro	25,75	22,61	32,43	28,48	28,54	25,06	37,16	32,63	41,25	36,22	22,90	20,11	37,50	32,93
Março	33,75	25,90	37,75	28,97	30,00	23,02	40,00	30,69	48,00	36,83	25,00	19,18	37,50	28,78
Abril	37,50	23,79	37,75	23,94	31,00	19,66	45,00	28,54	61,39	38,94	27,00	17,13	40,00	25,37
Maió	42,00	21,64	49,00	25,24	37,46	19,30	50,40	25,96	65,00	33,49	32,50	16,74	48,00	24,73
Junho	48,85	20,75	56,30	23,91	51,84	22,02	65,73	27,92	72,75	30,90	38,75	16,46	61,30	26,04
Julho	52,00	20,09	56,30	21,75	51,84	20,03	64,84	25,05	72,75	28,11	39,50	15,26	61,30	23,68
Agosto	51,50	18,93	56,30	20,69	52,80	19,41	71,32	26,22	92,38	33,96	40,00	14,70	63,48	23,33
Setembro	68,00	23,33	64,83	22,24	54,60	18,73	77,80	26,69	97,14	33,32	48,50	16,64	67,24	23,07
Outubro	70,83	21,91	69,69	21,56	59,76	18,49	80,35	24,86	92,73	28,69	54,00	16,71	71,00	21,97
Novembro	75,00	20,19	90,71	24,42	79,27	21,34	87,25	23,49	110,72	29,81	58,00	15,61	71,00	19,11
Dezembro	84,00	19,84	101,81	24,05	86,56	20,44	99,85	23,58	95,83	22,63	65,00	15,35	82,14	19,40

1988

Janeiro	92,70	18,40	115,00	22,83	94,51	18,76	108,46	21,53	119,11	23,65	81,50	16,18	88,50	17,57
Fevereiro	113,75	19,50	132,00	22,63	103,22	17,89	140,28	24,05	155,00	26,57	96,50	16,54	115,88	19,86
Março	138,77	20,15	156,00	22,65	125,43	18,21	191,02	27,73	166,23	24,13	111,95	16,25	117,50	17,06
Abril	190,61	23,38	180,00	22,08	139,36	17,10	228,32	28,01	197,69	24,25	130,02	15,95	151,95	18,64
Maió	225,40	23,39	210,00	21,79	161,95	16,80	286,74	29,75	285,43	29,61	145,00	15,04	205,00	21,27

ANOS/MESES	SALÁRIOS-HORA NOMINAIS E REAIS (Cz\$)									
	Porto Alegre		Campo Grande		Cuiabá		Goiânia		Brasília	
	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real

MESTRE-DE-OBRAS

1987

Janeiro	18,94	18,95	37,50	37,51	29,18	29,19	29,55	29,56	30,00	30,01
Fevereiro	21,25	18,66	42,00	36,88	29,60	25,99	32,00	28,10	30,00	26,34
Março	26,00	19,95	43,50	33,38	33,33	25,58	37,50	28,78	40,00	30,69
Abril	27,00	17,13	46,00	29,18	34,16	21,67	33,33	21,14	40,00	25,37
Maió	30,55	15,74	52,08	26,83	37,50	19,32	34,17	17,60	50,00	25,76
Junho	39,00	16,56	60,00	25,48	40,12	17,04	43,22	18,36	63,50	26,97
Julho	42,50	16,42	60,00	23,18	47,12	18,20	46,50	17,96	63,50	24,53
Agosto	43,15	15,86	68,00	25,00	48,62	17,87	50,00	18,38	65,00	23,89
Setembro	44,74	15,35	72,00	24,70	55,50	19,04	55,00	18,87	70,77	24,28
Outubro	48,90	15,13	79,16	24,49	63,75	19,72	62,73	19,41	80,00	24,75
Novembro	51,30	13,81	90,00	24,23	66,30	17,85	63,75	17,16	81,66	21,98
Dezembro	57,00	13,46	90,00	21,26	72,50	17,12	67,50	15,94	99,50	23,50

1988

Janeiro	70,31	13,96	105,00	20,85	90,00	17,87	82,52	16,38	125,42	24,90
Fevereiro	72,10	12,36	115,00	19,71	106,17	18,20	90,19	15,46	139,52	23,92
Março	81,28	11,80	150,00	21,78	109,62	15,91	114,40	16,61	183,10	26,58

7 - SALÁRIOS-HORA NOMINAIS E REAIS, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS

Período de referência: janeiro/87 a maio/88

(continua)

ANOS/MESES	SALÁRIOS-HORA NOMINAIS E REAIS (Cz\$)													
	Porto Velho		Rio Branco		Manaus		Boa Vista		Belém		Macapá		São Luís	
	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real
PEDREIRO														
1987														
Janeiro	10,05	10,05	8,99	8,99	8,00	8,00	20,00	20,01	8,10	8,10	6,61	6,61	8,00	8,00
Fevereiro	19,50	17,12	10,00	8,78	9,80	8,61	27,50	24,15	9,11	8,00	6,78	5,94	8,04	7,08
Março	25,00	19,18	11,79	9,05	10,28	7,89	34,75	26,67	11,66	8,95	8,63	6,62	11,40	8,75
Abril	25,00	15,86	11,79	7,48	12,50	7,93	37,50	23,79	11,66	7,40	9,26	5,87	11,52	7,31
Maió	25,00	12,88	14,35	7,39	15,55	8,01	40,10	20,86	13,99	7,21	14,43	7,43	13,82	7,12
Junho	25,00	10,62	17,22	7,31	18,66	7,93	45,00	19,11	16,79	7,13	14,44	6,13	16,50	7,01
Julho	25,00	9,66	17,22	6,65	18,93	7,31	45,00	17,38	16,79	6,49	17,32	6,69	16,50	6,37
Agosto	25,00	9,19	17,22	6,33	18,66	6,86	45,00	16,54	17,83	6,55	17,32	6,37	18,50	6,80
Setembro	26,40	9,06	20,02	6,87	19,94	6,84	51,40	17,63	19,34	6,63	19,71	6,78	20,00	6,88
Outubro	27,90	8,63	21,44	6,63	23,08	7,14	54,46	16,85	21,19	6,56	20,63	6,38	22,00	6,81
Novembro	26,62	7,17	22,08	5,94	23,15	6,23	55,73	15,00	31,00	8,35	21,61	5,82	23,90	6,43
Dezembro	33,75	7,95	23,10	5,46	24,58	5,81	60,35	14,25	33,85	7,99	23,60	5,57	26,48	6,25
1988														
Janeiro	45,00	8,93	28,96	5,75	28,29	5,62	75,00	14,89	36,96	7,34	25,77	5,12	28,82	5,72
Fevereiro	48,00	8,23	28,96	4,96	38,13	6,54	100,00	17,14	40,36	6,92	28,14	4,82	35,75	6,13
Março	48,34	7,02	38,84	5,64	46,67	6,78	134,10	19,47	46,89	6,81	45,54	6,61	42,00	6,10
Abril	55,75	6,84	45,61	5,60	58,00	7,12	150,00	18,40	54,48	6,68	52,91	6,49	50,41	6,18
Maió	55,75	5,78	53,77	5,58	68,00	7,06	150,00	15,56	63,30	6,57	83,39	8,65	60,83	6,31

ANOS/MESES	SALÁRIOS-HORA NOMINAIS E REAIS (Cz\$)													
	Teresina		Fortaleza		Natal		João Pessoa		Recife		Maceió		Aracaju	
	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real
PEDREIRO														
1987														
Janeiro	5,37	5,37	6,27	6,27	5,50	5,50	6,50	6,50	7,50	7,50	6,26	6,26	6,43	6,43
Fevereiro	5,55	4,87	6,50	5,71	6,50	5,71	7,80	6,85	7,50	6,59	6,26	5,50	6,43	5,65
Março	7,31	5,61	7,50	5,76	8,00	6,14	7,80	5,99	9,00	6,91	7,51	5,76	9,12	7,00
Abril	8,82	5,59	8,34	5,29	9,10	5,77	8,92	5,66	10,80	6,85	8,46	5,37	9,12	5,78
Maió	10,00	5,15	10,00	5,15	10,92	5,63	11,23	5,79	12,98	6,68	9,02	4,65	10,94	5,64
Junho	12,00	5,10	12,00	5,10	13,10	5,56	13,48	5,73	15,55	6,60	14,75	6,26	13,13	5,58
Julho	12,00	4,64	12,00	4,64	13,10	5,06	13,48	5,21	15,55	6,01	14,75	5,70	13,13	5,07
Agosto	12,88	4,73	12,10	4,45	13,10	4,82	14,91	5,48	15,55	5,72	14,75	5,42	13,13	4,83
Setembro	15,00	5,15	14,33	4,92	15,34	5,26	18,15	6,23	19,00	6,52	16,97	5,82	16,00	5,49
Outubro	15,99	4,95	15,25	4,72	20,83	6,44	19,00	5,88	19,89	6,15	17,77	5,50	17,00	5,26
Novembro	17,84	4,80	17,87	4,81	20,83	5,61	28,18	7,59	20,82	5,61	18,60	5,01	20,78	5,59
Dezembro	21,12	4,99	18,63	4,40	22,75	5,37	29,47	6,96	22,73	5,37	20,31	4,80	24,35	5,75
1988														
Janeiro	25,53	5,07	21,32	4,23	24,84	4,93	33,53	6,66	32,62	6,48	22,18	4,40	29,97	5,95
Fevereiro	30,47	5,22	24,28	4,16	31,25	5,36	36,68	6,29	37,26	6,39	29,07	4,98	35,20	6,03
Março	38,16	5,54	27,12	3,94	36,31	5,27	42,62	6,19	43,29	6,28	33,78	4,90	41,57	6,03
Abril	44,36	5,44	45,32	5,56	42,19	5,18	49,52	6,08	54,47	6,68	39,25	4,82	48,33	5,93
Maió	54,58	5,66	52,65	5,46	49,02	5,09	57,54	5,97	65,01	6,74	60,97	6,33	58,00	6,02

7 - SALÁRIOS-HORA NOMINAIS E REAIS, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS

Período de referência: janeiro/87 a maio/88

(continua)

ANOS/MESES	SALÁRIOS-HORA NOMINAIS E REAIS (Cz\$)													
	Salvador		Belo Horizonte		Vitória		Rio de Janeiro		São Paulo		Curitiba		Florianópolis	
	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real
PEDREIRO														
1987														
Janeiro	10,05	10,05	12,00	12,00	9,30	9,30	10,00	10,00	14,00	14,01	12,00	12,00	15,88	15,89
Fevereiro	10,07	8,84	12,00	10,54	10,30	9,04	12,00	10,54	15,00	13,17	12,00	10,54	18,00	15,81
Março	14,25	10,93	14,40	11,05	11,63	8,92	13,00	9,98	16,00	12,28	13,00	9,98	18,30	14,04
Abril	14,25	9,04	15,00	9,51	12,50	7,93	13,00	8,25	18,00	11,42	13,00	8,25	20,98	13,31
Maió	17,10	8,81	17,29	8,91	14,54	7,49	15,60	8,04	20,49	10,56	16,00	8,24	24,50	12,62
Junho	20,52	8,72	20,73	8,80	18,36	7,80	18,72	7,95	24,85	10,55	20,24	8,60	29,40	12,49
Julho	20,52	7,93	20,75	8,02	18,00	6,95	18,72	7,23	24,70	9,54	20,62	7,97	29,40	11,36
Agosto	20,52	7,54	20,90	7,68	17,97	6,61	20,59	7,57	25,16	9,25	22,00	8,09	28,80	10,59
Setembro	23,81	8,17	24,23	8,31	19,89	6,82	24,30	8,34	28,00	9,61	25,00	8,58	29,58	10,14
Outubro	26,42	8,17	26,00	8,04	22,75	7,04	25,44	7,87	30,32	9,38	26,34	8,15	29,75	9,20
Novembro	27,50	7,40	34,07	9,17	32,92	8,86	26,63	7,17	34,03	9,16	28,85	7,77	29,75	8,01
Dezembro	30,03	7,09	37,20	8,79	35,95	8,49	29,09	6,87	38,00	8,98	32,00	7,58	38,50	9,09
1988														
Janeiro	43,09	8,55	40,76	8,09	39,24	7,79	32,00	6,35	43,50	8,64	40,40	8,02	46,33	9,20
Fevereiro	50,05	8,58	44,87	7,89	42,85	7,35	39,22	6,72	52,00	8,91	46,93	8,04	50,64	8,68
Março	58,15	8,44	52,39	7,61	49,79	7,23	66,22	9,61	59,00	8,57	55,50	8,06	58,16	8,44
Abril	67,57	8,29	60,88	7,47	57,85	7,10	76,94	9,44	65,94	8,09	64,00	7,85	70,05	8,59
Maió	78,50	8,14	70,30	7,29	67,22	6,97	89,40	9,28	104,70	10,86	77,00	7,99	93,50	9,70

ANOS/MESES	SALÁRIOS-HORA NOMINAIS E REAIS (Cz\$)									
	Porto Alegre		Campo Grande		Cuiabá		GoIânia		Brasília	
	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real
PEDREIRO										
1987										
Janeiro	9,04	9,04	12,00	12,00	9,40	9,40	7,50	7,50	7,00	7,00
Fevereiro	10,00	8,78	13,50	11,85	11,60	10,19	8,00	7,02	8,64	7,59
Março	11,75	9,02	14,00	10,74	13,25	10,17	10,00	7,67	8,93	6,85
Abril	12,96	8,22	14,40	9,13	14,40	9,13	10,48	6,65	9,00	5,71
Maió	16,00	8,24	18,00	9,27	14,33	7,38	13,00	6,70	15,00	7,73
Junho	18,72	7,95	20,60	8,75	16,83	7,15	15,60	6,63	18,00	7,64
Julho	21,00	8,11	22,00	8,50	18,72	7,23	15,60	6,03	18,00	6,95
Agosto	21,53	7,91	25,00	9,19	20,00	7,35	15,60	5,73	18,00	6,62
Setembro	23,07	7,91	26,02	8,93	21,92	7,52	17,50	6,00	20,70	7,10
Outubro	24,15	7,47	28,00	8,66	25,28	7,82	18,40	5,89	22,77	7,04
Novembro	26,79	7,21	32,00	8,62	26,00	7,00	19,60	5,28	22,77	6,13
Dezembro	29,92	7,07	35,00	8,27	28,61	6,76	21,22	5,01	27,14	6,41
1988										
Janeiro	34,09	6,77	39,00	7,74	35,41	7,03	23,27	4,62	33,98	6,75
Fevereiro	40,00	6,86	45,00	7,71	40,00	6,86	25,55	4,38	38,75	6,64
Março	48,40	7,03	48,00	6,97	40,73	5,91	32,99	4,79	45,32	6,58
Abril	60,90	7,47	56,70	6,96	47,75	5,86	37,99	4,66	52,66	6,46
Maió	62,99	6,54	65,80	6,83	59,00	6,12	61,00	6,33	80,00	8,30

7 – SALÁRIOS-HORA NOMINAIS E REAIS, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS DAS CAPITALIS

Período de referência: janeiro/87 a maio/88

(continua)

ANOS/MESES	SALÁRIOS-HORA NOMINAIS E REAIS (Cz\$)													
	Porto Velho		Rio Branco		Manaus		Boa Vista		Belém		Macapá		São Luís	
	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real
SERVENTE														
1987														
Janeiro	5,32	5,32	5,21	5,21	5,57	5,57	12,00	12,00	4,75	4,75	3,85	3,85	4,02	4,02
Fevereiro	12,25	10,76	6,25	5,49	6,12	5,37	11,00	9,66	5,22	4,58	4,36	3,83	4,02	3,53
Março	13,75	10,55	7,69	5,90	6,87	5,27	15,00	11,51	6,84	5,25	6,03	4,63	5,70	4,37
Abril	12,50	7,93	7,69	4,88	8,14	5,16	17,00	10,78	6,84	4,34	6,31	4,00	5,70	3,62
Maió	10,50	5,41	9,09	4,68	9,78	5,04	20,15	10,38	8,21	4,23	10,43	5,37	6,87	3,54
Junho	12,00	5,10	10,92	4,64	12,06	5,12	20,15	8,56	9,84	4,18	10,50	4,46	8,21	3,49
Julho	12,00	4,64	10,92	4,22	12,43	4,80	24,00	9,27	9,84	3,80	12,60	4,87	8,25	3,19
Agosto	12,00	4,41	13,25	4,87	12,96	4,76	24,00	8,82	10,88	4,00	11,55	4,25	9,25	3,40
Setembro	15,62	5,36	14,65	5,03	15,62	5,36	26,00	8,92	11,81	4,05	13,77	4,72	10,00	3,43
Outubro	15,62	4,83	14,13	4,37	16,81	5,20	27,27	8,44	12,80	3,96	14,63	4,53	11,26	3,48
Novembro	15,62	4,21	15,59	4,20	17,26	4,65	28,55	7,69	18,00	4,85	14,66	3,95	12,50	3,37
Dezembro	17,87	4,22	16,36	3,86	18,76	4,43	22,65	5,35	19,65	4,64	17,51	4,14	15,00	3,54
1988														
Janeiro	30,87	6,13	22,47	4,46	21,71	4,31	27,00	5,36	21,46	4,26	19,13	3,80	18,75	3,72
Fevereiro	28,00	4,80	23,54	4,04	27,23	4,67	27,72	4,75	23,43	4,02	22,00	3,77	22,00	3,77
Março	28,00	4,06	27,30	3,96	30,35	4,41	32,00	4,65	27,23	3,95	33,40	4,85	26,00	3,77
Abril	33,25	4,08	31,76	3,90	35,72	4,38	39,00	4,78	31,63	3,88	38,81	4,76	30,25	3,71
Maió	36,38	3,77	38,11	3,95	43,00	4,46	39,00	4,05	36,76	3,81	56,82	5,90	36,30	3,77

ANOS/MESES	SALÁRIOS-HORA NOMINAIS E REAIS (Cz\$)													
	Teresina		Fortaleza		Natal		João Pessoa		Recife		Maceió		Aracaju	
	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real
SERVENTE														
1987														
Janeiro	4,02	4,02	4,02	4,02	3,90	3,90	4,15	4,15	5,50	5,50	4,02	4,02	4,06	4,06
Fevereiro	4,02	3,53	4,02	3,53	4,02	3,53	4,15	3,84	5,50	4,83	4,22	3,71	4,06	3,56
Março	5,70	4,37	5,70	4,37	5,70	4,37	5,70	4,37	6,60	5,06	5,70	4,37	5,75	4,41
Abril	5,70	3,62	5,70	3,62	7,00	4,44	5,97	3,79	7,92	5,02	5,70	3,62	5,75	3,65
Maió	6,84	3,52	6,84	3,52	8,40	4,33	7,17	3,69	9,50	4,89	6,84	3,52	6,90	3,55
Junho	8,21	3,49	8,21	3,49	10,08	4,28	8,60	3,65	11,40	4,84	9,95	4,23	8,29	3,52
Julho	8,21	3,17	8,21	3,17	10,08	3,89	8,60	3,32	11,40	4,40	9,95	3,84	8,29	3,20
Agosto	8,21	3,02	8,21	3,02	10,08	3,71	9,52	3,50	11,40	4,19	9,95	3,66	8,29	3,05
Setembro	10,00	3,43	10,00	3,43	12,06	4,14	11,96	4,10	14,25	4,89	11,82	4,05	10,10	3,46
Outubro	11,00	3,40	11,00	3,40	16,37	5,06	12,52	3,87	14,92	4,62	12,37	3,83	11,11	3,44
Novembro	12,50	3,37	12,50	3,37	16,37	4,41	18,00	4,85	15,62	4,21	12,95	3,49	12,68	3,41
Dezembro	15,00	3,54	15,00	3,54	17,89	4,23	18,82	4,45	17,06	4,03	15,00	3,54	15,21	3,59
1988														
Janeiro	18,75	3,72	18,75	3,72	19,53	3,88	21,45	4,26	23,85	4,74	18,75	3,72	19,05	3,78
Fevereiro	22,55	3,87	22,00	3,77	22,00	3,77	23,43	4,02	27,30	4,68	23,10	3,96	22,30	3,82
Março	26,00	3,77	22,00	3,19	26,00	3,77	27,22	3,95	31,72	4,60	27,30	3,96	26,35	3,83
Abril	30,25	3,71	30,25	3,71	34,62	4,25	31,63	3,88	40,99	5,03	31,76	3,90	30,66	3,76
Maió	37,55	3,90	36,30	3,77	36,30	3,77	36,75	3,81	47,64	4,94	41,13	4,27	36,79	3,82

7 - SALÁRIOS-HORA NOMINAIS E REAIS, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS DAS CAPITALS

Período de referência: janeiro/87 a maio/88

(conclusão)

ANOS/MESES	SALÁRIOS-HORA NOMINAIS E REAIS (Cz\$)													
	Salvador		Belo Horizonte		Vitória		Rio de Janeiro		São Paulo		Curitiba		Florianópolis	
	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real

SERVENTE

1987

Janeiro	4,62	4,62	6,76	6,76	5,77	5,77	6,00	6,00	8,75	8,75	7,50	7,50	9,50	9,50
Fevereiro.....	4,62	4,06	7,20	6,32	6,25	5,49	7,00	6,15	9,45	8,30	7,75	6,81	10,00	8,78
Março.....	5,70	4,37	8,40	6,45	7,27	5,58	8,00	6,14	10,25	7,87	8,39	6,44	10,35	7,94
Abril.....	5,70	3,62	8,64	5,48	8,00	5,07	8,00	5,07	11,00	6,98	8,65	5,61	12,21	7,74
Maió.....	6,84	3,52	10,36	5,34	9,00	4,64	9,60	4,95	13,53	6,97	10,00	5,15	14,50	7,47
Junho.....	8,21	3,49	12,48	5,30	10,94	4,65	11,52	4,89	15,12	6,42	14,02	5,95	16,25	6,90
Julho.....	8,21	3,17	12,45	4,81	10,94	4,23	11,52	4,45	15,50	5,99	14,02	5,42	17,76	6,86
Agosto.....	8,73	3,21	12,50	4,59	11,38	4,18	12,67	4,66	15,50	5,70	15,00	5,51	18,72	6,88
Setembro.....	10,00	3,43	14,60	5,01	12,77	4,38	15,37	5,27	17,50	6,00	16,75	5,75	19,32	6,63
Outubro.....	11,00	3,40	15,77	4,88	14,09	4,36	16,09	4,98	19,00	5,88	18,12	5,61	20,00	6,19
Novembro.....	12,50	3,37	21,21	5,71	21,12	5,69	16,85	4,54	21,70	5,84	20,00	5,38	20,00	5,38
Dezembro.....	15,00	3,54	23,15	5,47	23,06	5,45	18,40	4,36	24,15	5,70	22,00	5,20	26,00	6,14

1988

Janeiro	18,75	3,72	25,30	5,02	25,18	5,00	20,34	4,04	27,18	5,40	27,75	5,51	29,28	5,81
Fevereiro.....	22,00	3,77	27,65	4,74	27,49	4,71	24,15	4,14	31,00	5,31	32,00	5,49	33,21	5,69
Março.....	26,00	3,77	33,52	4,87	31,94	4,64	40,76	5,92	36,89	5,36	40,00	5,81	35,00	5,08
Abril.....	30,25	3,71	39,16	4,80	37,11	4,55	47,36	5,81	42,40	5,20	44,00	5,40	44,50	5,46
Maió.....	36,30	3,77	43,50	4,51	43,12	4,47	55,03	5,71	64,87	6,73	51,15	5,31	54,30	5,63

ANOS/MESES	SALÁRIOS-HORA NOMINAIS E REAIS (Cz\$)									
	Porto Alegre		Campo Grande		Cuiabá		Goiânia		Brasília	
	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real	Nominal	Real

SERVENTE

1987

Janeiro	6,79	6,79	8,00	8,00	6,00	6,00	4,72	4,72	5,10	5,10
Fevereiro.....	7,00	6,15	8,75	7,68	7,60	6,67	5,50	4,83	6,00	5,27
Março.....	8,00	6,14	9,00	6,91	7,85	6,02	6,50	4,99	6,00	4,60
Abril.....	8,66	5,49	9,60	6,09	9,00	5,71	7,40	4,69	6,00	3,81
Maió.....	10,59	5,46	10,20	5,25	9,84	5,07	8,00	4,12	9,70	5,00
Junho.....	13,82	5,67	12,00	5,10	10,64	4,52	9,60	4,08	11,64	4,94
Julho.....	14,50	5,60	13,00	5,02	12,00	4,64	9,60	3,71	11,64	4,50
Agosto.....	15,02	5,52	15,52	5,70	12,30	4,52	9,60	3,53	11,64	4,28
Setembro.....	16,26	5,58	18,00	6,18	14,28	4,90	11,19	3,84	13,78	4,73
Outubro.....	17,03	5,27	20,00	6,19	16,21	5,02	11,78	3,84	15,16	4,69
Novembro.....	17,86	4,81	20,84	5,61	17,00	4,58	12,53	3,37	15,16	4,08
Dezembro.....	21,50	5,08	24,00	5,67	18,22	4,30	15,00	3,54	18,07	4,27

1988

Janeiro	24,03	4,77	27,00	5,36	23,00	4,57	18,75	3,72	22,62	4,49
Fevereiro.....	30,00	5,14	30,00	5,14	25,03	4,29	22,00	3,77	25,80	4,42
Março.....	36,30	5,27	33,11	4,81	29,00	4,21	27,30	3,96	29,99	4,35
Abril.....	43,53	5,34	41,76	5,12	33,35	4,09	30,75	3,77	34,83	4,27
Maió.....	47,33	4,91	49,35	5,12	39,96	4,15	37,00	3,84	51,50	5,34

ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

ESTIMATIVAS EM JUNHO PARA A PRODUÇÃO DAS LAVOURAS E EM MAIO PARA A PRODUÇÃO ANIMAL

O IBGE está divulgando os resultados das estimativas em junho, das safras agrícolas para o corrente ano, bem como os dados de produção animal relativos ao mês de maio.

O Levantamento Sistemático da Produção Agrícola — LSPA — para junho, apresenta variações significativas na produção de alguns produtos em relação ao mês anterior: cebola (+ 7,05%), mamona (- 11,19%) e tomate (+ 5,28%). O aumento na produção de cebola adveio quase totalmente das variações, para mais, na área colhida e no rendimento médio obtido em Santa Catarina. Quanto à mamona, o decréscimo apresentado na estimativa de produção não é preocupante, considerando-

-se que ainda se espera um grande aumento (+ 78,52%) em relação a 1987. O que preocupa é a situação da agroindústria mamonera de São Paulo, que, segundo as informações locais, tem diminuído as compras do produto e apresentado casos de indústrias desativadas.

O acréscimo na produção esperada do tomate (+ 5,28%) deveu-se quase exclusivamente ao aumento da área plantada em São Paulo, Estado responsável por cerca de 33% da área plantada no País.

Em relação ao ano de 1987, o LSPA prevê que a produção nacional de grãos no corrente ano superará em 2,15 milhões de toneladas (3,32%) a produção anterior, com destaque para o feijão (57,51%), a mamona (78,52%), o algodão arbóreo e herbáceo em caroço (37,66%), o arroz (14,00%) e a soja (7,11%). Apresentando decréscimo na produção sobressaem o amendoim (- 14,29%), o milho (- 6,34%) e o trigo (- 6,56%). Sobre esses dados, vale assina-

lar que pode ainda haver importantes alterações nos próximos meses.

Quanto aos demais produtos, a produção nacional em relação a 1987 pouco difere da apresentada em maio, sendo que, dos produtos com taxas de crescimento negativas, preocupa o decréscimo na produção de mandioca (-7,71%) e da cebola (-7,26%). Com relação à mandioca, pode haver ainda uma modificação na situação atual, em face da entrada da safra paranaense a partir do presente mês. Para a batata-inglesa — 1ª safra, cana-de-açúcar e fumo, as estimativas de maio mantiveram-se praticamente constantes, esperando-se um crescimento de 4,39%, 2,95% e 14,46% nas suas produções respectivas. Para o tomate as estimativas indicam um aumento de 8,26% na produção.

No que concerne à produção animal, os dados de abate de animais e de produção de leite, em maio, evidenciam uma evolução, em linhas gerais, já sinalizada no primeiro quadrimestre.

O abate de bovinos prosseguiu acentuado em função dos baixos preços dos produtos pecuários, prevalentes no mercado. O destaque mais uma vez foi o sacrifício de matrizes, que atingiu 419 mil cabeças, correspondendo a um acréscimo de 38,7% em relação à matança de maio de 1987. Maio é tradicionalmente o mês de abate intenso de matrizes, geralmente porque os animais alcançam o pico de peso, mas o percentual de 36% significa que razões também de ordem econômica e não meramente biológica (fim do período de fecundidade das vacas) estão a influir na decisão do pecuarista de diminuir o rebanho. A antecipação da estação fria, caracterizada por frentes frias e geadas em alguns estados sulinos, trouxe um novo alento aos pecuaristas, já que promoveu a alta de preços no fim do mês de maio. Por outro lado, o prenúncio de inverno longo e rigoroso induz o criador a encaminhar o maior número possível de animais para abate, de modo a evitar perda de peso na entressafra. Esta é a razão por que a oferta de carne é mais elevada nos meses que ante-

cedem a entressafra, fato, aliás, comprovado pelo incremento de 16,3% no abate global de bovinos em maio.

A escalada dos custos de produção de aves e suínos, provocada pelas altas intensas e consecutivas do milho e do farelo de soja, vem influenciando o desempenho dos criatórios, de tal modo que acusaram registros negativos (-2,7% para suínos e -3,6% para aves) em maio. Se no caso das carnes de aves a taxa negativa no mês significa a continuidade no processo de redução de produção deflagrado pelos avicultores, no caso da carne de suínos, evidencia decisões idênticas dos suinocultores em trilhar o mesmo caminho de frear a produção. Para a população em geral, no entanto, tal retrocesso na produção de carnes substitutas, poderá significar um transtorno a mais já que indiretamente favorece a alta mais intensa dos preços da carne bovina, na entressafra.

A produção de leite, apoiada pela política governamental de reajustes mensais de preços, prosseguiu crescente em maio, registrando um aumento de 6% em relação ao mesmo período de 1987. No acumulado, o aumento de 13,2% no pentamestre, pode significar que a produção de leite destinada às indústrias ultrapassará a casa dos nove bilhões de litros em 1988. O baixo poder de compra da população, cujos sinais no setor revelam-se pelas dificuldades das indústrias laticínias em colocar seus produtos no mercado, pode, no entanto, vir a contrariar essa previsão otimista.

As informações disponíveis em junho para as lavouras permitem um exercício especulativo quanto à taxa de crescimento do PIB deste subsetor, em 1988, que se situa em torno de zero.

Quanto à produção animal, é prematuro tomar-se o desempenho verificado até maio (8,9%) como representativo do resultado anual. De todo modo, apenas a título de exercício, sua inclusão no cálculo do PIB elevaria a taxa de crescimento da agropecuária para cerca de 3,5%.

1 — ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO — CONFRONTO
DAS SAFRAS DE 1987 COM AS ESTIMATIVAS PARA 1988
Brasil

Junho/88

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA (ha)		
	Colhida (safra/87)	Plantada (safra/88)	Variação (%)
Total	43 284 133	45 298 038	4,65
Algodão herbáceo (em caroço).....	1 276 600	1 767 797	38,48
Amendoim (em casca) 1.ª safra.....	109 968	71 617	-34,87
Arroz (em casca)	6 000 016	5 967 793	-0,54
Batata-inglesa — 1.ª safra.....	99 214	105 941	6,78
Cana-de-açúcar (1).....	4 232 448	4 329 105	2,28
Cebola.....	75 364	71 112	-5,64
Feijão (em grão) 1.ª safra.....	2 875 819	3 444 986	19,79
Fumo (em folha)	273 375	264 096	-3,39
Mamona	263 341	272 646	3,53
Mandioca (1).....	1 934 811	1 761 199	-8,97
Milho (em grão)	13 499 445	13 176 988	-2,39
Soja (em grão).....	9 131 621	10 561 588	15,66
Tomate.....	57 267	60 461	5,58
Trigo (em grão).....	3 454 844	3 442 706	-0,35

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	Obtida (safra/87)	Esperada (safra/88)	Variação (%)	Obtido (safra/87)	Esperado (safra/88)	Variação (%)
Total	-	-	-	-	-	-
Algodão herbáceo (em caroço).....	1 611 994	2 141 325	32,84	1 263	1 211	-4,12
Amendoim (em casca) 1.ª safra.....	153 687	129 156	-15,96	1 398	1 803	28,97
Arroz (em casca)	10 425 100	11 883 965	13,99	1 738	1 991	14,56
Batata-inglesa — 1.ª safra.....	1 349 690	1 408 987	4,39	13 604	13 300	-2,23
Cana-de-açúcar (1).....	265 151 425	272 963 753	2,95	62 647	63 053	0,65
Cebola.....	856 921	794 704	-7,26	11 370	11 175	-1,72
Feijão (em grão) 1.ª safra.....	1 045 878	1 806 223	72,70	364	524	43,86
Fumo (em folha)	380 878	435 940	14,46	1 393	1 651	18,52
Mamona	106 809	190 676	78,52	406	699	72,17
Mandioca (1).....	23 499 957	21 688 995	-7,71	12 146	12 315	1,39
Milho (em grão)	26 786 647	25 088 660	-6,34	1 984	1 904	-4,03
Soja (em grão).....	16 978 832	18 186 510	7,11	1 859	1 722	-7,37
Tomate.....	2 040 368	2 208 929	8,26	35 629	36 535	2,54
Trigo (em grão).....	6 099 111	5 698 889	-6,56	1 765	1 655	6,23

FONTE — IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Agropecuária (Levantamento Sistemático da Produção Agrícola).

NOTA — Não foram consideradas, nos totais referentes à safra/87, as Unidades da Federação que ainda não forneceram a primeira estimativa para a safra 88, da forma como se segue: cana-de-açúcar (Bahia), fumo (Bahia), tomate (Amazonas).

(1) Área destinada à colheita.

**2 – ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO – CONFRONTO
DAS ESTIMATIVAS MAIO-JUNHO
Brasil**

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA (ha)			Junho/88		
	Maio	Junho	Variação (%)			
Total	45 102 689	45 102 694	0,00			
Algodão herbáceo (em caroço).....	1 759 368	1 756 787	-0,15			
Amendoim (em casca) 1ª safra	71 617	71 617	-			
Arroz (em casca)	6 004 499	5 967 793	-0,61			
Batata-inglesa – 1ª safra.....	105 846	105 941	0,09			
Cana-de-açúcar (1).....	4 330 171	4 329 105	-0,02			
Cebola	68 368	71 112	4,01			
Feijão (em grão) 1ª safra	3 462 961	3 444 986	-0,52			
Fumo (em folha)	264 099	264 096	0,00			
Mamona	316 378	272 646	-13,82			
Mandioca (1)	1 706 534	1 696 481	-0,59			
Milho (em grão)	13 089 858	13 176 988	-0,67			
Soja (em grão).....	10 523 101	10 561 588	0,37			
Tomate.....	57 400	60 461	5,33			
Trigo (em grão).....	3 342 489	3 323 093	-0,58			

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	Maio	Junho	Variação (%)	Maio	Junho	Variação (%)
Total	-	-	-	-	-	-
Algodão herbáceo (em caroço).....	2 134 670	2 134 638	0,00	1 213	1 215	0,16
Amendoim (em casca) 1ª safra	129 156	129 156	-	1 803	1 803	-
Arroz (em casca)	11 972 658	11 883 965	-0,74	1 994	1 991	-0,15
Batata-inglesa – 1ª safra.....	1 407 836	1 408 987	0,08	13 301	13 300	-0,01
Cana-de-açúcar (1).....	273 046 936	272 963 753	-0,03	63 057	63 053	-0,01
Cebola	742 396	794 704	7,05	10 859	11 175	2,91
Feijão (em grão) 1ª safra	1 822 227	1 806 223	-0,88	526	524	-0,38
Fumo (em folha)	435 526	435 940	0,10	1 649	1 651	0,12
Mamona	214 693	190 676	-11,19	679	699	2,95
Mandioca (1)	21 048 309	20 921 545	-0,60	12 334	12 332	-0,02
Milho (em grão)	24 684 466	25 088 660	-1,64	1 886	1 904	-0,95
Soja (em grão).....	17 983 609	18 186 510	1,13	1 709	1 722	0,76
Tomate.....	2 098 144	2 208 929	5,28	36 553	36 535	-0,05
Trigo (em grão).....	5 602 390	5 554 342	-0,86	1 676	1 671	-0,30

FONTE – IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Agropecuária (Levantamento Sistemático da Produção Agrícola).

NOTA – Além das Unidades da Federação que ainda não forneceram a primeira estimativa para a safra/88, foram excluídas aquelas que passaram a informar em junho para fins de comparação, como se segue: algodão herbáceo (Pará), cana-de-açúcar (Bahia), fumo (Bahia), mandioca (Amazonas), tomate (Amazonas), trigo (Santa Catarina e Distrito Federal).

(1) Área destinada à colheita.

3 – SAFRA DE 1988 DE CEREAIS E LEGUMINOSAS, E OLEAGINOSAS
COMPARAÇÃO ENTRE A SAFRA/87 E AS ESTIMATIVAS PARA 1988
Brasil, Centro-Sul e Norte-Nordeste

Junho/88

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (1 000 t)		
	Centro-Sul e Rondônia		
	Safra/87	Junho/88	Variação (%)
CEREAIS E LEGUMINOSAS			
Arroz	9 201	9 552	3,81
Feijão – 1ª safra	901	1 103	22,42
Feijão – 2ª safra	520	569	9,42
Feijão – 3ª safra	123	131	6,50
Milho	25 905	22 487	-13,19
Trigo	6 099	5 699	-6,58
Aveia, centeio e cevada	375	394	-5,07
Sorgo	439	327	-25,51
Total	43 563	40 262	-7,58
OLEAGINOSAS			
Caroço de algodão (arbóreo e herbáceo)	1 037	1 215	17,16
Amendoim – 1ª safra	153	128	-16,34
Amendoim – 2ª safra	36	33	-8,33
Mamona	47	35	-25,53
Soja	16 820	17 777	5,69
Total	18 093	19 188	6,05
Total Geral	61 656	59 450	-3,58

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (1 000 t)					
	Norte-Nordeste			Total		
	Safra/87	Junho/88	Variação (%)	Safra/87	Junho/88	Variação (%)
CEREAIS E LEGUMINOSAS						
Arroz	1 224	2 332	90,52	10 425	11 884	14,00
Feijão – 1ª safra	144	703	388,19	1 045	1 806	72,82
Feijão – 2ª safra	317	652	105,68	837	1 221	45,88
Feijão – 3ª safra	-	-	-	123	131	6,50
Milho	882	2 602	195,01	26 787	25 089	-6,34
Trigo	-	-	-	6 099	5 699	-6,58
Aveia, centeio e cevada	-	-	-	375	394	5,07
Sorgo	14	37	164,29	453	364	-19,85
Total	2 581	6 326	145,10	46 144	46 588	0,96
OLEAGINOSAS						
Caroço de algodão (arbóreo e herbáceo)	134	397	196,27	1 171	1 612	37,66
Amendoim – 1ª safra	0,5	0,8	80,00	154	129	-16,23
Amendoim – 2ª safra	6	6	-	42	39	-7,14
Mamona	59	156	164,41	106	191	80,19
Soja	159	410	157,86	16 979	18 187	7,11
Total	359	970	170,19	18 452	20 158	9,25
Total Geral	2 940	7 296	148,16	64 596	66 746	3,33

4 – ABATE DE ANIMAIS, PRODUÇÃO DE LEITE E DE OVOS
Janeiro/Maio de 1987 e de 1988

ABATE DE ANIMAIS, PRODUÇÃO DE LEITE E DE OVOS	QUANTIDADE				
	Maio/87	Abril/88	Maio/88	Janeiro/ maio/87	Janeiro/ maio/88
LEITE (1) (2)	684 044	738 956	725 058	3 603 215	4 078 158
Pasteurizado					
Vendido ao público.....	269 756	284 018	287 965	1 317 335	1 470 148
Industrializado na empresa	301 729	331 871	314 147	1 713 994	1 913 446
Resfriado ou não					
Vendido ao público.....	149	124	116	847	667
Vendido a outras empresas	112 410	122 943	122 828	571 039	693 895
ABATES (3)					
Bovinos.....	213 485	227 553	248 291	975 170	1 111 451
Suínos	62 489	54 194	60 809	269 475	288 566
Aves.....	109 480	94 579	105 528	530 693	512 616
OVOS (4) (5)	-	-	-	288 856	281 678
ABATE DE ANIMAIS, PRODUÇÃO DE LEITE E DE OVOS	TAXAS DE CRESCIMENTO				
	<u>Maio/88</u> maio/87	<u>Maio/88</u> abril/88	<u>Maio/88</u> abril/88	<u>Janeiro/malo/88</u> janeiro/maio/87	<u>Janeiro/malo/88</u> janeiro/maio/87
LEITE (1) (2)		6,0	- 1,9		13,2
Pasteurizado					
Vendido ao público.....		6,8	1,4		11,6
Industrializado na empresa		4,1	- 5,4		11,6
Resfriado ou não					
Vendido ao público.....		- 20,8	- 4,8		- 21,3
Vendido a outras empresas		9,3	- 0,1		21,5
ABATES (3)					
Bovinos.....		16,3	9,1		14,0
Suínos		- 2,7	12,2		7,1
Aves.....		- 3,6	11,6		- 3,4
OVOS (4) (5)		-	-		- 2,5

(1) Leite beneficiado e industrializado. (2) Mil litros. (3) Peso total das carcaças (t). (4) Quantidade produzida (mil dúzias). (5) Dados preliminares.

A MORTALIDADE INFANTIL NO BRASIL NOS ANOS 80

Celso Cardoso da Silva Simões*

Luiz Patrício Ortiz**

O objetivo principal deste estudo foi o de avaliar os reflexos sobre a mortalidade infantil, da crise econômica ocorrida no País, durante os primeiros anos da presente década.

É analisada, inicialmente, a evolução de um conjunto de indicadores econômicos e sociais cobrindo o período que vai de 1979 a 1985 com o objetivo explícito, de não só entender o contexto em que se deu a crise, mas, também, proceder a algumas relações com as estimativas efetuadas, para o período, da mortalidade infantil.

A hipótese que norteou o estudo é que a crise econômica não se deu de forma homogênea em todo o território nacional. Os indicadores apresentados mostraram que ela foi mais intensa naquelas regiões onde predominam os setores produtivos mais dinâmicos da economia. No entanto, a idéia de que a piora das condições de vida de uma população, durante um período de curto tempo, tenderia a se refletir imediatamente no seu padrão de saúde, deve ser considerada com certa cautela, tendo em vista as

especificidades próprias de cada região brasileira.

Apesar de os indicadores econômicos e sociais terem mostrado que a recessão econômica atingiu com mais intensidade aquelas regiões mais dinâmicas do País, nestas, as estatísticas de mortalidade infantil apresentam tendências sempre declinantes ao longo do período. O aumento de nível registrado em 1984, nas Regiões Sul e Sudeste (Tabela 1) não chega a ser significativo a ponto de ser considerado como efeito da crise. Por exemplo, em São Paulo esse aumento ocorreu somente na Região Metropolitana e, principalmente, no município da Capital, devido à epidemia de sarampo, ocasionada mais por problemas administrativos do que como resultado da crise.

No caso específico das regiões mais dinâmicas do País, esta desassociação entre a crise econômica e a mortalidade infantil deve-se, fundamentalmente, à existência na área, de toda uma infra-estrutura de saneamento básico e assistencial, bem como devido ao nível mais elevado de instrução das

* Demógrafo do Departamento de Estatísticas e Indicadores Sociais — IBGE.

** Demógrafo da Fundação Sistema Estadual de Análises de Dados — SEADE-SP.

NOTAS — 1. Resumo do Estudo apresentado em São Paulo no Seminário sobre Ajuste Econômico e a Infância no Brasil — patrocinado pelo UNICEF e organizado pela FEA-USP.

2. O texto completo deverá sair publicado na série Texto para Discussão.

mulheres aí residentes, de conhecimentos básicos de higiene, que não são despeitados imediatamente numa época de crise. Neste sentido, cabe aqui relembrar a expansão da rede geral de água e esgotamento sanitário ocorrida durante a década de 70 e mantida durante os primeiros anos 80, em especial nestas áreas (Tabela 2). O mesmo fenômeno se repete com a ampliação da oferta de recursos médicos e do número de estabelecimentos de saúde (Tabela 3), em especial aqueles voltados para o atendimento às populações infantis. Precisaria que a crise tivesse durado vários anos, para que realmente produzisse efeitos sobre este patrimônio, numa escala suficientemente grande para se refletir numa elevação da mortalidade infantil. O máximo que podemos aceitar é uma certa estabilização nos níveis de mortalidade durante aquele período mais crítico, devido às adversidades enfrentadas pela população. Tanto é assim, que já a partir de 1985 a mortalidade infantil foi reduzida, acentuadamente, em todas as áreas.

No caso das regiões menos desenvolvidas, principalmente na Região Nordeste, é onde se observam aumentos da mortalidade infantil durante os anos de 1983 e 1984. Nesta região, os indicadores econômicos e sociais mostram que apesar de não se terem alterados substancialmente os níveis de renda de sua população, é bom lembrar que estes são bastante baixos quando comparados aos que prevalecem na Região Centro-sul do País.

Por outro lado, historicamente, é elevada a proporção de pessoas ocupadas em atividades econômicas precárias, onde o acesso à proteção da legislação trabalhista e previdenciária é reduzido. Existe ainda o agravante de que, nesse período, a região passou por sérias dificuldades devido à seca com a conseqüente piora das condições de vida da população.

Finalmente, é bom lembrar que esta região, ao contrário do Centro-sul não dispõe de condições mínimas de saneamento básico, principalmente de esgoto variável, importante na redução da mortalidade, que segundo os dados da PNAD-84, teve inclusive uma piora deste serviço conforme é mostrado na tabela. Acreditamos que o conjunto destes fatores deve explicar grande parte

do aumento ocorrido na mortalidade infantil nesta região.

Associação entre o nível de instrução da mãe e os valores declinantes da mortalidade infantil, principalmente nas regiões onde os sistemas de saúde são mais adiantados e abrangentes, parece, por si só, confirmar a poderosa influência desses sistemas sobre os processos recentes de redução da mortalidade infantil.

Estima-se que atualmente a mortalidade infantil no Brasil esteja por volta de 53 óbitos infantis em cada mil nascidos vivos. Embora a Região Nordeste continue registrando os maiores índices — ao redor de 75% — 41% mais elevados que a média nacional, observa-se que, durante estes últimos anos, essa diferença vem reduzindo-se gradativamente. A Região Sul, onde a mortalidade infantil chega aos 37%, continua apresentando a menor taxa do País. Entretanto, neste período, tem-se reduzido significativamente a diferença na mortalidade infantil entre esta região e a Região Nordeste.

Nas regiões metropolitanas, o nível mais elevado de mortalidade no primeiro ano de vida continua sendo registrado na Região Metropolitana de Fortaleza — 66%, enquanto que a menor mortalidade corresponde às Regiões Metropolitanas do Sul e Sudeste do País — 38%.

O fato de que a diminuição da mortalidade infantil não apresente um padrão uniforme, nem através do tempo, nem segundo as regiões geográficas, mostra, por uma parte, as deterioradas condições de saúde em que se encontram, ainda, muitas crianças do Brasil, especialmente aquelas residentes no Norte e Nordeste do País; e, por outra, que especialmente as políticas governamentais não apresentam o mesmo grau de eficiência; isto, possivelmente, devido a que tais medidas estão sujeitas a fatores regionais e políticos que comprometem sua eficiência, sendo novamente as áreas do Norte e Nordeste as mais prejudicadas.

Apesar da efetiva e intensa influência das políticas de saúde e saneamento sobre o declínio da mortalidade no Brasil, existem áreas onde estes serviços são bastante escassos, persistindo aí níveis ainda considerados muito elevados de mortalidade, especialmente em classes e estratos sociais

mais pobres e/ou menos instruídos, mesmo naquelas áreas onde o desenvolvimento econômico é mais acentuado.

Neste sentido, além da intensificação das políticas já existentes no campo da saúde, assistência médica e saneamento básico,

deve-se refletir na necessidade de implementação de políticas de cunho mais social e econômico, a fim de que a tendência declinante da mortalidade infantil prossiga até atingir níveis minimamente aceitáveis internacionalmente.

1 – TAXAS DE MORTALIDADE INFANTIL, SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES E AS REGIÕES METROPOLITANAS – 1980/86

GRANDES REGIÕES E REGIÕES METROPOLITANAS	TAXAS DE MORTALIDADE: (‰)						
	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986
Brasil	76,2	69,7	62,7	63,8	68,2	55,0	53,0
Norte	60,1	58,5	52,6	63,5	63,8	56,2	58,4
Belém	51,1	43,9	39,9	36,2	43,2	37,4	37,1
Nordeste	120,1	109,3	91,1	101,1	113,7	81,6	74,7
Fortaleza	104,6	97,6	82,7	93,3	99,5	72,6	66,2
Recife	83,9	68,0	65,3	67,8	74,3	61,4	59,8
Salvador	55,9	48,5	49,5	52,5	52,9	43,8	44,6
Sudeste	53,6	50,1	47,8	44,9	46,5	39,4	38,4
Belo Horizonte	58,1	52,9	55,2	48,2	48,0	46,8	40,2
Rio de Janeiro	49,2	45,8	41,8	40,8	45,0	37,5	37,5
São Paulo	54,1	53,5	51,7	44,7	50,6	38,4	38,6
Sul	54,7	47,5	42,8	39,0	44,4	38,6	37,0
Curitiba	70,6	51,3	46,1	44,6	46,2	42,1	38,7
Centro-Oeste	59,0	56,5	39,4	62,9	47,1	45,5	40,7

FONTE — IBGE, Estatísticas do Registro Civil do Brasil, 1980/86.

2 – PROPORÇÃO DE DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES, COM REDE GERAL DE ESGOTO OU FOSSA SÉPTICA, SEGUNDO A REGIÃO NORDESTE, AS DEMAIS REGIÕES E A SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO — 1970/84

REGIÃO NORDESTE, DEMAIS REGIÕES E SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO	PROPORÇÃO DE DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES, COM REDE GERAL DE ESGOTO OU FOSSA SÉPTICA (%)				
	1970	1980	1982	1983	1984
Brasil	26,6	39,6	43,1	44,9	46,1
Urbano	44,2	53,2	56,1	57,9	58,8
Rural	2,0	7,1	6,5	6,4	7,6
Região Nordeste	8,0	17,0	13,8	16,4	15,8
Urbano	38,5	30,1	23,9	27,7	26,5
Rural	0,3	2,9	1,8	2,2	2,1
Demais regiões	34,2	47,9	54,1	55,3	57,1
Urbano	51,0	58,9	64,2	65,5	66,8

FONTE — IBGE, Censo Demográfico e Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios — PNAD.
NOTA — Exclusivo os domicílios da área rural da Região Norte nas PNADs de 1982 a 1984.

3 – NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS DE SAÚDE, COM DISCRIMINAÇÃO DOS QUE DISPÕEM DE SERVIÇOS DE PEDIATRIA, SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES – 1981/84

GRANDES REGIÕES	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS DE SAÚDE					
	Total			Com serviços de pediatria		
	1981	1984	Δ(%)	1981	1984	Δ(%)
Brasil.....	21 762	27 952	28,4	12 989	15 774	21,5
Norte	871	1 593	82,9	540	793	46,9
Nordeste.....	6 093	8 384	37,6	3 395	4 247	25,1
Sudeste.....	9 702	10 982	13,2	5 612	6 371	13,5
Sul.....	3 794	4 860	28,1	2 488	3 117	25,3
Centro-Oeste.....	1 302	1 733	33,1	950	1 246	31,2

FONTE – IBGE, Estatísticas de Saúde, Assistência Médico-Sanitária – AMS.

NOTA – Para informações, dirigir-se ao Departamento de Estatísticas e Indicadores Sociais (DEISO), Rua Visconde de Niterói, 1246, Bloco B, 11º andar, telefone: 248-3191.